

O LIVRO DOS INSULTOS

(versão incompleta)

**H.L.
MENCKEN**

“H. L. Mencken é o cidadão privado mais poderoso da América.”

New York Times, 1926

O Livro dos Insultos de H. L. Mencken é uma reunião — pela primeira vez no Brasil — das polêmicas explosivas do mais famoso jornalista americano das décadas de 20 e 30. Suas idéias sobre política, moral, religião, cultura e a estupidez humana aplicam-se hoje como nunca. Os “anos Mencken” continuam.

A seguir uma amostra de insultos:

“Todo homem decente se envergonha do governo sob o qual vive.”

“A democracia é a arte e a ciência de administrar o circo a partir da jaula dos macacos.”

“A fé pode ser definida em resumo como uma crença ilógica na ocorrência do improvável.”

“Pelo menos numa coisa homens e mulheres concordam: nenhum deles confia em mulheres.”

“A monogamia mata a paixão — e a paixão é o mais perigoso de todos os inimigos da suposta *civilização*.”

“Se Roosevelt achar que converter-se ao canibalismo pode lhe render votos, mandará engordar um missionário no quintal da Casa Branca.”

“Todo artista de alguma dignidade é contra seu próprio país. Pense em Dante, Tolstoi, Shakespeare, Rabelais, Cervants, Swift e Mark Twain.”

Henry Louis Mencken (1880-1956) foi uma *glasnost* na vida cultural dos EUA, nas primeiras décadas do século XX. Abominava o sentimentalismo de “revista de moças”, prevalecente na literatura americana, o religiosismo e o eufemismo. Dava o nome aos bois, como a tudo mais, como o Deus de Adão e Eva, das Escrituras. Seus artigos no *Baltimore Sun*, jornal provinciano que tornou mundialmente conhecido, e em revistas que editou, *The Smart Set* (Gente Esperta) e *American Mercury*, dinamitaram o caminho para escritores como Sinclair Lewis e Theodore Dreiser, pilares do realismo americano. Sem Mencken, o país não estaria aplainado para F. Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, nos anos 20.

Edmundo Wilson reconhece que Mencken (a quem dedicou vários ensaios na revista *New Yorker*) foi o precursor do modernismo e da modernidade americana. Em *Rumo à Estação Finlândia*, compara, nas devidas proporções, o impacto mundial de Marx e Engels à presença de Mencken e de Goerge Jean Nathan (seu companheiro e crítico de teatro: descobriu Eugene O’Neill, Tennessee Williams e Arthur Miller) nos



EUA. Foi Mencken que fez Wilson ler Henric Ibsen e Bernard Shaw, que no fim do século explodiram a cultura convencional. Mencken “fez a cabeça” da juventude do seu tempo, diz Wilson.

Nada de solene em Mencken. Ele era um jornalista literário e um satírico, por excelência. O espetáculo da estupidez humana “fazia o dia dele”, como *Rambo* faz o de Ronald Reagan (babamos de antecipação frustrada em imaginar o que Mencken diria de Reagan). Chamava o sul dos EUA de “Saara do Bozart” (trocadilho de bobo com Mozart). Ridicularizava, em particular, os fundamentalistas cristãos. Faz o estado do Tennessee mundialmente célebre e infame quando, em 1925, descreveu o julgamento do professor secundário, John Scopes, que ensinava Darwin em biologia e não a Bíblia. E Mencken também não gostava dos ricos exibicionistas daqui. Chamava-os de *Boobosie*.

Os ensaios reunidos neste livro dão uma dimensão variada do estilo e incisividade de Mencken. Em pessoa, ele era mais conservador do que por escrito. Sua idéia de uma noite feliz era ouvir e tocar Brahms e Schubert, se bem que ele e Nathan (autor da frase “bebo para tornar os outros interessantes”) tomaram pileques hométicos, enquanto riam dos outros. Mencken é atualíssimo. O mundo regrediu para a jequice de que Lee tirou os EUA. Que ao menos ressuscite sua prosa neste livro.

Paulo Francis.

O Jornalista, crítico e filólogo Henry Lois Mencken nasceu em Baltimore, Maryland, no dia 12 de setembro de 1880 e estudou no Baltimore Polytechnic. Casou-se, em 28 de agosto de 1930, com Sara Powell Haardt, que faleceu em 21 de maio de 1935. Tendo começado sua carreira jornalística como repórter, Mencken veio a exercer cargos editoriais diversos jornais e revistas. Morreu em sua cidade natal na noite de 28 para 29 de janeiro de 1956.

ÍNDICE

A mente iconoclasta – Ruy Castro

1. *Homo sapiens*
 - A vida do homem
 - O lugar do homem na natureza
 - Meditação sobre a meditação
2. *Tipos de homens*
 - O romântico
 - O cético
 - O crédulo
 - O operário
 - O médico
 - O cientista

O empresário
O rei
O metafísico
O homem médio
O dono da verdade
O parente
O contraparente
O amigo
O filósofo
O altruísta
O iconoclasta
O chefe de família
O solteiro
O homem perfeito
O eterno macho
O escravo

3. *Mulheres*
A mente feminina
Mulheres fora-da-lei
A mulher fria
Intermezzo sobre a monogamia
A libertina
A isca da beleza

4. *Religião*
Funcionários da fé
O secretariado cósmico
A natureza da fé
A restauração da beleza
O colapso do protestantismo
Imune
Um novo uso para as igrejas
Livre arbítrio
Meditação de sábado
A imortalidade da alma
Quod est veritas?
Sagrada escritura
Cerimônia memorial

5. *Moral*
A origem da moralidade
O bom cidadão
De novo, o livre arbítrio

6. *Morte*
Sobre o suicídio

7. *Governo*
Sua natureza interior
Mais sobre o assunto
8. *Democracia*
Últimas palavras
9. *Homens em combate*
Valentino
Sobre jornalismo
Dempsey versus Carpentier
10. *Economia*
Àquele que tem
Capitalismo
11. *Psicologia*
A mente do escravo
A turba
A arte eterna
12. *Tempos modernos*
Zôos
Retrato de um mundo ideal
O periélio da Proibição
Os avanços da civilização
Trabalhar para o governo
13. *A literatura dolorosa*
A nova poesia
Sobre o estilo
O escritor trabalhando
14. *Literati*
Poe
Mark Twain
Ambrose Bierce
Joseph Conrad
15. *Música*
Beethoven
Wagner
Tempo di valse
Johann Strauss
Ópera
16. *Artes menores*

Pintura
O artista
Reflexão sobre a arte dramática
Arrière-Pensée

17. Bufonarias
Um aniversário esquecido
Pater Patriae
Sugestões a nossos visitantes

18. Sententiae
A mente do homem
Masculum et feminam creavit Eos
O cidadão e o Estado
Arcana Coelestia
Isto e aquilo
Os dez escritores mais chatos de todos os tempos

Mais sobre Mencken
Fontes bibliográficas
Índice remissivo

Sobre jornalismo
Dempsey *versus* Carpentier

19. Democracia
Valentino
Sobre jornalismo
Dempsey *versus* Carpentier

A MENTE ICONOCLASTA

Ruy Castro

Como é possível que o maior iconoclasta de seu tempo tenha sido também uma espécie de ídolo popular? Normalmente os dois conceitos se auto-excluem. Pois H. L. Mencken (1880-1956) foi as duas coisas e achava isto muito natural. Nenhum outro jornalista nos Estados Unidos, antes ou depois dele, foi tão lido com um temor sádico e com tanta adoração masoquista. Mencken conseguiu isto sem

fazer a menor concessão ao *boobus americanus*, ou seja, o típico pateta que ele via no homem da rua, escravizado por superstições, platitudes e medos – em suma, seus próprios leitores comuns. E com menos concessões ainda aos poderosos (políticos, clérigos, juizes), cuja desonestidade, hipocrisia e mediocridade ele vergastava com uma audácia do tamanho da sua autoridade. Mencken transtornou a cabeça dos americanos a respeito de *todos* os assuntos nos anos 20, a partir da grande e pequena imprensa – e, o que é mais importante, conseguindo com que suas idéias não fossem embrulhadas junto com o peixe no dia seguinte.

“O mais poderoso cidadão privado na América hoje em dia”, sentenciou o New York Times em 1926, e com razão: escrevendo para a minoria educada, usando palavras tiradas do fundo do baú e carregando nas hipérboles engraçadíssimas, Mencken tinha do mata-mosquito aos intelectuais como seu público. Talvez não fosse *tão* poderoso quanto William Randolph Hearst, mas Hearst nunca foi exatamente um cidadão, exceto na cabeça de Orson Welles, e sim um conglomerado ambulante de jornais e revistas. O poder de Mencken residia na sua independência para defender causas tão antipáticas que deviam provocar urticárias nos donos dos jornais em que escrevia, sem ser editado, repreendido ou censurado. (Muitas destas causas estão neste *Livro dos Insultos*.) O espaço que conquistara junto à opinião pública americana, numa época bastante favorável à sua artilharia de diatribes, o tornava tão forte quanto os poderosos que atacava. Edmundo Wilsson, fã de Mencken, nunca entendeu como um jornalista isolado podia ter conseguido isto e continuar vivo. Não combinava com nenhum figurino conhecido.

Devia haver alguma coisa em Baltimore, no estado de Maryland, para que lá nascessem H. L. Mencken, Billie Holiday e Wallis Simpson, três cartas difíceis de se encaixar em qualquer baralho. O pai de Mencken, por exemplo – um próspero alemão comerciante de charutos –, queria que o filho assumisse os seus negócios ao sair da universidade. Mas cometeu um erro: deu ao jovem Henry Louis, em 1889, uma pequena impressora manual. Foi o que bastou para que Mencken nunca se interessasse por charutos, a não ser para fumá-los, e saísse do ginásio, aos dezoito anos, diretamente para a redação do *Morning Herald*, de Baltimore, como foca. Primeira missão? Cobrir um enforcamento. Aos 25 anos, em 1905, Mencken já era o editor do jornal. A *universidade* das ruas e redações custou-lhe a sola do sapato, mas deu-lhe um invejável currículo em disciplinas como política, religião, costumes, crime e corrupção, além de ensiná-lo a escrever como ninguém. Não é desta material que se fazem (ou, pelo visto, se faziam) os jornalistas?

Em 1906, Mencken trocou o *Herald* pelo concorrente *Evening Sun*, também de Baltimore, que ele ajudou a criar e no qual ficaria por toda a carreira. Colunas assinadas eram coisa rara naquele tempo, mas, quando ele conquistou a sua no *Sun*, 1910, a imprensa americana teve de mudar seus hábitos. Todos os outros jornais queriam ter um Mencken – de preferência, domesticável aos interesses, conveniências e solicitações de seus proprietários. Eles não entenderam bem o espírito da coisa. Mencken, com uma só mão, passou como um tratos sobre todos os colonistas que tentaram imita-lo.

Mas sua outra mão escondia um chicote de veludo. Ninguém esperava que o terrível iconoclasta se voltasse, e com a mesma contundência, para a área

cultural. Sem o menor medo de errar, Mencken enterro inúmeros medalhões da literatura; desconfiou da reputação de Dostoiévski, D. H. Lawrence e Henry James; rebaixou praticamente toda a poesia à 2ª divisão; desprezou olímpicamente a pintura, o cinema e a música popular; enfim, aplicou detefon em tudo que considerava *inferior*. Mas, se tirava de um lado, dava de outro. As duas revistas que fundou e editou com o crítico de teatro George Jean Nathan entre 1920 e 1934, *Smart Set* e *American Mercury*, revelaram ou estabeleceram escritores desconhecidos ou subestimados como Theodore Dreiser (depois Mencken admitiu que Dreiser *merecia* ser subestimado), Joseph Conrad (foi o primeiro a se apaixonar por *O Coração das Trevas*), Eugene O'Neill, Henry Miller, Richard Wright, James T. Farrell, Dorothy Parker e até James Joyce, embora Mencken fosse alérgico a experimentalismos. (Na realidade publicou contos de Joyce, mas deu-lhe o calote.) Para manter *Smart Set* à tona, Mencken e Nathan fundaram *Black Mask* em 1920, uma *pulp magazine* com algum verniz; em seis meses, ganharam dinheiro com ela, venderam-na e salvaram *Smart Set*. Anos depois, *Black Mask* iria revelar Dashiell Hammett e Raymond Chandler.

Ao contrário do que podia parecer, as emboscadas de Mencken na área cultural não eram às cegas. Para um, autodidata americano de sua época, ele ostentava uma erudição capaz de abestalar os que procuravam pêlo em ovo nos seus julgamentos. Além das línguas convencionais, Mencken lia em grego, latim e alemão e, durante a Segunda Guerra, quando se afastou da grande imprensa, produziu o monumental *The American Language* – um livro de filologia com o qual queria, simplesmente, cravar uma estaca na arrogância dos ingleses sobre o uso da língua. Por vários fatores (ver adiante), Mencken é mais lembrado hoje nos Estados Unidos como filólogo do que como polemista... Se isto não for a revanche do *establishment*, ele consultou a cartomante errada.

Mencken era um imã para polêmicas, e sabia aproveitá-las. Em 1925 caiu-lhe às mãos o recorte de um jornal de Dayton, no Tennessee, anunciando o julgamento próximo de John Thomas Scopes, um professor de ciências acusado de violar uma lei estadual que proibia o ensino de qualquer teoria sobre a criação do homem que não fosse a das Escrituras. Scopes tinha falado em Darwin para seus alunos de ginásio, o que o tornava candidato a vários anos de cadeia ou a ser queimado em praça pública, o que preferisse. Mencken viu naquilo o ranço dos fundamentalistas, uma fanática seita evangélica para quem os dinossauros só se extinguíram porque não cabiam na arca de Noé. Com o argumento de que era a liberdade de pensamento e de expressão que estava em jogo, Mencken convenceu o *Sun* a contratar Clarence Darrow, o mais famoso advogado criminal de sua geração, para defender Scopes. Os fundamentalistas contra-atacaram com o reforço do bibliólatra e três vezes candidato derrotado à Presidência dos Estados Unidos, William Jennings Bryan, na acusação. (Bryan era também famoso por sustentar que o homem não era um mamífero.) E, naturalmente, Mencken foi cobrir o caso, esfregando as mãos.

Seus telegramas diários para o *Sun* incendiaram o país. Em poucos dias, a minúscula Dayton estava infestada de repórteres, e o telégrafo da cidade não chegava para as encomendas. Mas, apesar da brilhante atuação de Darrow, as coisas pareciam pretas para Scopes: o parcialíssimo tribunal local impedia que a defesa alegasse inconstitucionalidade da lei. O que importava era que Scopes

ensinara que o homem descendia do macaco. (Mencken sugeriu que os macacos é que devveriam ter processado Scopes.) Ignorando as ameaças de agressão, Mencken fazia gato e sapato dos fundamentalistas, garantindo que eles seriam capazes até de acreditar que Jonas é que engolir a baleia, se isto estivesse escrito na Bíblia. Dos comentários mordazes de Mencken, Darrow tirou a idéia que viraria o placar: chamou o próprio oponente Bryan, ao Baco das testemunhas e sabatinou-o sobre a sua grande especialidade – o Gênesis.

Bryan, a princípio seguro, enrolou-se de tal forma em contradições que, apertado por Darrow, foi obrigado a admitir que qualquer um podia pensar como quisesse. O julgamento terminaria ali. Scopes foi condenado, mas à ridícula multa de 100 dólares, paga pelo *sun*. Uma semana depois, Bryan, desmoralizado, morreu de enfarte. Em 1960, o caso virou um filme de Stanley Kramer, *O Vento Será tua Herança*, com Spencer Tracy como Darrow, Fredric March como Bryan e o *Miscast* Gene Kelly como Mencken, num papel que seria uma uva para Walter Matthau. A lei só foi revogada em 1967.

Mencken não apenas farejava notícias; às vezes, era ele próprio a notícia. Seu casamento em 1930, aos 50 anos, com a escritora Sara Haardt, rendeu primeira página em centenas de jornais, por ser a inesperada capitulação do mais renitente solteirão americano, numa época em que a solteirice era sinônimo de homossexualismo. Na verdade, Mencken era um boêmio e garanhão que se orgulhava de pertencer à “aristocracia do celibato”. (Quando se casaram, Mencken e Sara sabiam que ela, tuberculosa, só tinha mais três anos de vida; teve cinco, graças em boa parte à dedicação dele; Mencken também era capaz de sentimentos, se não houvesse alguém olhando.)

Anos antes, Mencken foi declarado *persona non grata* no estado de Arkansas por causa de um longo artigo, “The Sahara of the Bozarts”, no qual esfolava os nativos como ignorantes pelo seu desprezo às *beaux-arts*. Os sulistas o chamaram de preconceituoso, o que Mencken realmente era, tanto que deu o título de *Prejudices* a uma série de seus livros, nos quais não poupava nem sua própria cidade, Baltimore – “um lugar onde as pessoas trocam de camisa uma vez por dia e de preconceito uma vez por geração”. Não que Mencken fosse mais flexível em suas birras: mais de uma vez proibiu os editores do *Sun* de indicar qualquer artigo seu para prêmio Pulitzer, que classificava de “lixo”.

A Presença de Mencken começou a ficar palpável até dentro da ficção. Sinclair Lewis inspirou-se confessadamente nele para escrever *Babbitt*, *Main Street* e *Elmer Gantry*, nos quais diversos personagens parecem falar pela boca de Mencken. Em *O Sol Também se Levanta (Fiesta)*, de 1926, Hemingway faz seu narrador dizer: “Quem determina o que os jovens gostam ou não é Mencken”. (O engraçado é que Mencken não gostava do então endeusado Hemingway, a quem considerava um pastel de vento, concedendo-lhe no máximo “um bom ouvido para escrever diálogos” – mais ou menos o que restou de Ernest hoje.) E era em Mencken que Anita Loos estava pensando ao escrever, em 1925, a sua devastadora sátira sobre a burrice masculina, *Gentlemen Prefer Blondes*. Loos não se conformava com o fato de que um homem com a cabeça de Mencken vivesse correndo atrás de louras idiotas como Lorelei Lee, quando poderia estar perfeitamente casado com ela, Anita. Mencken, que a tinha na condição de mascote, ajudou na publicação de *Gentlemen Prefer Blondes*, o qual acabou na

cabeceira de – ora, vejam só! – James Joyce. O ego do Anita mudou-se para um duplex, mas Mencken continuou preferindo as louras.

Seu raio de ação parecia desconhecer limites. Escolha alguém ou algum assunto que você gostaria de ver insultado: governantes, políticos, burocratas, religiosos, empresários, moralistas, corruptos, idealistas, românticos, filósofos, racistas, crédulos, professores, psicólogos, atores, poetas, pintores, jornalistas, etc. E ponham nisto um etc. por atacado. Mencken deixou toda tão nua quanto um osso ao sol, com uma lógica de fazer sombra à de Bernard Shaw e um poder verbal de fogo e enxofre não muito diferente do de Nietzsche – aliás, duas de suas raras admirações. Como outro ídolo seu, Mark Twain, Mencken “aquecia sua pena no inferno” para ridicularizar o que considerava a estupidez e a covardia congênitas do ser humano. Para alguns, ele foi o primeiro “ditador literário” dos Estados Unidos. Edmund Wilson, que preferia classificá-lo de um “crítico social”, chegou a compará-lo a Marx em *Rumo à Estação Finlândia*: “Seu alvo era toda a vida intelectual de uma nação”. (Uma comparação certamente velhaca de Wilson, sabendo que Mencken era antimarxista até a última gota de uísque.)

Jornalista de combate, mais famoso agnóstico de seu tempo (durante as Lei Seca, sugeriu aos padres que trocassem o vinho da comunhão por Coca-Cola), e carrasco das idéias feitas – com todo este estoque de balas no cinturão, Mencken nunca deixou de imprimir a tudo que escrevia uma característica que desarmava mesmos seus piores inimigos: o humor. Chamaram-no de “o W. D. Fields do jornalismo”. E até nisto era maravilhosamente perverso: Mencken soprava *antes* de morder. Alistair Cooke acha que o lado humorístico de Mencken tende a crescer à medida que suas idéias vão sendo deixadas para trás. Cooke se engana: o humor de Mencken sempre foi reconhecido. Quanto a suas idéias, elas ainda parecem perfeitamente aplicáveis num país que tem Ronald Reagan na Presidência, televangelistas como Jerry Falwell e um símbolo nacional Chamada Michael Jackson. *A era de Mencken*, como foram chamados os anos 20, não termina: os *boobs* não deixam.

Mas há sempre um *blacklash* na vida de todo polemista, e o de Mencken foi feio. Seus inimigos que espreitavam na esquina, à espera de um *deslize*, se fartaram. Mencken, que se gabava de nunca ter elogiado um presidente americano, tomou particular assinatura contra Franklin Roosevelt: “Se ele achar que converter-se ao canibalismo pode lhe render votos, mandará engordar um missionário no quintal da Casa Branca para quarta-feira”. Ou: “Um demagogo prometendo transformar os Estados Unidos numa vaca leiteira com 125 milhões de tetas” (a população americana em 1933). Quando os Estados Unidos nadavam em prosperidade, nos anos 20, os ataques que Mencken à direita e à esquerda ecoavam sentimentos populares; na bancarrota pós-1929, com Roosevelt prometendo a recuperação econômica, o ceticismo de Mencken passou a ser rotulado de reacionário. Mencken estava sendo apenas coerente com sua convicção de que, nas horas de desespero, a *booboisie* se ajoelha aos pés do primeiro camelo de esperança. De certa forma tinha razão, porque o que salvou Roosevelt – e os Estados Unidos – não foi o *New Deal*, e sim a guerra. Sem esta, que tirou os desempregados das ruas para construir armamentos, provavelmente custaria a haver uma galinha em cada panela.

A ascensão de Hitler ao poder na Alemanha também não tornou as coisas mais fáceis para Mencken. Já na Primeira Guerra, o sentimento antigermânico nos Estados Unidos tinha tomado tal caráter hidrófobo que não apenas o ensino do alemão foi proibido nas escolas públicas, como até a palavra *sauerkraut* (chucrute) foi banida dos dicionários e menus, sendo substituída por *cabbage* (repolho). Mencken podia ser de origem alemã, mas tinha horror a repolho – e quem não teria, dispondo das ostras, tartarugas e patos selvagens da baía de Chesapeake, perto de Baltimore? Mas a esquerda dos anos 30 tomou a aversão de Mencken aos ingleses e o seu pé atrás em relação a qualquer regime organizado, inclusive o democrático, como um flerte com o nazismo. Na realidade, Mencken não acreditava no cheiro de pólvora (“O exército alemão não tem poder de fogo”, escreveu) e essa subestimação fez com que demorasse a compreender que Hitler era uma ameaça. Foi acusado de “patriotismo insuficiente”.

A outra culpa que tentaram atribuir-lhe, a de anti-semita, era mais grosseira. Mencken, na verdade, antipatizava com todos os grupos étnicos nos Estados Unidos – a começar pela maioria anglo-saxã. Chamava os brancos racistas do Sul de “sulistas suínos” e até classificava os seus próprios ancestrais alemães como tendo “o nível cultural de verdureiros”. Seria o caso de perguntar se Mencken não poderia ser acusado também de anti-suíno ou antiverdureiros. “Toques de anti-semitismo eram comuns entre escritores da década de 20, em menor ou maior grau”, comenta Joseph Epstein, obviamente judeu e – não é interessante? – ardente admirador de Mencken... Epstein cita como exemplos Scott Fitzgerald, e. e. cummings, T. S. Eliot, Hemingway e Dreiser, embora isto certamente não desculpe Mencken. A diferença é a de que, ao contrário dos outros, Mencken não era dirigidamente anti-semita, nem no sentido clássico, nem no religioso. Neste departamento, aliás, podia ser considerado tão anti-semita quanto anticatólico, além de ser infinitamente mais antiprotestante do que qualquer outra coisa – esta, sim, uma militância que ele desempenhou com fidelidade canina até o fim.

A guerra e a idade limaram-lhe alguns dentes, mas não todos. Em sua última coluna no *Sun*, em 1948, Mencken descarregou sua agressividade contra as autoridades de Maryland, que haviam prendido um grupo de negros e brancos integracionistas jogando tênis numa quadra de Baltimore. “Já é tempo de que as relíquias da Ku-Klux-Klan, agora sob os auspícios oficiais, sejam varridas deste estado”, escreveu. Poucos dias depois teve o derrame que o deixou incapaz de ler e escrever – permitindo-lhe ironicamente continuar funcionando a contento no resto. Um resto que ele entregou a Beethoven e a Johnny Walker.

Quando morreu de enfarte, em 1956, a grande dificuldade dos redatores de seus obituários foi a de escolher uma classificação que melhor o definisse. Repórter, crítico, colunista, editor, polemista, escritor, filólogo, humorista? Eu escolheria todas.

HOMO SAPIENS

A VIDA DO HOMEM

A velha noção antropomórfica de que todo o universo se centraliza no homem – de que a existência humana é a suprema expressão do processo cósmico – parece galopar alegremente para o balaio das ilusões perdidas. O fato é que a vida do homem, quanto mais estudada à luz da biologia geral, parece cada vez mais vazia de significado. O que no passado, deu a impressão de ser a principal preocupação e obra-prima dos deuses, a espécie humana começa agora a apresentar o aspecto de um subproduto acidental das maquinações vastas, inescrutáveis e provavelmente sem sentido desses mesmos deuses.

Um ferreiro fabricando uma ferradura produz também algo quase tão brilhante e misterioso – uma chuva de faísca. Mas seus olhos e pensamentos, como sabemos, não estão nas faíscas, e sim na ferradura. As faíscas, na verdade, constituem uma espécie de doença da ferradura; sua existência depende de um desperdício de seus tecidos. Da mesma maneira, talvez o homem seja uma doença localizada no cosmos – uma espécie de eczema ou uretrite pestífera. Existem, é claro, diferentes graus de eczemas, assim como há diferentes graus de homens. Sem dúvida, um cosmos afligido por uma infecção de Beethovens jamais precisaria de um médico. Mas um cosmos infestado por socialistas, escoceses ou corretores da Bolsa deve sofrer como o diabo. Não é surpresa que o sol seja tão quente e a lusa tão diabeticamente verde.

O LUGAR DO HOMEM NA NATUREZA

Como já disse, a teoria antropomórfica do mundo revelou-se absurda diante da moderna biologia – o que não quer dizer, naturalmente, que um dia a tal teoria será abandonada pela grande maioria dos homens. Ao contrário, estes a abraçarão à medida que ela se tornar cada vez mais duvidosa. De fato, hoje, a teoria antropomórfica ainda é mais adotada do que nas eras de obscurantismo, quando a doutrina de que um homem era um quase-Deus foi no mínimo aperfeiçoada pela doutrina de que as mulheres inferiores. O que mais está por trás da caridade, da filantropia, do pacifismo, da “inspiração” e do resto dos atuais sentimentalismos? Uma por uma, todas estas tolices são baseadas na noção de que o homem é um animal glorioso e indescritível, e que sua contínua existência no mundo deve ser facilitada e assegurada. Mas esta idéia é obviamente uma estupidez. No que se refere aos animais, o mesmo num espaço tão limitado como o nosso mundo, o homem é tosco e ridículo. Poucos bichos são tão estúpidos ou covardes quanto o homem.

O mais vira-lata dos cães tem sentidos mais agudos e é infinitamente mais corajoso, para não dizer mais honesto e confiável. As formigas e abelhas são, de várias formas, mais inteligentes e engenhosas; tocam para a frente seus sistemas de governo com muito menos arranca-rabos, desperdícios e imbecilidades. O leão é mais bonito,

digno e majestoso. O antílope é infinitamente mais rápido e gracioso. Qualquer gato doméstico comum é mais limpo. O cavalo, mesmo suado do trabalho, cheira melhor. O gorila é mais gentil com seus filhotes e mais fiel à companheira. O boi e o asno são mais produtivos e serenos. Mas, acima de tudo, o homem é deficiente em coragem, talvez a mais nobre de todas as qualidades. Seu pavor mortal não se milita a todos os animais do seu próprio peso ou mesmo da metade do seu peso – exceto uns poucos que ele degradou por cruzamentos artificiais –, seu pavor mortal é também daqueles da sua própria espécie – e não apenas de seus punhos e pés, mas até de suas risotas.

Nenhum outro animal é tão incompetente para se adaptar ao seu próprio ambiente. A criança, quando vem ao mundo, é tão frágil que, se for deixada sozinha por aí durante dias, infalivelmente morrerá, e essa enfermidade congênita, embora mais ou menos disfarçada depois, continuará até a morte. O homem adoece mais do que qualquer outro animal, tanto em seu estado selvagem quanto abrigado pela civilização. Sofre de uma variedade maior de doenças e com mais frequência. Cansa-se ou fere-se com mais facilidade. Finalmente, morre de forma horrível e geralmente mais cedo. Praticamente todos os outros vertebrados superiores, pelo menos em seu ambiente selvagem, vivem e retêm suas faculdades por muito mais tempo. Mesmo os macacos antropóides estão bem à frente de seus primos humanos. Um orangotango casa-se aos sete ou oito anos de idade, constrói uma família de setenta ou oitenta filhos, e continua tão vigoroso e sadio aos oitenta quanto um europeu de 45 anos.

Todos os erros e incompetências do Criador chegaram ao seu clímax no homem. Como peça de um mecanismo, o homem é o pior de todos; comparados com ele, até um salmão ou um estafilococo são máquinas sólidas e eficientes. O homem transporta os piores rins conhecidos da zoologia comparativa, os piores pulmões e o pior coração. Seus olhos, considerando-se o trabalho que são obrigados a desempenhar, são menos eficientes do que o olho de uma minhoca; o Criador de tal aparato ótico, capaz de fabricar um instrumento tão cambeta, deveria ser surrado por seus fregueses. Ao contrário de todos os animais, terrestres, celestes ou marinhos, o homem é incapaz, por natureza, de deixar o mundo em que habita [1919 (N. T.)]. Precisa vestir-se, proteger-se e armar-se para sobreviver. Está eternamente na posição de uma tartaruga que nasceu sem o casco, um cachorro sem pêlos ou um peixe sem barbatanas. Sem sua pesada e desajeitada carapaça, torna-se indefeso até contra as moscas. E Deus não lhe concedeu nem um rabo para espanta-las.

Vou chegar agora a um ponto de inquestionável superioridade natural do homem: ele tem alma. É isto que o separa de todos os outros animais e o torna, de certa maneira, senhor deles. A exata natureza de tal alma vem sendo discutida há milhares de anos, mas é possível falar com autoridades a respeito de sua função. A qual seria a de fazer o homem entrar em contato direto com Deus, torna-lo consciente de Deus e, principalmente, torna-lo parecido com Deus. Bem, considere o colossal fracasso desta tentativa. Se presumirmos que o homem realmente se parece com Deus, somos levados à inevitável conclusão de que Deus é um covarde, um idiota e um pilantra. E, se presumirmos que o homem, depois de todos esses anos, *não* se parece com Deus, então fica claro imediatamente que a alma é uma máquina tão ineficiente quanto o fígado ou as amígdalas, e que o homem poderia passar sem ela, assim como o chimpanzé, indubitavelmente, passa muito bem sem alma.

Pois é este o caso. O único efeito prático da se ter uma alma é o que ela infla o homem vaidades antropomórficas e antropocêntricas – em suma, com superstições

arrogantes e presunçosas. Ele se empertiga e se empluma só porque tem alma – e subestima o fato de que ela não funciona. Assim, ele é o supremo palhaço da criação, o *reductio ad absurdum* da natureza animada. Não passa de uma vaca que acredita dar um pulo à Lua e organiza toda a sua vida sobre esta teoria. É como um sapo que se gaba de combater contra leões, voar sobre o Matterhorn ou atravessar o Helesponto. No entanto, é esta pobre besta que somos obrigados a venerar como uma pedra preciosa na testa do cosmos. É o verme que somos convidados a defender como o favorito de Deus na Terra, com todos os seus milhões de quadrúpedes muito mais bravos, nobres e decentes – seus soberbos leões, seus ágeis e galantes leopardos, seus imperiais elefantes, seus fiéis cães, seus corajosos ratos. O homem é o inseto a que nos imploram, depois de infinitos problemas, trabalho e despesas, a reproduzir.

1919

MEDITAÇÃO SOBRE A MEDITAÇÃO

A capacidade do homem para o pensamento abstrato, que parece faltar à maioria dos outros mamíferos, sem dúvida conferiu-lhe seu atual domínio sobre a superfície da Terra – um domínio disputado apenas por centenas de milhares de tipos de insetos e organismos microscópicos. Este pensamento abstrato é o responsável por sua sensação de superioridade e por que, sob esta sensação, existe uma certa medida de realidade, pelo menos dentro dos estreitos limites. Mas o que é freqüentemente subestimado é o fato de que a capacidade de desempenhar um ato não é, de forma alguma, sinônima de seu exercício salubre. É fácil observar que a maior parte do pensamento do homem é estúpida, sem sentido e injuriosa a ele. Na realidade, de todos os animais, ele parece o menos preparado para tirar conclusões apropriadas nas questões que afetam mais desesperadamente o seu bem-estar.

Tente imaginar um raro, no universo das idéias dos ratos, chegando a noções tão ocas de plausibilidade como, por exemplo, o Swedenborgianismo, a homeopatia, a danação infantil ou a telepatia mental. O instinto natural do homem, de fato, nunca se dirige para o que é sólido e verdadeiro; prefere tudo que é especioso e falso. Se uma grande nação moderna se confrontar com dois problemas conflitantes – um deles baseado em argumentos prováveis e racionais, o outro disparando em direção ao erro mais óbvio --, ela, quase invariavelmente, adotará este último. Isto se aplica à política, que consiste inteiramente numa sucessão de asneiras, muitas das quais tão idiotas que existem apenas como palavras de ordem ou demagogia, não podendo ser reduzidas a qualquer declaração lógica.

Acontece o mesmo na religião, que, como a poesia, não passa de uma partitura orquestrada para negar as mais óbvias realidades. E é assim em quase todos os campos do pensamento. As idéias que mais rapidamente conquistam a raça, levantam os mais vibrantes entusiasmos e são defendidas com a maior tenacidade, são

justamente as mais insanas. Isto pode ser provado desde que o primeiro gorila “avançado” vestiu cuecas, franziu a teste e saiu por aí dando conferências. E será assim até que os poderes superiores, finalmente cansados desta farsa, exterminem a raça com um gigantesco e definitivo coquetel de fogo, gases mortais e estreptococos.

Não surpreende que a imaginação do homem seja a culpada por esta singular fraqueza. Tal imaginação, eu diria, foi o que lhe permitiu dar o seu primeiro salto sobre seus colegas primatas. Permitiu-lhe visualizar uma condição de existência melhor do que a que ele vinha experimentando e, pouco a pouco, tornou-o capaz de retocar o quadro com uma certa realidade crua. E até hoje ele continua do mesmo jeito. Quer dizer, ele pensa em qualquer coisa que gostaria de ser ou ter, algo bem melhor do que Lee já é ou já tem, e, então, por um processo custoso e difícil de erros e acertos, gradualmente chega ao que quer. Durante o processo, muitas vezes é severamente punido por seu descontentamento com as sagradas ordens de deus. Rói as unhas, coça o queixo, tropeça e cai – e, finalmente, o prêmio que ele tanto buscava derrete em suas mãos. Mas, aos pouquinhos, ele segue em frente ou, na pior das hipóteses, passa o bastão a seus herdeiros ou sucessores. Pouco a pouco, ele asfalta o caminho para sua perna restante e conquista belos brinquedos para a mão que lhe resta, com os quais brinca, e permite a seu olho ou ouvido sobrevivente desfrutar aquela delícia.

Infelizmente, nunca se contenta com este processo lento e sanguinário. Está sempre em busca de algo cada vez mais distante. Vive imaginando coisas além do arco-íris. Este corpo de imagens constitui seu estoque de doces credulidades, fé e confiança – em suma, seu fardo de erros. E este fardo de erros é o que distingue o homem, mesmo acima de sua capacidade de chorar, seu talento para mentir, sua excessiva hipocrisia e bazófia, de todas as outras ordens de mamíferos. O homem é o caipira *par excellence*, um ingênuo incomparável, o bobo da corte cósmica. Ele é crônica e inevitavelmente tapeado, não apenas pelos outros animais e pelas artimanhas da natureza, mas também (e mais particularmente) por si mesmo – por seu incomparável talento para pesquisar e adotar o que é falso, e por negar ou desmentir o que é verdadeiro.

A capacidade para discernir a verdade essencial, de fato, é tão rara nos homens quanto comum entre os corvos, sapos ou sardinhas. O homem capaz desse discernimento é de uma qualidade mais do que extraordinária – mesmo, talvez, que seja profundamente mórbido. Demonstre uma nova verdade lastreada de qualquer plausibilidade natural para uma multidão, e nem uma pessoa em 10 mil suspeitará de sua existência, e nem uma pessoa em 100 mil irá adotá-la sem feroz resistência. Todas as verdades duradouras que se impuseram ao mundo no decorrer da História foram mais combatidas do que varíola, e todo indivíduo que as recebeu bem e lutou pro elas foi, absolutamente sem exceção, denunciado e punido como um inimigo da espécie. Talvez o “absolutamente sem exceção” seja um exagero. Eu o substituiria por “cinco ou seis exceções”. Mas quem seriam essas cinco ou seis exceções? Deixo a resposta a cargo de vocês; eu próprio não conheço nenhuma.

Mas, se a verdade é sempre mal recebida, o erro é recebido de braços abertos. Qualquer homem que invente uma nova imbecilidade recebe salvas de palmas e torna-se o dono da verdade; para as grandes massas, ele é o *beau ideal* da humanidade. Dê um giro pelos últimos mil anos da História e você descobrirá que 90% dos ídolos populares do mundo – não me refiro aos heróis de pequenas seitas,

mas a ídolos mundialmente populares – não passaram de mascates baratos de *nonsense*. Tem sido assim em política, religião e em qualquer outro departamento do pensamento humano. Mesmo tal mascate já enfrentou alguma oposição, uma vez ou outra, de críticos que o denunciaram como charlatão e o refutaram assim que ele abriu a boca. Mas, ao lado de cada um deles, havia a titânica força da credulidade humana, e isto bastava para destruir seus inimigos e estabelecer sua imortalidade.

1920

TIPOS DE HOMENS

O ROMÂNTICO

Há uma variedade enorme de homens cujo olho inevitavelmente exagera o que vê, cujo ouvido ouve mais do que a orquestra toca e cuja imaginação duplica ou triplica as informações captadas por seus cinco sentidos. É o entusiasta, o crédulo, o romântico. É o tipo do sujeito que, se fosse um bacteriologista, diria que uma mísera pulga é do tamanho de um cachorro São Bernardo, tão bela quanto a catedral de Beauvais e tão respeitável quanto um professor de Yale.

1918

O CÉTICO

Nenhum homem acredita piamente em nenhum outro homem. Pode-se acreditar piamente numa idéia, mas não em um homem. No mais alto grau de confiança que ele pode despertar, haverá sempre o aroma da dúvida – uma sensação meio instintiva e meio lógica de que, no fim das contas, o vigarista *deve* ter um ás escondido na manga. Esta dúvida, como parece óbvio, é sempre mais do que justificada, porque ainda não nasceu o homem merecedor de confiança ilimitada – sua traição, no máximo, espera apenas por uma tentação suficiente. O problema do mundo não é o de que os homens sejam muito suspeitos neste sentido, mas o de que tendem a ser confiantes demais – e de que ainda confiam demais em outros homens, mesmo depois de amargas experiências. Acredito que as mulheres sejam sabiamente menos sentimentais, tanto nisto como em outras coisas. Nenhuma mulher casada põe a mão no fogo por seu marido, nem age com se

confiasse nele. Sua principal certeza assemelha-se à de um batedor de carteiras: a de que o guarda que o flagrou poderá ser subornado

1919

O CRÉDULO

A fé pode ser definida em resumo como uma crença ilógica na ocorrência do improvável. Ela contém um saber patológico; extrapola o processo intelectual normal e atravessa o viscoso domínio da metafísica transcendental. O homem de fé é aquele que simplesmente perdeu (ou nunca teve) a capacidade para um pensamento claro e realista. Não que ele seja uma mula; é, na realidade, um doente. Pior ainda, é incurável, porque o desapontamento, sendo essencialmente um fenômeno objetivo, não consegue afetar sua enfermidade subjetiva. Sua fé se apodera da virulência de uma infecção crônica. O que ele diz, em suma, é: “Vamos confiar em Deus, *Aquele que sempre nos tapeou no passado*”.

1919

O OPERÁRIO

Todas as teorias democráticas, sejam burguesas ou socialistas, levam necessariamente em seu recheio algum conceito de dignidade do trabalho. Se os despossuídos fossem privados desta ilusão de que seus sofrimentos na linha de montagem são, de alguma forma, louváveis e agradáveis a Deus, só lhes restaria em seu ego uma dor de barriga. Não obstante, uma ilusão é uma ilusão, e esta é das piores. Ela é fruto da confusão entre um artista que se orgulha do seu trabalho e a docilidade canina e penosa do operário em sua máquina. A diferença é importante e enorme. Mesmo sem qualquer remuneração, o artista continuará a trabalhar do mesmo jeito; sua verdadeira recompensa, de fato, é quase sempre tão mísera que ele chega a passar fome. Mas suponha que o operário de uma fábrica de tecidos não ganhe nada por seu trabalho: continuaria trabalhando do mesmo jeito? Pode-se imaginá-lo submetendo-se voluntariamente a uma compulsão irresistível de expressar sua alma em mais 200 pares de calcinhas femininas?

1919

O MÉDICO

A medicina preventiva é a corrupção da medicina pela moralidade. É impossível encontrar um médico que não avacalhe a sua teoria da saúde com a teoria da virtude. Toda a medicina, de fato, culmina numa exortação ética. Isto

resulta num conflito diametral com a idéia da medicina em si. O verdadeiro objetivo da medicina não é tornar o homem virtuoso; é o de protegê-lo e salvá-lo das conseqüências de seus vícios. O médico não prega o arrependimento; ele oferece a absolvição.

1919

O CIENTISTA

O valor dado pelo mundo sobre os *motivos* que levam os cientistas a fazer isto ou aquilo é freqüentemente e grosseiramente injusto e inexato. Considere, por exemplo, dois motivos: uma mera curiosidade insaciável e o desejo de fazer o bem. O último é considerado muito mais importante que o primeiro e, no entanto, é o primeiro que aciona um dos homens mais úteis que a raça humana produziu até hoje: o pesquisador científico. O que realmente o desperta não é a idéia de prestar um serviço de araque, mas uma sede ilimitada e quase patológica de penetrar o desconhecido, de descobrir o segredo, de chegar aonde nunca se tinha chegado. Seu protótipo não é o de benfeitor que liberta seus escravos, nem o do bem samaritano que levanta os caídos, mas o de um sabujo farejando furiosamente em busca de infinitos buracos de ratos.

1919

O EMPRESÁRIO

Existe um sólido instinto que põe o empresário abaixo de todos os outros profissionais e joga-lhe às costas um fardo de inferioridade social do qual não consegue se livrar, mesmo na América. O próprio empresário reconhece esta suposição de sua inferioridade, mesmo quando protesta contra ela. É o único homem, além do verdugo e do gari, que vive se desculpando por sua ocupação, para fazer parecer, quando atinge o objetivo de seu trabalho – *i. e.*, ter ganhado uma montanha de dinheiro --, que dinheiro *não* era o objetivo de seu trabalho.

1921

O REI

Talvez a qualidade mais valiosa que qualquer homem possa ter neste mundo seja um ar naturalmente superior, um talento para empinar o nariz com desprezo. A generalidade dos homens se impressiona e aceita isto como prova de um mérito legítimo. Portanto, basta desdenha-los para ganhar o seu respeito. A estupidez e a

covardia congênitas dos homens fazem com que eles se curvem a qualquer líder que apareça, e o sinal de liderança que reconhecem mais prontamente é aquele que se mostra externamente. Este é a verdadeira explicação para a sobrevivência da monarquia, que sempre ressuscita depois de suas mortes sucessivas.

1921

O METAFÍSICO

Um metafísico é alguém que, quando você lhe diz que dois vezes dois são quatro, ele quer saber o que você entende por *vezes*, o que significa *dois*, e o que quer dizer *são* e por que isso dá *quatro*. Por fazerem tais perguntas, os metafísicos desfrutaram um luxo oriental nas universidades e são respeitados como homens educados e inteligentes.

Inédita

O HOMEM MÉDIO

Costuma-se jogar na cara dos marxistas, com a sua concepção materialista da História, que eles subestimam certas qualidades espirituais do homem que não dependem de quanto ele ganhe ou deixe de ganhar. O argumento é o de que essas qualidades colore as aspirações e atividades do homem civilizado tanto quanto são coloridas pela sua condição material, tornando assim impossível simplesmente reduzir o homem a uma máquina econômica. Como exemplos, os antimarxistas citam o patriotismo, a piedade, o senso estético e a vontade de conhecer Deus. Infelizmente, os exemplos são mal escolhidos. Milhões de homens não ligam para o patriotismo, a piedade ou o senso estético, não têm o menor interesse ativo em conhecer Deus. Por que os antimarxistas não citam uma qualidade espiritual que seja verdadeiramente universal? Pois aqui vai uma. Refiro-me à covardia. De uma forma ou de outra, ela é visível em todo ser humano; serve também para separar o homem de todos os outros animais superiores. A covardia, acredito, está na base de todo o sistema de castas e na formação de todas as sociedades organizadas, inclusive as mais democráticas. Para escapar de ir à guerra ele próprio, o camponês deva de mão beijada certos privilégios aos guerreiros – e destes privilégios brotou toda a estrutura da civilização. Vamos recuar mais ainda no tempo. Foi a propriedade que levantou a lebre de que uns poucos homens relativamente corajosos foram capazes de acumular mais posses do que hordas de covardes – e, como se fosse pouco, de mantê-las depois de acumuladas.

1922

O DONO DA VERDADE

O homem que se gaba de só dizer a verdade é simplesmente um homem sem nenhum respeito por ela. A verdade não é uma cosia que rola por aí, como dinheiro trocado; é algo para ser acalentada, acumulada e desembolsada apenas quando absolutamente necessário. O menor átomo da verdade representa a amarga labuta e agonia de algum homem; para cada pilha dela,, há o túmulo de um bravo *dono da verdade* sobre algumas cinzas solitárias e uma alma fritando no Inferno.

1922

O PARENTE

A normal antipatia do homem por seus parentes, principalmente pelos de segundo grau, é explicada pelos psicólogos de várias maneiras torturantes e improváveis. A real explicação me parece muito mais simples. Reside no simples fato de que todo homem vê em seus parentes (especialmente em seus primos) uma série de grotescas caricaturas de si próprio. Eles exigem as qualidades dele deformadas para o máximo ou para o mínimo; dão-lhe a impressão de que talvez seja assim que ele próprio se mostra ao mundo, e isto é inquietante – e por isso ferem o seu *amour propre* e lhe provocam intenso desconforto.

1919

O CONTRAPARENTE

O homem detesta os parentes de sua mulher pela mesma razão de que não gosta dos seus próprios, ou seja, porque eles lhe parecem grotescas caricaturas daquela por quem ele tem respeito e afeição, ou seja, sua mulher. De todos eles, a sofra é obviamente a mais repugnante, porque ela não apenas macaqueia sua mulher, mas também porque antecipa o que sua mulher provavelmente se tornará. Aquela visão, naturalmente, lhe provoca náuseas. Às vezes, a coisa é mais sutil. Digamos, por exemplo, que sua própria mulher lhe pareça uma caricatura de uma irmã mais jovem e bonita. Neste caso, estando atado à sua mulher, ele pode vir a detestar a irmã – como sempre se detesta uma pessoa que simboliza o fracasso e a escravidão de alguém.

1920

O AMIGO

Um homem de mente ativa e elástica desgasta suas amizades, assim como certamente desgasta seus casos amorosos, suas tendências políticas e sua epistemologia. Elas se tornam puídas, esfrangalhadas, artificiais, irritantes e deprimentes. Transformam-se de realidades vivas em nulidades moribundas, e entram em sinistra oposição à liberdade, ao auto-respeito e à verdade. É tão repelente conserva-las, depois que se tornam ocas e podem ser sopradas como uma mosca, quanto manter uma paixão depois que esta paixão já se tornou um cadáver. Todo homem prudente, ao lembrar-se de que a vida é curta, deveria dispensar uma hora ou duas, de vez em quando, para um exame crítico de suas amizades. Deve pesá-las, repensá-las, testar se ainda contêm algum metal. Algumas poderão sobreviver, talvez com mudanças radicais em seus termos. Mas a maioria será varrida de seus minutos e ele tentará esquecê-las, assim como tenta esquecer seus frios e pegajosos amores do ano retrasado.

1919

O FILÓSOFO

Não há registro na história humana de um filósofo feliz: só existem nos contos da Carochinha. Na vida real, muito cometeram suicídio; outros mandaram seus filhos por afora e surraram suas mulheres. Não admira. Se você quiser descobrir como um filósofo se sente quando se empenha na prática de sua profissão, dê um pulo ao zoológico mais próximo e observe um chimpanzé na sua chatíssima e infundável tarefa de catar pulgas. Ambos –o filósofo e o chimpanzé – sofrem como o diabo, mas nenhum dos dois consegue ganhar.

1927

O ALTRUÍSTA

Uma grande parte do altruísmo, mesmo quando perfeitamente honesto, baseia-se no fato de que é desconfortável ver gente infeliz ao nosso redor. Isto se aplica especialmente à vida familiar. Um homem faz sacrifícios para satisfazer os caprichos de sua mulher, não porque adora desistir da idéia de comprar o que *ele* realmente quer para ele, mas porque seria pior ainda vê-la d cara amarrada na mesa do jantar.

1920

O ICONOCLASTA

O iconoclasta se afirma quando prova com suas blasfêmias que este ou aquele ídolo não passa de uma besta – e deixa cheio de dúvidas pelo menos *um* dos que o ouvem. A liberação da mente humana avançou muito quando alguns gaiatos depositaram gatos mortos em santuários e depois saíram pelas ruas espelhando que aquele deus no santuário era uma fraude – provando a todo mundo que a dúvida era uma coisa legítima. Um relincho vale por 10 mil silogismos.

1924

O CHEFE DE FAMÍLIA

Vejamos o caso do escritor medíocre que defende o seu trabalho de escrever seriados para revistas ou roteiros de cinema, afirmando que tem uma mulher para sustentar. Tendo conhecido algumas destas mulheres, não vejo por que se submeteriam a tais sacrifícios... Quanto aos subprodutos biológicos desta fidelidade – os filhos –, minha avaliação deles seria ainda mais baixa. Mostre-me cem cabeças de crianças comuns que valham um único *O Coração das Trevas*, e eu mudarei de idéia. Quanto a *Lord Jim*, eu não o trocaria por todos aquele pirralhos nascidos em Trenton, New Jersey, desde a guerra contra a Espanha em 1898.

1924

O SOLTEIRO

Ao redor de qualquer solteiro com mais de 35 anos, florescem muitas lendas a respeito das causas de seu celibato. Alguns sussurram que, sendo uma nulidade, sua solteirice estaria prestando um serviço aos não-nascidos. Outros fofocam que, aos 26 anos, ele teria se apaixonado perdidamente por uma linda mulher que o trocou por um corretor de imóveis, e isto partiu-lhe o coração para sempre. Tais histórias são, quase sempre, besteiras. A razão pela qual o solteiro mediano de 35 anos prefere continuar solteiro é muito simples. É a de que nenhuma mulher normalmente bonita e inteligente viu qualquer motivo para se casar com ele.

1922

O HOMEM PERFEITO

O homem, na melhor das hipóteses, continua uma espécie de animal cambeta, incapaz de tornar-se redondo e perfeito como, digamos, ma barata é perfeita. Se

ele demonstra uma qualidade merecedora de aplausos, ninguém sabe de outra que ele possua. Dê-lhe uma cabeça, e lhe faltará um coração. Dê-lhe um coração com capacidade para dez litros, e sua cabeça mal servirá para acomodar uma dose. O artista, em 90% dos casos, é uma mosca morta, dado à corrupção de virgens, assim chamadas. O patriota é um fanático e, muito freqüentemente, um farsante e um covarde. O homem de grande bravura física, no máximo, empata intelectualmente com um pastor protestante. O gigante intelectual sofre do fígado e não consegue saltar sobre uma agulha. Em todos os meus anos de pesquisa por este mundo, da Golden Gate, no oeste, até Vístula, no elste, e das ilhas Orkney, no norte, até o Spanish Main, no sul, nunca conheci um homem completamente honrado que merecesse a honra de ser chamado deste nome.

1923

O ETERNO MACHO

Tente ouvir dois ou três rapazes conversando numa rodinha; seus bate-papos serão quase inteiramente compostos de bazófias – sobre suas façanhas no esporte, seu sucesso na escola, a riqueza e o vigor animal de seus pais, a elegância de suas casas. Acima de todos os quadrúpedes, o homem é o mais frívolo e idiota. Um belo papagaio não passa de um mero papagaio em comparação a ele. O homem não consegue se imaginar fora do centro das situações. Nunca abre a boca a não ser para falar de si mesmo. Nunca realiza a mais trivial das atividades sem pavoneá-la e aumentar-lhe a importância. Por mais banal que seja a situação em que se encontre, tenta transforma-la na mais inédita e gloriosa possível. Se, num daqueles sórdidos e obscuros combates contra outros imbecis, ele, por acaso, leva a melhor, estufa o peito de tal jeito que parece a ponto de explodir. Mas se, ao invés de levar a melhor, é obrigado a beijar a lona por um golpe desferido com luvas de pelica, extrai disso quase o mesmo êxtase por sua derrota e ignomínia. Então temos, de um lado, o herói; do outro, o mártir Ambos estão sujeitos a grotescos e pueris. Ambos são de araque.

1918

O ESCRAVO

Não me diga o que ele vê de tão divertido a respeito de Deus, ou qual artista de circo ele segue em política, ou como agüenta submeter-se àquela mulher. Diga-me apenas como ele ganha a vida. Um homem que consegue casa e comida de maneira ignominiosa será, inevitavelmente, um homem ignominioso.

1922

MULHERES

A MENTE FEMININA

As companheiras do homem, mesmo que mostrem respeito por seus méritos e autoridade, sempre o vêem secretamente como um jumento, e com uma sensação próxima da piedade. O que ele diz ou faz, por mais brilhante, raramente as engana; elas vêem o homem como ele é por dentro e o consideram um sujeito oco e patético. Neste fato, talvez resida uma das melhores provas da inteligência feminina ou, como diz o lugar-comum, da intuição feminina. As características desta assim chamada intuição são simplesmente uma aguda e acurada percepção da realidade, uma imunidade natural ao encantamento emocional e uma incansável capacidade para distinguir claramente entre a aparência e a substância. A aparência do homem, no círculo familiar comum, é a de um magnífico herói, um semideus. A substância é a de um pobre coitado.

É verdade que uma esposa costuma invejar seu marido em algumas de suas mais sinceras prerrogativas e sentimentalismos. Ela pode invejar sua masculina liberdade de movimentos e ocupações, sua impenetrável complacência, seu deleite caipira em pequenos vícios, sua capacidade para esconder a dura face da realidade numa capa de romantismo, sua inocência e infantilidade generalizadas. Mas ela nunca lhe inveja sua alma vulgar e pretenciosa.

Esta cortante percepção da fanfarronice e do faz-de-conta masculino, esta aguda compreensão do homem como o eterno tragicômico, estão na base daquela piedosa ironia que responde pelo nome de instinto maternal. As mulheres adoram tratar um homem como um filho porque conseguem enxergar sua incapacidade de defesa, sua necessidade de um ambiente acolhedor e sua tocante tendência a se iludir. Este traço irônico não é apenas claro como água na vida real, diariamente; é também o que dá o tom da literatura feminina. Uma romancista, se for competente o bastante para ser levada a sério, nunca trata os homens como heróis. Dos tempos de Jane Austen aos de Selma Lagerlöf, ela sempre injeta em seu próprio personagem um toque de superioridade ou de derisão mal camufladas. Não consigo me lembrar de nenhum personagem masculino criado por uma mulher que não seja, no fundo, um palerma.

O fasto de ainda ser necessário, neste último estágio da senilidade humana, provar que as mulheres têm uma fina e fluente inteligência, é uma prova eloqüente dos incuráveis preconceitos, da observação deficiente e da patética completa de seus amos e senhores. As mulheres, na realidade, não são apenas inteligentes; também detêm quase um monopólio das formas mais sutis e úteis da inteligência. A coisa em si poderia ser razoavelmente descrita como um traço feminino especial; em mais de uma de suas manifestações existe uma feminilidade mais palpável do que a feminilidade da crueldade, do masoquismo e até do *rouge* em seu rosto.

Os homens são fortes. São bravos em combate físico. Os homens são românticos e amam aquilo que concebem como senso a beleza e a virtude. Os homens tendem à fé, à caridade e à esperança. Os homens sabem suar e carregar seus fardos.

Os homens são ternos e cordiais. Mas, assim que demonstram possuir os verdadeiros fundamentos da inteligência – ou revelam capacidade para descobrir o cerne da verdade eternas no lusco-fusco da ilusão e da alucinação e tentam trazê-la à luz --, neste ponto estarão sendo femininos, e ainda nutridos pelo leite de suas mães. Os traços e qualidades essenciais do homem, suas características ainda não poluídas, são as mesmas do homem das cavernas. O homem das cavernas limitava-se a músculos e a um cérebro de mingau. Sem a mulher para conduzi-lo e pensar por ele, seria um espetáculo mais que lamentável: um bebê de barbas, um coelho na forma de um mamute, uma frágil e absurda caricatura de Deus.

Evidentemente, não quero dizer que a masculinidade não contribuiu para o complexo de reações químico-fisiológicas que produz o que chamamos de certas aptidões. O que quero dizer é que este complexo é impossível sem a contribuição feminina, ou seja, que ele é um produto da interação entre os dois elementos. Nas mulheres de talento podemos ver o quadro oposto. Há alguma coisa de masculino nelas, que as faz tanto se barbear quanto brilhar. Pense em Gorge Band, Catarina, a Grande, Elizabeth da Inglaterra, Rosa Bonheur, Teresa Carreño ou Cosima Wagner. Nenhum dos dois sexos, sem alguma fertilização das características complementares do outro, é capaz de atingir os picos da criatividade humana. O homem, sem o toque salvador da mulher que existe nele, é parvo, ingênuo e romântico demais, fácil de enganar e anestesiado em sua imaginação, o que não lhe permite ser mais do que um oficial de cavalaria, um teólogo ou um gerente de banco. E a mulher, sem qualquer traço daquela divina inocência masculina, seria rígida demais para aqueles vastos jatos de fantasia que se projetam no coração do que chamamos de gênios. Ao homem exclusivamente masculino falta a graça necessária para dar forma objetiva aos seus sonhos mais sublimes e secretos; e a mulher exclusivamente feminina torna-se uma criatura cínica demais para ter o poder de sonhar.

O que os homens, em seu egoísmo, confundem constantemente com uma deficiência de inteligência na mulher, é apenas a incapacidade dela para dominar aquele complexo de conhecimentos mesquinhos ou aquela coleção de trivialidades cerebrais que constituem o principal equipamento mental do homem médio. Um homem pode pensar que é mais inteligente do que sua mulher porque é capaz de somar com menor margem de erro, porque se julga capaz de distinguir entre as idéias de políticos rivais ou porque julga-se íntimo das minúcias de algum negócio ou profissão sórdidos ou degradantes. Mas esses talentos vazios não constituem realmente sinais de inteligência; são, na verdade, apenas uma minieniclopédia de truques e tramóias, cujo aprendizado exige pouco mais de seus poderes mentais do que se exige de um chimpanzé para aprender a recolher uma moeda ou acender um fósforo.

Toda a bagagem mental do empresário médio, ou mesmo do profissional médio, é desordenadamente infantil. Não se exige mais sagacidade para se levar adianta a condução diária do mundo ou despejar as doses habituais de burrice em nome da medicina e do direito, do que a de dirigir um táxi pôr um peixe para fritar. Nenhuma pessoa observadora conversa cinco minutos com a maioria dos empresários e dos profissionais – limito-me aqui àqueles que deram certo e excluo os fracassados confessos – sem deixar de se maravilhar pela sua letargia intelectual, sua incurável ingenuidade ou sua fantástica falta de bom senso. O falecido Charles Francis Adams, neto de um presidente americano e bisneto de outro, depois de toda uma vida em íntimo contado com alguns dos principais *gênios* dos negócios na

América, relatou, já idoso, que nunca ouviu nenhum deles dizer qualquer coisa que valesse a pena ser ouvida. Todos eram homens vigorosos e masculinos, o que os tornava bem-sucedidos num mundo masculino. Intelectualmente, eram cartuchos de pólvora seca.

Mas há um terreno fértil a para perguntar se, se aqueles homens fossem inteligentes, chegariam a ser tão bem-sucedidos em suas grosseiras empreitadas – e responde dizendo que a prova de suas mentalidades inferiores é exatamente a de terem conquistado e mentido com um simples lengalenga a sua pilha de bilhões. Esta idéia é facilmente provada pela conhecida incapacidade de homens inegavelmente de primeira classe diante de preocupações práticas e banais. É impossível imaginar, por exemplo, Aristóteles conseguindo multiplicar 3472701 por 99999 sem cometer um erro, interessando-se pelo número de cavalos num automóvel ou pelo preço das geladeira numa liquidação. Pelo mesmo motivo, ninguém pensaria em Aristóteles tornando-se um *expert* em bridge, golfe e outro jogos idiotas, como os quais os supostos homens bem-sucedidos se divertem entre si. Em seu grande estudo sobre a maneira de ser dos britânicos, Havelock Ellis descobriu que a incapacidade para praticar certas façanhas é visível em quase todos os homens de primeira classe. Por exemplo, não sabe dar nós em gravatas. Confundem-se ao pôr suas contas em dia. Não entendem nada de política partidária. Em suma, não inertes e impotentes em todos os setores de desempenho nos quais o homem médio atinge suas mais altas *performances*. Esses homens de primeira classe são facilmente ultrapassados por outros cuja real inteligência está tão abaixo da deles quanto a dos *Simidae*.

Esta falta de aptidão para truques mentais ou de caráter trivial – que deve parecer a um barbeiro uma estupidez e a um caixa de banco uma imbecilidade completa – é um traço que os homens de primeira classe partilham com as mulheres de primeira, segunda e até de terceira classes. Raramente se ouve falar de mulheres que se deram bem em ocupações nas quais poderiam brilhar – por exemplo, afinar pianos, torna-se advogadas ou escrever editoriais de jornais –, embora a grande maioria de tais ocupações esteja perfeitamente dentro dos seus poderes físicos e poucas delas imponham grandes barreiras sociais a que as mulheres as desempenhem. Não há nenhuma razão externa para que elas não possam se impor nos tribunais, nas redações de revistas, como gerentes de fábricas e hotéis, e mesmo no comércio atacadista. Os tabus que encontram pelo caminho são míseros; várias mulheres aventureiras desafiaram-nos com destemor e, assim que arrombaram a porta, não se viram absolutamente em desvantagem. Mas, como todo mundo sabe, o número de mulheres no ramo dos negócios ou na prática de tais profissões ainda é muito pequeno, e menor ainda o daquelas que atingiram alguma distinção na competição com os homens.

A causa disto, portanto, não é externa, mas interna. Reside na capacidade da mulher par aprender realidades mais amplas, na sua impaciência para o que considera reles e meretrício, enfim, numa desqualificação para a rotina mecânica e as técnicas vazias que se encontram em todas as variedades de homens. Até naqueles objetivos que os costumes da Cristandade lhes conferiram, as mulheres raramente mostram aquela proficiência semi-automática e convencional de que os homens se orgulham e se gabam. É um clichê observar que as donas-de-casa que realmente *sabem* cozinhar, costurar suas próprias roupas, ou são competentes para instruir seus filhos em matérias de moral, aprendizado e higiene, sabem *também* como esconder

tudo isto. Mas as mulheres que sabem fazer tudo isto são raras e, quando se conhece uma, ela não se torna muito admirada por sua inteligência em conhecimentos gerais.

Isto é particularmente comum nos Estados Unidos, onde a posição da mulher é mais alta do que em qualquer outro país civilizado ou semicivilizado, e onde a velha convicção de sua inferioridade intelectual vem sendo desafiada com sucesso. A mesa de jantar do americano burguês tornou-se um problema para a técnica deficiente da esposa americana. Ao convidado que respeita seu esôfago, instado a digerir aquela gororoba discordante e malfeita, aconselha-se que evite esta experiência todas as vezes que puder – ou então que se resigne àquilo, como alguém que se resigna a ser barbeado por um parálítico. Em nenhum outro lugar do mundo as mulheres têm mais liberdade e tempo de lazer para expandir suas mentes do que nos Estados Unidos, e em nenhum outro demonstram tal nível de inteligência – mas, ao mesmo tempo, em nenhum outro lugar serve-se uma comida caseira tão ruim, uma administração tão inepta da economia doméstica ou uma maior dependência de substitutos externos (que têm o homem como provedor). Certamente não será coincidência que a terra das mulheres emancipadas e entronizadas seja também a terra da comida enlatada: sopas, carne de porco, feijão, às vezes refeições inteiras em lata, e tudo pronto para servir. E em nenhum outro lugar há uma tendência mais chocante para se despejar a educação das crianças nas mãos de *pedagogos* e seu condicionamento físico a *experts* em *playgrounds*, além de *sexólogos* e outros tipos de profissionais, quase todos blefes.

Em resumo, as mulheres se rebelam – muitas vezes inconscientemente ou se submetendo de vez em quando – contra os truques burros e mecânicos que a atual organização da sociedade impõe à sua inteligência. Se elas gostassem e se orgulhassem desses truques, estariam tão de quatro quanto os homens que se contentam em ser garçons, contadores, caçadores de gazeteiros ou batedores de tapetes – e orgulhosas disto. A tendência inerente a qualquer mulher sobre tudo que lhe parece estúpido é a de fugir a qualquer obrigação ao mínimo. E quando algum imprevisto a isenta, temporária ou permanentemente, da tentação ao casamento, e ela entra em competição com os homens na condução dos negócios mundiais, a espécie de carreira em que ela se dispõe a batalhar fornece ainda mais provas de sua superioridade mental.

Exemplos? Em qualquer atividade que não exija mais do que uma técnica invariável ou um pouco de esperteza, ela normalmente fracassa; em qualquer outra que exija talento criativo e um pensamento independente, a mulher normalmente se dá bem. É por isto que ela geralmente é um fiasco como advogada, porque a advocacia exige apenas um arsenal de frases ocas e fórmulas estereotipadas, além de um torpor mental que põe estes fantasmas acima do bom senso, da verdade e da justiça. É também um fiasco nos negócios porque estes, quase como regra, não passam de um composto tão fedorento de trivialidades e velhacarias que causam revolta à sua integridade intelectual. Mas ela é geralmente competente como enfermeira, uma profissão que requer engenhosidade, raciocínio rápido, coragem diante de situações desconcertantes, e, acima de tudo, capacidade para penetrar e dominar seu caráter. Quando ela entra em competição com os homens no mundo das artes, particularmente naqueles planos secundários em que a simples esperteza mental ainda não recebeu o estalo do gênio, ela invariavelmente é capaz de empatar. No *demi-monde*, qualquer um encontrará nesta mulher argúcia, ousadia e elasticidade suficientes diante de dificuldades especiais – enfim, qualidades capazes de tornar vergonhoso o

equipamento exigido por profissões exclusivamente masculinas. Se o trabalho do homem médio exigisse metade da habilidade mental e criatividade do trabalho da proprietária de um bordel comum, este homem médio estaria sempre a um milímetro de passar fome.

Os homens, como se sabe, não acreditam na inteligência superior das mulheres; seu egoísmo exige esta descrença, e eles não são capazes de refletir o suficiente para mudar de idéia, mesmo diante de análises lógicas e de provas. Mais ainda, há uma certa aparência capciosa de certeza em suas posições; eles forçaram as mulheres a adotar uma personalidade artificial que esconda bem a verdadeira personalidade delas, e as mulheres acharam proveitoso estimular esta mentira. Mas, embora qualquer homem normal nutra esta balela de que é intelectualmente superior a todas as mulheres e, em partícula à sua esposa, constantemente entrega os pontos de sua pretensão consultando-a e dependendo daquilo que ele chama de intuição feminina. Quer dizer, ele sabe por experiência que o juízo dela em assuntos de importância capital é mais sutil e penetrante que o dele – mas, relutante em creditar essa maior sagacidade a uma inteligência mais competente, ele se refugia na doutrina de que, nela, isto se deve a algum talento impenetrável e intangível para avaliar corretamente; uma espécie de sensibilidade meio mística ou um vago instinto, em essência, infra-humanos.

A verdadeira natureza deste suposto instinto, entretanto, se revela por um exame das situações que inspiram o homem a pedir ajuda à mulher. Estas situações não brotam dos problemas puramente técnicos que formam as suas preocupações do dia-a-dia, mas de problemas mais raros, fundamentais e difíceis, que o atormentam apenas de tempos em tempos e a intervalos irregulares, insistindo em testar, não a sua meta capacidade para espremer o crânio, mas a sua legítima capacidade de raciocínio. Nenhum homem, exceto aquele conscientemente inferior ou calça-curta, consultaria sua mulher sobre a contratação de um empregado, se deve emprestar dinheiro a um caloteiro ou sobre qualquer outro assunto rotineiro ou de mau gosto. Mas nem mesmo o mais egoísta dos homens deixaria de consulta-la a respeito de admitir um sócio em sua empresa, se deve entrar para a vida pública ou sobre o casamento de sua filha. Tais coisas são de gigantesca importância; são elas que fundam o bem-estar, exigem do homem a sua melhor cabeça para confronta-las, e os perigos ocultos numa decisão errada superam até a sua vaidade. É em tais situações que a superior garra mental das mulheres é de óbvia utilidade, e tem de ser admitida. É então que elas superam seus insignificantes sentimentalismos, superstições e fórmulas que lhes foram inculcadas pelo homem, e aplicam ao caso o seu singular talento para separar a aparência da substância, e então exercem o que se considera sua *intuição*.

Intuição? Uma ova! As mulheres são as supremas realistas da espécie. Aparentemente ilógicas, elas detêm uma superlógica rara e sutil. Aparentemente desligadas, agarram-se à verdade com uma tenacidade que resiste a cada fase das incessantes e gelatinosas mudanças de forma desta verdade. Aparentemente pouco observadores e fáceis de tapear, elas enxergam *tudo*, com olhos brilhantes e demoníacos. Também em alguns homens esta implacável perspicácia se revela – homens tidos como distantes ou menos inflamáveis do que a maioria --, homens cínicos, sardônicos e com um talento especial para a lógica. Algumas vezes os homens também têm cabeça. Mas esta será um homem raro, muito raro, que consegue manter

uma inteligência estável, capaz de juízos constantemente sólidos e que não deixa levar pelas aparências.

Como, digamos, uma mulher múltipara média de 48 anos.

1918

MULHERES FORA-DA-LEI

Um dos principais encantos da mulher na sociedade humana talvez seja o fato de que elas são relativamente incivilizadas. No cipoal de repressões e inibições pueris que tenta enreda-las, continuam a mostrar um lado cigano, meio fora-da-lei, se por acaso a lei se puser no caminho de seus interesses particulares. Vejamos agora o homem. Os picos da civilização são exaltados com tanto foguetório pelos sentimentalistas, que não conseguimos enxergar seus desprogressos. Intrinsecamente, não passam de um ardil para pôr os homens na linha. Seu símbolo perfeito é a marcha tipo passo-de-ganso. No sentido convencional, o homem civilizado é aquele que melhor conseguiu frear e conter seus instintos sinceros e naturais – ou seja, o homem que cometeu as violências mais cruéis contra o seu próprio ego no interesse do bem-estar público. O valor deste bem-estar é sempre superestimado. Para que serve, no fundo? Simplesmente para favorecer o maior número – de velhacos, ignorantes e galinhas-mortas.

A aptidão para se submeter e prosperar confortavelmente nesta civilização de pés-rapados é muito mais marcante nos homens que nas mulheres, e maior ainda entre os homens inferiores do que entre os homens de categoria superior. Deve ser óbvio, até para um asno tão patético quanto um professor universitário de História, que pouquíssimos dos homens de primeira classe eram inteiramente civilizados, no sentido que lhe atribuem os jornais. Pense em César, Napoleão, Lutero, Frederico o Grande, Comwell, Barba Ruiva, Inocêncio III, Bolívar, Aníbal, Alexandre e, para chegar aos nossos tempos, Grant, Stonewall Jackson, Bismarck, Wagner e Cecil Rhodes.

O fato de que as mulheres têm uma capacidade maior do que os homens para controlar e esconder suas emoções não é uma indicação de que elas sejam mais civilizadas, mas uma prova de que elas são *menos* civilizadas. Esta capacidade é uma característica dos selvagens, não dos homens civilizados, e sua perda é um dos prejuízos que a espécie tem pago por seus canhestros picos de civilização. O verdadeiro selvagem – sempre reservado, digno e cortês – sabe como mascarar seus sentimentos, mesmo diante da mais temível ameaça; o homem civilizado sempre se rende à ameaça. A civilização torna-se cada vez mais histérica e babona e, especialmente sob a democracia, tende a degenerar num mero bate-boca entre dementes. O único objetivo da prática política, por exemplo, é o de manter o povo alarmado (e, portanto, clamando por ser conduzido em segurança) por uma galeria interminável de capetas e papões, todos, claro, imaginários.

As guerras fugiram ao controle dos homens superiores – os únicos capazes de julgar sem paixão, mas com inteligência, as causas por trás delas e as conseqüências que advirão. Agora passaram a ser declaradas assim que se põe uma multidão em

pânico, e só terminam quando já esgotaram sua fúria. Neste ponto, o efeito da civilização foi o de reduzir uma arte que era o repositório da coragem, e da vocação inata de alguns dos melhores homens, ao nível de um assalto a um bordel ou ao de uma briga no cais. Todas as guerras da Cristandade são agora repelentes e degradantes; sua condução passou das mãos dos nobres cavaleiros para as dos demagogos, agiotas e camelôs de atrocidades. Para podermos reconstituir a guerra em grande estilo, como concebiam o príncipe Eugène, Marlborough e o velho Dessauer, temo s que recuar aos povos bárbaros.

1921

A MULHER FRIA

O talento feminino para esconder a emoção é provavelmente o maior responsável pela convicção de tantos americanos do sexo masculino de que as mulheres são vazias de paixão, e é por isto que eles contemplam suas manifestações do mesmo tipo no macho quase que com horror. Este talento feminino fica ainda mais à vista quando se sabe que poucos observadores, nas raras ocasiões em que pensam no assunto, são propícios a uma observação científica. A verdade é que não há razão alguma para se acreditar que a mulher normal é frígida, ou que a minoria de mulheres inquestionavelmente o *são* tenham algum peso na balança. É a vaidade dos homens que dá tanto valor às mulheres do tipo virginal, o que faz com que este tipo tenda a crescer pela seleção sexual – mas, apesar disto, está longe de superar a mulher normal, tão realistamente descrita pelos teólogos e publicistas da Idade Média.

Seria apressado, no entanto, concluir que esta seleção longa e contínua não se faz sentir, mesmo no tipo normal. Seu principal efeito talvez tenha sido o de tornar mais fácil para a mulher conquistar e ocultar suas emoções do que para um homem. Mas este é um mero reforço de uma qualidade inata ou que, pelo menos, antecipou de muito a ascensão daquela curiosa preferência já mencionada.

Esta preferência obviamente deve a sua origem ao conceito da propriedade privada e é mais evidente nos países em que a maior concentração de propriedades está nas mãos dos homens – *i. e.*, em que a casta dos proprietários conseguiu descer ao mais baixo estrato dos néscios e dos tapados. O homem de baixo nível nunca tem total confiança em sua mulher, a menos que seja convencido de que ela é totalmente desprovida de suscetibilidade amorosa. Ele fica inquieto quando ela dá algum sinal de responde à alturas às suas maneiras elefantinas, e fica mais desconfiado ainda quando ela reage com chama ao que deveria ser um casto beijo conjugal. Se ele conseguisse se livrar de tais suspeitas, haveria menos tagarelice pública a respeito de mulheres assexuadas, menos livros seriam escritos por charlatões propondo esta ou aquela “cura”, e muito menos formalismo e monotonia no recesso do lar.

Tenho a impressão de que esta espécie de marido está prestando a si mesmo um péssimo favor, e que ele não gosta de ficar consciente disto. Tendo capturado uma mulher segundo as conveniências do seu gosto austero, ele logo descobre que ela o deprime – que sua vaidade foi quase tão penosamente atingida pela inércia emocional dela como o teria sido por um espírito mais provocante e hedonista. Pois o que mais

delicia um homem é ver uma mulher atravessar a barreira da solene submissão, em direito à potência afrodisíaca do seu grande amor – ou seja, o contraste agudo e envaidecedor entre a reserva que ela mentem na presença de outros homens e sua absoluta entrega a ele na intimidade. Isto faz cócegas em sua vaidade. Ao resto do mundo, ela parece remota e inabordável; para ele, ela é dócil, palpitante, efervescente, e até mesmo abandonada. Quanto maior o contraste entre os dois *fronts* da moça, maior a satisfação dele – até o ponto em que isto levanta as suspeitas do paspalhão. No momento em que ela diminui um pouquinho este contraste em público – ao sorrir para um ator atraente, ao dizer uma palavra a mais a um *maître* que lhe deu atenção, ao segurar a mão do padre nas despedidas ou ao piscar de brincadeira para o marido de sua irmã --, imediatamente o matuto começa a procurar por bilhetes clandestinos, contrata detetives particulares ou passa a examinar atentamente os olhos, orelhas, narizes e o cabelo de seus filhos com dúvidas vergonhosas. Isto explica muitas catástrofes domésticas.

1921

INTERMEZZO SOBRE A MONOGAMIA

O predomínio do casamento monogâmico no reino de Cristo é comumente atribuído a considerações éticas. Isto é tão absurdo quanto atribuir à guerras a mesma consideração. A simples verdade é a de que tais considerações não passam de deduções extraídas da experiência e são rapidamente abandonadas quando a experiência se volta contra elas. No presente caso, a experiência ainda está abundantemente a favor da monogamia; os homens civilizados a preferem, porque acham que a monogamia funciona. E por que funciona? Porque é o mais eficiente de todos os antídotos disponíveis aos alarmes e terrores da paixão. A monogamia, em suma, mata a paixão – e a paixão é o mais perigoso de todos os inimigos da suposta *civilização*, a qual é baseada na ordem, no decoro, na repressão, na formalidade, no trabalho e na disciplina.

O homem civilizado – o homem civilizado ideal – é aquele que nunca sacrifica a segurança dos seus por paixões particulares. Ele chega à perfeição quando deixa de amar apaixonadamente – quando reduz a mais profunda de suas experiências instintivas, do nível do êxtase para o nível de um mero estratagema para municiar exércitos ou construir fábricas, mandar reformar suas roupas, reduzir a mortalidade infantil, arranjar mais inquilinos para cada senhoria ou informar a polícia sobre o que qualquer cidadão pode estar fazendo de dia ou de noite. A monogamia consegue tudo isto ao destruir o apetite. Ela força as duas partes contratantes a uma intimidade tão persistente quanto não atenuada; estão sempre firmemente de acordo em muitos pontos. Pouco apouco, o mistério do relacionamento se evapora e o homem e a mulher atingem aquele ponto assexuado de irmão e irmã. Portanto, aquele *maximum de tentação* de que fala George Bernard Shaw já contém em si as raízes da sua própria decadência. Todo marido começa por beijar uma garota bonita (sua esposa) e termina maquiavelmente evitando beijar aquela com quem ele partilha diariamente as refeições, os livros, as toalhas de banho, a carteira, os parentes, as ambições, os

segredos, as doenças e os negócios – um procedimento tão romântico quanto o de mandar que lhe engraxem os sapatos. Nem mesmo o inato sentimentalismo do homem consegue superar o desgosto e a chatice disso tudo. E nem mesmo a capacidade histriônica da mulher pode ver nisto qualquer sombra de volúpia ou espontaneidade.

Os defensores da monogamia, iludidos pelos seus reflexos morais, deixam de usufruir todas as vantagens que há nela. Considere, por exemplo, a importância moral de preservar a virtude dos não-casados – ou seja, daqueles ainda capazes de se apaixonar. O atual plano para se lidar com, digamos, um jovem de vinte anos é cercá-lo de espantalhos e proibições – para tentar convencê-lo logicamente de que a paixão é perigosa. Isto é um abuso e uma imbecilidade – abuso, porque ele próprio já sabe que ela é perigosa; e imbecilidade, porque é impossível sufocar uma paixão lutando contra ela. A maneira de mata-la é dar-lhe corda sob condições desfavoráveis e desanimadores -- para verga-la ao chão, pouco a pouco, até reduzi-la a um absurdo ou horror. Muito mais ainda poderia ser conseguido se fosse proibida a poligamia a estes jovens antes do casamento, mas permitida a monogamia. A proibição, neste último caso, seria relativamente fácil de impor, ao invés de impossível, como no outro. A curiosidade ficaria satisfeita; a natureza sairia da jaula; mesmo o romance teria a sua chance, 99% dos jovens se submeteriam, mesmo porque seria mais fácil submeter-se do que resistir a ela.

E o resultado? Obviamente seria louvável – isto é, aceitando-se a atual definição de louvável. O resultado final, seis meses depois, seria um jovem desiludido e no cabresto, tão desprovido de paixão quanto um velho de oitenta anos – em suma, o cidadão ideal do reino de Cristo.

1921

A LIBERTINA

O homem médio de nosso tempo é muito mais virtuoso do que sua mulher o imagina – muito menos escolado no pecado e ainda menos voluntarioso no *amour*. Não estou dizendo, é claro, que ele seja um puro de coração, porque tudo indica que não é; quero dizer apenas que, na grande maioria dos casos, ele é puro na ação, mesmo sob enorme tentação. E por quê? Por várias razões importantes, para nos limitar-mos a estas: uma delas é a de que lhe falta a coragem; outra é a de que lhe falta dinheiro; e outra é a de que ele é fundamentalmente um ser moral, com consciência. Falta-lhe uma boa dose de iniciativa pecaminosa para que ele mergulhe em qualquer *affaire*, exceto o mais sórdido e casual. Um homem pode forçar sua esposa a partilhar com ele a mais tenebrosa pobreza, mas até mesmo a menos vampiresca das amantes lhe exigirá ser cortejada em grande gala, e os custos desta gala afugentam todo eles, exceto aqueles poucos colecionadores de decepções. Assim, enquanto a esposa souber de cor e salteado os rendimentos do marido, terá todos os instrumentos para fazê-lo dobrar-se aos seus juramentos.

Mais eficiente ainda do que a barreira fiscal é a barreira da pusilanimidade. O traço que distingue o homem dos outros vertebrados é o seu medo excessivo, sua submissão aos alarmes e sua incapacidade para a aventura sem uma multidão às suas

costas. Em sua encarnação normal, ele é tão incapaz de iniciar uma relação extraconjugal – flertes rápidos com garçonetes não contam – quanto de escalar os parapeitos do Inferno. Bem que ele gostaria de ser capaz, assim como gosta de imaginar-se comandando uma carga de cavalaria ou escalando o Matterhorn. Quase sempre, por sinal, sua vaidade o faz imaginar que ele *realizou* aquilo, embora admita, por rubores e piscadelas, que ainda pode fazer melhor. Mas, no fundo de toda esta presunção, não há nada mais que um saco de vento. Qualquer mulher a quem venham contar as escapadelas de seu marido não demora muito a se perguntar quanto tempo ele levaria para pedi-la em casamento, se lhe fosse deixada toda a iniciativa – e chega à conclusão de que uma criatura tão pulsilânime dificilmente ficaria bem no papel de Don Juan.

Finalmente, há a sua consciência – o sedimento acumulado de covardia ancestral, durante incontáveis gerações, com vagos temores e superstições religiosas para temperá-los e derretê-lo. O quê! Consciência? Sim, meus caros, consciência. Esta consciência pode ser imperfeita, inepta, barata ou de uma burrice a toda prova. Às vezes, pode ser tão indistinguível quanto o medo de que alguém está nos olhando. E é alimentada com hipocrisia, estupidez ou falsidade. Mesmo assim, dentro dos parâmetros da Cristandade, faz perfeitamente jus ao nome – e está sempre em ação. O homem, lembre-se, não é um ser *in vácuo*; é o fruto e o escravo do ambiente que o banhou. Não se pode entrar para a Legislatura ou para uma prisão sem se tornar, em alguma medida, um personagem dúbio. Assim como não se consegue viver num moderno Estado democrático, ano após ano, sem cair até certo ponto, pelo menos, sob aquela obsessão moral que é a marca distintiva do homem-turba à solta.

No momento em que uma Tentação concreta se levanta diante dele, com seu nariz empoadado, os lábios escarlates e pestanas provocantemente caídas – no momento em que ele parece estar fisgado, e sua falta de fundos conspira com sua falta de coragem para toma-lo de assalto --, naquele preciso momento, sua consciência entre em função e acaba com a festa. Primeiro, ele vê as dificuldades; depois, o perigo; e, finalmente, o pecado. O resultado é que ele bate em retirada e o resultado é que a tentadora Vê fugir a sua presa. Chega a ser o escândalo secreto da Cristandade, pelo menos nas regiões protestantes, que a maioria dos homens seja fiel às suas mulheres. É preciso gastar a sola do sapado para se conhecer um homem que admita ser casado, mas nestes são os fatos. Para cada marido americano que sustenta uma corista em luxúria nababesca, haverá centenas que, ano após ano, continuam fiéis aos juramentos e tornaram-se tão incapazes de um desvio quanto de cortar as orelhas de seus filhos. São como os condenados à cela da morte.

1921

A ISCA DA BELEZA

Exceto no palco, o homem bonito não leva mais vantagem no *amour* do que seu irmão mais gótico. De fato, na vida real, ele é visto com maior suspeição por todas as mulheres, exceto as muito estúpidas. Uma balconista de mercadinho pode perfeitamente se apaixonar por um astro do cinema, assim como uma viúva velha e

retardada pode sucumbir a um gigolô que tenha ombros de Parthenon, mas nenhuma mulher que se dá o respeito – mesmo supondo-a momentaneamente atraída por uma boa grana – iria se render àquela loucura ou confessa-la à sua melhor amiga.

Este desdém pelo bonito costuma ser interpretado pelos psicólogos amadores como uma falta de senso estético das mulheres – e que lhes falta a pronta e delicada resposta masculina diante da beleza. Nada poderia ser mais absurdo. As mulheres, na verdade, têm um senso estético muito mais afiado que o do homem. A beleza é mais importante para elas; pensam mais no assunto; e anseiam mais por ela em seus ambientes. O homem médio, pelo menos na Inglaterra e na América, ostente um orgulho bovino pela sua indiferença às artes, exceto aquelas que talvez consigam diverti-lo; raramente vê-se um homem mostrando metade do entusiasmo que sua mulher demonstra na presença de um belo tecido, uma cor inusitada ou uma forma graciosa. As mulheres são resistentes à assim chamada beleza do homem pela razão simples e suficiente de que tal beleza é, em grande parte, imaginária. Um homem verdadeiramente belo é tão raro, na verdade, quanto uma jóia verdadeiramente.

O que os homens tomam como beleza em si próprios normalmente não passa de uma pompa oca, uma revoltante ostentação, o esplendor superficial de um saracoteio animal. O mais atraente astro do cinema, visto à luz de autênticos valores estéticos, não passa de uma vulgaridade ambulante; seu semelhante poderá ser encontrado, não na galeria Uffizi ou entre as harmonias de Brahms, mas entre sofás de pelúcia, relógios rococós ou quadros arrematados num leilão de terceira. Todas as mulheres, exceto as menos inteligentes, radiografam esta impostura com seus olhos. Elas sabem que o corpo humano, a não ser por algum tempo na infância, não é belo, mas pavoroso. Seus próprios corpos femininos não lhe provocam deleite; daí seu constante esforço para escondê-lo ou disfarçá-lo; elas nunca os exporiam esteticamente, mas apenas como um ato de aberta provocação sexual. Se se anunciasse que um elenco inteiramente masculino faria um *strip-tease* num palco, as únicas mulheres que compareceriam ao espetáculo seriam algumas adolescentes retardadas, uma ou duas solteironas psicopatas e uma brigada de indignadas senhoras da igreja local.

Os homens não demonstram uma apreensão tão sagaz da beleza relativamente frágil da constituição humana. A isca mais eficiente que uma mulher pode jogar é aquela que ele, totalmente, concebe como sendo a beleza dela. Esta suposta beleza é, quase sempre pura ilusão. O corpo feminino, mesmo em sua melhor forma, é deficiente em forma; tem curvas muito fechadas e massas maldistribuídas; comparadas a ele, uma simples leiteira de barro ou mesmo uma cuspeira de porcelana têm um *design* mais inteligente e satisfatório – são, em suma, *objets d'art*. Na popa e na proa, toda mulher contém duas massas que se recusam a combinar numa composição equilibrada. Vista de lado, parece um S exagerado, dividido ao meio por uma imperfeita linha reta que a faz parecer uma moeda amassada por um bêbado.

Mais ainda, é extremamente raro encontrar uma mulher que demonstre amais modesta consciência do que o seu sexo é capaz; só a beleza rara chega a ser tolerável. A mulher média, até que a arte corra em seu socorro, é pouco graciosa, mal esculpida e toscamente articulada, mesmo para uma mulher. Se ela tem um belo torso, pode-se apostar que tem pernas arqueadas. Se suas pernas são bonitas, o cabelo será feio. Se tiver belos cabelos, é quase certo que também terá mãos descarnadas, olhos turvos ou falta de queixo. Uma mulher que passe por todos os testes é tão incomum que se torna

uma espécie de maravilha e, quase sempre, passa a ganhar a vida exibindo-se como tal, seja no palco, no submundo ou como a jóia particular de algum rico *connoisseur*.

Mas esta falta de autêntica beleza nas mulheres não lhes traz nenhuma desvantagem prática nos negócios primários do seu sexo, porque seus efeitos são mais que superados pela sugestibilidade emocional, a hercúlea capacidade para a ilusão e a quase total falta de senso crítico dos homens. Os homens não exigem a beleza autêntica, mesmo que em pequenas doses; contentam-se perfeitamente com a mera aparência da beleza, porque não têm nenhum talento para diferenciar o artificial do real. Uma camada de pó-de-arroz, bem aplicada sobre um rosto, lhes é tão satisfatória quanto uma pele de damasco. Uma peruca feita com os cabelos do cadáver de um chinês, artisticamente penteados e tingidos, os deleita tanto quanto as tranças de Vênus. Seios falsos os atraem com a mesma eficiência de um busco autêntico e rijo. Um belo vestido o satisfaz até com mais segurança do que pernas, ombros, mãos ou olhos realmente belos.

Em suma, os homens avaliam as mulheres e as adquirem como esposas pela força dos seus aspectos puramente superficiais, o que é tão inteligente quanto avaliar um ovo pela casta. Nunca vão aos bastidores; nunca lhes ocorre analisar as impressões que receberam. O resultado é o de que muitos homens, tapeados por esses aperfeiçoamentos sem valor, já estarão casados há anos quando conseguirem realmente enxergar sua mulher – ou, pelo menos, como se supõe que o Pai Celestial a veja ou como o seu embalsamador a verá. Todos os truques podem parecer óbvios e infantis para as mulheres, mas, diante de um espectador tão ingênuo como o homem, elas não resistem à tentação de continuar a praticá-los. Uma enfermeira diplomada me contou que, mesmo tendo passado pelo extremo desconforto de um parto, a grande maioria das mulheres continuar a tentar mudar sua compleição física através de processos químicos ou preocupando-se com o arranjo de seu cabelo. Engodos como estes chegam a ser transparentes, mas bastam para armar a cilada e fazer de bobo mesmo o mais prudente dos homens.

E, aberto o caminho para esta surdez, burrice e cegueira, a vaidade masculina instantaneamente se reforça. Ou seja, assim que um homem normal sucumbe aos charmes postiços de um tipo definido (ou, mais precisamente, assim que esse tipo definido diz “É este!” e o leva pelo nariz), ele defende a sua escolha com fúria e vigor como se defendesse um ponto de honra. Dizer categoricamente a um homem que sua mulher não é bonita constitui um insulto tão intolerável que nem mesmo um inimigo costuma se atrever a tanto. Soaria muito menos ofensivo dizer-lhe que sua mulher é uma idiota. Em comparação, seria como acarícia-lo cuspindo-lhe no olho. O ego do macho é simplesmente incapaz de digerir tal afronta. É uma arma tão ignominiosa quanto o veneno dos Borgias.

E é assim que, em termos humanos, uma conspiração do silêncio circunda a ilusão da beleza feminina, e à sua vítima é permitido deliciar-se com ela como se fosse de verdade. As iscas que ele morde não são comíveis e nem o alimentam, mas são brilhantes e espalhafatosas. Ele sucumbe um par de olhos bem pintados, a um torneio gracioso de um corpo, a uma compleição sintética ou a uma bela amostra de pernas, sem dar a mínima atenção ao fato de que ali pode haver uma mulher inteira, e que, no interior da cavidade craniana da mulher existe um cérebro, e que as idiossincrasias deste cérebro são muito mais importantes do que todos os estigmas físicos combinados. Mas poucos homens, perdidos neste Dédalo emocional, são capazes de

um exame mais claro desses fatos. Eles driblam esses fatos, mesmo quando lhes são favoráveis, e depositam toda a ênfase nas superficialidades enganadoras. O estúpido e sentimental homem médio, quando tem uma mulher notavelmente sensível, só falta pedir desculpas por isto. O ideal do seu sexo é sempre uma mulher bonita, e a vaidade e frivolidade que costumam acompanhar a beleza tornam-se os totens do encanto.

1921

RELIGIÃO

FUNCIONÁRIOS DA FÉ

Nenhuma outra categoria parece tão apinhada de falsas suposições como as que cercam os reverendíssimos padres e pastores, nossos legítimos delegados junto ao Trono da Graça. Começo imediatamente por um exemplo crasso: a suposição de que os clérigos são necessariamente religiosos. Obviamente, esta suposição é vastamente alimentada, até pelos próprios clérigos. O mais irreverente de todos nós, na presença de um funcionário das fé, adota uma atitude grave. Eu próprio sou dado a criticar livremente a Divina Providência, mas, na companhia do superior de minha paróquia, mesmo no *Biersche*, reduzo minhas reprovações ao nível de um educado resmungo. É porque o conheço muito bem, para acreditar que haja nele um tico de piedade. Na realidade, ele é muito menos pio do que um honesto americano médio, e duvido seriamente que as bruxarias a que ele se entrega como profissional no dia-a-dia lhe despertem qualquer emoção mais sublime do que enfado. Já o ouvi rezar pelo Presidente e pelo Congresso, pelos pagãos e pela chuva, mas nunca ao ouvi rezar por si mesmo. Não obstante, a suposição pública de que ele é altamente devoto, da qual discordo, é que colore nossas relações e o impede de ouvir algumas de minhas mais profundas e inteligentes observações.

Tudo que se precisa para expor o vazio desta velha ilusão é considerar a cadeia de causas que leva um jovem a se ordenar padre ou pastor. Será, por exemplo, apenas um irresistível impulso religioso que o leva a estudar exegese, oratória sacra e aprender grego para ler o Novo Testamento – ou haverá um motivo bem diferente? Acredito nesta segunda hipótese, e que este motivo bem diferente pode ser descrito rapidamente como um desejo de brilhar no mundo com um mínimo de esforço. O jovem teólogo costuma ser um sujeito ambicioso, mas meio preguiçoso, e, se ele estuda teologia em vez de osteopatia, *marketing* ou advocacia, é porque a teologia lhe oferece um atalho muito mais conveniente para o respeito público – além de lhe garantir um emprego.

As ciências sacras podem parecer uma penca de *nonsenses*, mas pelo menos têm a grande virtude de abreviar a escalada rumo à segurança. O médico recém-formado passa os primeiros anos pastando – ou trabalha quase de graça ou tem de contentar-se

com os refugos deixados por colegas mais velhos. O jovem advogado, a menos que goze de boas influências ou sofra de completa atrofia da consciência, quase sempre está a um passo da fome. Mas o jovem divino já está a salvo no momento em que é ordenado; sua popularidade entre os impolutos fiéis será talvez até maior naquele momento do que no futuro. Sua sobrevivência é assegurada instantaneamente. De uma tacada só, ele se torna uma pessoa de respeito e importância, eminente na sua comunidade, tratado com deferência até por aqueles que questionam a sua magia, e vaga e agradavelmente temido pelos que acreditam nele.

Esteja certo de que esses fatos não passam ao largo do tipo de jovem ambicioso que descrevi. Alguns desses jovens enxergam longe e possuem até uma certa capacidade de raciocínio. Eles observam os nove filhos do sargento da polícia local: um deles é um pastor protestante de 25 anos, com uma bela casa para morar, convites para todas as festas de aniversário na região e tempo de sobra para se divertir nas tardes de verão; já seus oito irmãos lutam desesperadamente para sobreviver, como carregadores de mudanças, consertadores de telhados ou motoristas de ônibus. Estes também observam o jovem pastor, desfilando em seu Ford sedan entre as mulheres da cidade enquanto seus maridos administram uma fazenda distante. Além disso, o jovem pastor tem o direito a um colarinho branco engomado, uma sólida galinha assada em seu estômago e seu nome no jornal local todos os dias. Em comparação a ele, só uma louca se casaria com um vendedor de apólices – mas o jovem clérigo, se quiser, terá um harém a sua disposição. Mesmo que seja celibatário, as moças o banharão de sorrisos; na verdade, quanto mais celibatário, mais atenção receberá delas. Não admira que seus privilégios e imunidades propaguem o pecado da inveja. Não admira também que ainda haja candidatos ao santo sudário, apesar do vasto crescimento do ateísmo entre nós.

Os deveres diários de um profissional de Deus não têm nada a ver com religião. São basicamente de natureza social ou comercial. Suponho-se que ele trabalhe, este trabalho será o de um gerente-geral de uma corporação em dificuldades financeiras e dividida por facções entre os acionistas. Seu blábláblá especificamente teológico é de natureza monótona e repetitiva e o desgosta poderosamente, assim como um cirurgião se deprime diante de uma sucessiva extração de furúnculos. O religioso se livra da exaltação espiritual reduzindo-a a uma formalidade oca, assim como o político manda às favas o patriotismo, ou uma mulher se desilude com o amor. Ele se torna, aos poucos, insensível à religião e, por fim, quase hostil a ela. Um bispo que se ajoelhasse espontaneamente e rezasse a Deus provocaria quase tanto escândalo como se subisse ao púlpito vestido de maiô. A piedade dos eclesiásticos, em tais altos níveis, torna-se inteiramente teórica. O servo de Deus foi alçado para tão perto dos santos e tornou-se tão íntimo do funcionamento interno da maquinaria divina que toda a sua capacidade de admiração e espanto já saíram por seus poros. Ele suporta tanto uma autêntica experiência religiosa quanto um veterano maquinista de teatro consegue rir da mesma piada todas as noites. É melhor, talvez, que seja assim. Se os clérigos superiores fossem realmente religiosos, alguns de seus próprios sermões e epístolas pastorais os deixariam mortalmente amedrontados.

O SECRETARIADO CÓSMICO

O argumento da Criação, um baluarte no passado da apologia cristã, ficou tão esburacado de balas que não surpreendeu a ninguém quando foi abandonado. De fato, quanto mais um teólogo tenta provar a sabedoria e a onipotência de Deus por Suas obras, mais é destroçado pelos avanços da ciência que provam a incompetência e estupidez divinas. O mundo não é muito bem dirigido; na verdade, é pessimamente administrado, e nem era preciso que um Huxley queimasse suas pestanas para demonstrar o óbvio. O corpo humano, habilidosamente construído em alguns detalhes, é cruelmente atamancado em outros, e qualquer primeiranista de medicina conhece pelo menos umas cem formas de aperfeiçoá-lo.

Como podemos conciliar essa mistura de finura e desatino com o conceito de um único e onipotente Criador, para quem todos os problemas são igualmente fáceis? Se Ele foi capaz de criar uma máquina tão durável e eficiente quanto a mão humana, por que não se animou a caprichar mais nas amígdalas, na bexiga, nos ovários e na próstata? Se conseguiu tornar perfeito o cotovelo e o ouvido, por que se atrapalhou com os dentes?

Nunca tendo encontrado uma resposta satisfatória ou até plausível para estas perguntas, tive de me dar o trabalho de criar uma, eu mesmo. A qual é muito simples e estritamente de acordos com todos os fatos conhecidos. Em resumo, é a seguinte: a teoria de que o universo é dirigido por um único Deus deve ser abandonada e, em seu lugar, devemos estabelecer a teoria de que, na verdade, ele é administrado por um conselho de deuses, todos com igual poder e autoridade. Uma vez firmado este conceito, todas as dificuldades que têm vexado os teólogos desaparecem e a experiência humana instantaneamente ilumina a cena em brumas. Podemos observar no cotidiano o que acontece quando a autoridade é dividida e só se chega às grandes decisões através de consultas e compromissos. Sabemos que os efeitos podem ser, às vezes, muito bons, principalmente quando um dos membros do conselho passa a perna nos outros, mas também sabemos que, em regra, são péssimos. É tal bagunça, precisamente, que se apresenta no cosmos. A seguir, alguns exemplos de brilhantes sucessos em meio a uma infinidade de fracassos.

Sou capaz de sustentar que minha teoria é a primeira e única até hoje que leva em consideração o quadro clínico. Qualquer outra teoria, diante de fatos como pecado, a doença ou as catástrofes, é forçada a admitir que a Onipotência, no fim das contas, não teve nada com o peixe, o que seria um absurdo. Não preciso me escorar em tais ridicularias e blasfêmias. Apenas presumo que cada um dos deuses do conselho-diretor do universo é infinitamente sábio e poderoso, sem fugir ao fato cristalino de que muitas das realizações deste conselho são descabidas e ignorantes. Na verdade, minha suposição de que tal conselho existe é equivalente a uma suposição *a priori* de que suas realizações são descabidas e ignorantes, ou não teriam sido concebidas por um conselho. Bem, estávamos dizendo que a mão humana é perfeita ou, no mínimo, prática e funcional, não? Só posso explicar isto pela suposição de que ela foi criada por um único membro do conselho – talvez porque, inadvertidamente, os outros lhe tenham passado a bola ou como resultado de irreconciliáveis diferenças de opinião entre eles. Se mais de um membro tivesse participado ativamente do *design*

da mão, ela teria saído muito menos funcional do que é, porque o esboço original produzido pelo *designer* seria submetido a uma bateria de críticas e sugestões partidas dos outros conselheiros – todas elas inferiores à idéia original e muitas delas com o único intuito de malhar uma boa idéia.

Estarei com isso acusando tais deuses de partilhar de vergonhosas fraquezas humanas? Se os acusei, minha desculpa é a de que é impossível imaginá-los fazendo o trabalho que lhes foi universalmente atribuído sem admitir o uso dessas fraquezas. Não se pode imaginar um deus que passa semanas, meses e talvez eras geológicas inteiras, fazendo e refazendo o *design* do fígado humano sem pressupô-lo movido por um poderoso impulso de se expressa vividamente, ordenar suas idéias e publicá-las, para ganhar o respeito de seus pares – em suma, sem presumi-lo um egoísta. E não se pode presumir que ele seja um egoísta sem presumir que ele prefere suas próprias idéias às idéias dos outros deuses. Desafio qualquer um a fazer uma suposição em contrário sem mergulhar em misticismos. Com os misticismos fora do caminho, chega-se inevitavelmente à conclusão de que a inepta condução do universo pode ser atribuída a um choque de egos, *i. e.*, a picuinhas e vinganças entre os deuses – já que qualquer um deles, sozinho, se for infinitamente sábio e poderoso, poderia administrá-lo perfeitamente. Se sofremos dores de estômago é porque o deus que primeiro teve a idéia de um estômago despertou a inveja dos que não tinham pensado naquilo antes – os quais imediatamente se dedicaram à tarefa de aperfeiçoar, digo avacalhar, o seu trabalho. E a nossa forma de reproduzir a espécie – da maneira trabalhosa, antieconômica, indecente e quase patológica que todos conhecemos – só ficou assim quando o deus que criou o excelente processo aplicado aos seus protozoários teve de ser posto em seu lugar quando resolveu estender este processo aos primatas.

-- 1924

A NATUREZA DA FÉ

Há muitos anos, quando eu era mais descuidado intelectualmente do que sou hoje, propus a aplicação da lei biogenética de Haeckel – a de que a história dos indivíduos é apenas um ensaio para a história das espécies – ao domínio das idéias. Assim aplicada, ela leva a algumas conclusões superficialmente espantosas, mas, no fundo, bastante sólidas. Por exemplo, a de que um poeta adulto é apenas um indivíduo em estado de retardamento mental – em suma, um mentecapto. Assim como todos nós, *in útero*, passamos por um estágio em que somos girinos (e quase indistinguíveis dos girinos que, no futuro, se transformarão em sapos), da mesma forma todos nós passamos por um estágio, em nossa menoridade, em que nos tornamos poetas. Um jovem de dezessete anos que não seja um poeta será apenas um jumento; seu desenvolvimento foi paralisado antes mesmo do seu estágio como girino. Mas um homem de cinquenta anos que continue a escrever poesia é um infeliz que nunca passou intelectualmente da adolescência ou um bufão consciente que finge ser aquilo que nunca foi – algo mais jovem e suculento do que, na realidade, é.

Na adolescência, um grande número de pessoas, talvez a maioria, tem tais ataques de devoção, mais isto é apenas o resultado de que, naquela idade, seus poderes

de percepção superam seus conhecimentos. Conseguem observar os labirintos e aterrorizantes fenômenos da vida, mas são incapazes de mensurá-los. Mais tarde, até que seu desenvolvimento seja paralisado, gradualmente emergem daquele nevoeiro romântico e mal-assombrado, assim como emergem das alucinações da poesia. Refiro-me, é claro, àqueles indivíduos efetivamente capazes de receber educação – sempre uma pequena minoria. Se for verdade que, segundos os testes realizados pelo Exército entre os alistados, 50% dos adultos americanos nunca ultrapassam o desenvolvimento mental de uma criança de doze anos, então deve parecer óbvio que um número muito menor ultrapassa o estágio mental de um jovem em final de adolescência. Eu calcularia este número, arbitrariamente, em 10%. Os restantes 90% nunca se libertam completamente das superstições religiosas. Podem até deixar de acreditar que, se um indivíduo fica gripado, torce o tornozelo ou se corta ao fazer a barba, tudo isto foi pela vontade de Deus – mas, com toda a certeza, enxergam alguma intervenção divina se o sujeito é atingido por um raio, morreu na forca ou contraiu sífilis ou lepra.

Todas as religiões modernas se baseiam, pelo menos no seu lado lógico, na noção de que há poderes superiores que vivem de olho em nós e interferem constantemente no que fazemos; no aprisco do Cristianismo, o qual é muito mais sentimental do que qualquer outra religião importante, esse conceito de intervenção é associado ao conceito de benevolência. Em outras palavras, acredita-se que Deus é predominantemente bom. Nenhum verdadeiro cristão pode tolerar a idéia de que Deus, por galhofa ou deliberação, irá feri-lo ou desejar-lhe mal. As flechadas que recebe, ele acredita, são causadas por sua própria estupidez e teimosia. Infelizmente, esta doutrina na bondade de Deus não se ajusta ao que sabemos da natureza e das operações do cosmos hoje em dia; não passa de uma sobrevivente da ignorância universal. E a ciência é um enorme acervo de provas de que Deus – se é que existe --- não é bom nem mau, apenas indiferente – uma Força infinita tocando com a barriga uma operação de processos ininteligíveis, sem a menor preocupação, de um jeito ou de outro, pelo conforto, segurança e felicidade do homem.

Por que, então, esta crença sobrevive? Em grande parte, já me convenci, por aquela relíquia grisalha da adolescência da espécie, ou seja, a fraqueza pela poesia. Os judeus impuseram a sua religião sobre o mundo ocidental, não porque ela fosse mais razoável que as religiões de seus contemporâneos – na verdade, era muito menos razoável que várias outras --, mas porque era muito mais poética. A poesia contida nela foi que encantou os decadentes romanos e depois os bárbaros do Norte, e não as supostas provas cristãs. Nenhuma outra religião foi tão bem escrita. É tão poderosa em seus efeitos que até os homens que rejeitam o seu conteúdo *in toto* tornam-se-lhe mais ou menos suscetíveis. Chega-se a hesitar em zombar dela em termos puramente estéticos; por mais duvidosa que seja em doutrina, é quase perfeita na forma, e tanto que até o ateu mais hidrófobo tente a respeitá-la, como respeito a beleza de um cogumelo morto. Porque, naturalmente, está para nascer o homem que supere a poesia. Ele pode parecer curado dela, assim como se curou do sarampo na infância, mas a observação mais acurada nos ensina que tal recuperação nunca é perfeita; sempre fica uma cicatriz, uma fraqueza ou uma lembrança.

É verdade que há razões para sustentar que o gosto pela poesia no processo de desenvolvimento humano deu-se num estágio consideravelmente posterior que o pela religião. Selvagens que sabiam tanto de poesia quanto uma vaca foram capazes de elaborar teologias bastante engenhosas. Se minha conclusão for correta, segue-se que

o indivíduo, ao ensaiar a vida da espécie, irá carregar seu gosto pela poesia muito mais longe do que o pela religião – e que se este desenvolvimento por paralisado em qualquer estágio anterior ao da completa maturidade intelectual, esta paralisação é capaz de produzir alucinações. Assim, a tendência é a de haver muito mais vítimas naturais da poesia que da religião – e é aqui que a esperteza dos antigos judeus consuma a execução. Ela domina dentro da fé milhares e milhares de pessoas que são contra esta fé, e só o consegue pela fraqueza desses milhares e milhares pela poesia, *i. e.*, pelo belo, e não pelo verdadeiro. Postos em palavras duras e ásperas, a maioria dos ensinamentos a que eles são convidados a acreditar iria revoltá-los, mas, postos em sonoros ditirâmbicos, os mesmos ensinamentos os fascinam e os engolfam.

A persistência desta fraqueza pela poesia explica o curioso crescimento do ritualismo em nossa época de ceticismo. É raro o dia em que a teologia não acusa um golpe duro da ciência. Desde o último século, a teologia tem apanhado tanto que, agora, os homens educados dão-lhe pouco mais crédito do que dão à bruxaria, sua velha aliada. Mas nem mesmo o espremer diárias da sua estapafúrdia lógica causa qualquer dano à sua poesia; ao contrário, este massacre liberta e, em certo sentido, dignifica a sua poesia. Daí este constante movimento de cristãos, particularmente dos seus neo-intelectuais, evoluindo das plumagens mais literais da fé cristã para as variedades mais poéticas. O idiota normal, nos Estados Unidos, nasce batista ou metodista, mas, quando começa a melhorar de finanças, ele e sua mulher tendem a se mudar para o anexo americano da igreja anglicana, que não apenas está na moda como é menos ofensivo aos centros cerebrais superiores. Sua filha, quando completa os estudos, já se tornou anglicana-ritualista. E sua neta, se a família tiver conservado suas posses, estará pronta para abraçar Roma.

Em vista de tudo isto, estou convencido de que a igreja cristã, para quem se preocupa com o assunto, está bastante a salvo de perigo nos Estados Unidos, apesar do rápido crescimento do agnosticismo. A teologia que ela mercantiliza está cheia de absurdos infantis e repelentes; praticamente todas as outras religiões de homens civilizados ou semicivilizados são mais críveis. Mas todas elas, inclusive o Islamismo, cometem o erro fatal de se dirigir primariamente à razão. O Cristianismo sobreviverá não só ao modernismo, mas também ao fundamentalismo, um negócio muito mais difícil. Mas sobreviverá porque apela diretamente àquele abestalhado senso do poético que sobrevive em cada homem – àquele sentimentalismo elementar que, em homens de precário desenvolvimento mental (vale dizer, em o homem médio da Cristandade), é tido como uma paixão para procurar e conhecer a beleza.

-- 1924

A RESTAURAÇÃO DA BELEZA

Os cristãos do tempo dos apóstolos eram quase exatamente como os de hoje – homens sem gosto ou imaginação, futriqueiros e grosseirões, mesquinhos e vulgares. Até quanto sabemos, sua adoração pública era completamente desprovida de qualquer senso de beleza e sua única preocupação era de salvar suas suposta almas. Assim não nos deixaram nada que merecesse ser preservado – nem uma única igreja,

liturgia ou mesmo um hino. Os objetos de arte exumados das catacumbas são inferiores aos desenhos e estatuetas dos homens de Cro-Magnon. Toda a comovente beleza que adorna o cadáver do cristianismo, hoje em dia, só foi criada muito depois que os Pais haviam perecido. A fé já tinha séculos de velhice quando os cristãos começaram a construir suas catedrais. Pensamos no Natal como um típico festival cristão, e sem dúvida o é; nenhum outro é tão respeitado pelas seitas cristãs ou tão rico em encanto e beleza. Bem, o Natal, como conhecemos, foi quase desconhecido da Cristandade do século XI, quando os restos de São Nicolau, originariamente padroeiro dos agiotas, foram trazidos do Oriente para a Itália. Durante todo este tempo, a Igreja Universal já estava em frangalhos por controvérsias e ameaças de cismas, enquanto a sombra da Reforma já aparecia bem à vista no Ocidente. As religiões – como os castelos, o pôr-do-sol e as mulheres – nunca atingem o seu máximo de beleza enquanto não são tocadas pela decadência.

-- 1920

O COLAPSO DO PROTESTANTISMO

O fato de que o protestantismo está gravemente doente nos Estados Unidos deve ser óbvio para qualquer observador de patologia espiritual. Metade dele está se mudando, lenta e progressivamente, em direção aos braços do Cortesão das Sete Colinas; a outra metade desliza para o vuduísmo. A primeira metade leva com ela a maior parte do dinheiro protestante; a segunda leva a maior parte da libido protestante. O que sobrar no meio pode ser comparado a um tronco a que faltam um cérebro pensante e pernas para dançar – em outras palavras, algo que começa a ficar profissionalmente atraente para os papa-defuntos, embora ainda rebole para continuar respirando. Não há falta de vida nos escalões superiores, onde os metodistas mais solventes gradualmente se transmutam em episcopais, e os episcopais escalam os velhos bastiões da Santa Madre; não há também falta de vida nos escalões inferiores, onde os batistas matutos da zona rural descem rapidamente, pela estrada do fundamentalismo, para os dogmas e práticas da selva africana.

Em nenhum outro lugar, o protestantismo foi tão forte como nos Estados Unidos. Aqui é a terra do americano simples e piedoso, adepto da devoção e hostil a qualquer suspeita de orgia – do sujeito honesto que cumpre obedientemente as suas funções dominicais, paga seus tributos e espera por algumas palavras de conforto do pastor quando chegar a sua hora de morrer. Hoje, infelizmente, ele tende a faltar com seus pios exercícios, há rumores de que algo errado anda acontecendo com as igrejas, os jornais mais sectários ouriçam-se para pô-las na linha, e os pastores, fartos do trabalho paroquial e de pregação, preferem trabalhar como secretários executivos desses esquemas, o que os obriga a cruzar o país, expondo-os para os fiéis.

A extensão com que o protestantismo, em seus escalões superiores, sucumbiu aos lascivos avanços de Roma, parece ter sido pouco percebida pela maioria dos *connoisseurs*. Eu próprio ainda não tinha me dado conta de toda a verdade até um Natal recente quando, em busca de informações sobre outro assunto, contratei agentes para presenciar todos os cultos nas principais igrejas de uma importante cidade

americana e trazer também os melhores relatórios sobre o que se passava nas igrejas menores. A substância desses relatórios, no que se referia às igrejas patrocinadas pelos ricos, era simples: revelava uma acentuada tendência para a direita, quase um vôo cego sobre uma montanha. Seis supostas igrejas episcopais organizaram cultos à meia-noite da véspera de Natal, numa óbvia imitação das Missas do Galo da igreja católica, e uma delas chegou a classificar o seu próprio culto de missa solene. Duas outras igrejas convidaram seus nobres e fidalgos para procissões, e uma terceira disfarçou sua procissão com o nome de cortejo. Uma igreja executou a *Missa de Santa Cecília*, de Gounod, na manhã de Natal, e outra a *Messe Solennelle*, do mesmo compositor; três outras, um pouco mais cautelosas, contentaram-se em apresentar apenas partes do ritual católico. Uma delas, despidendo-se de qualquer máscara ou eufemismo, convocou os fiéis para nada menos que três missas. Todas as seis igrejas brilhavam à luz de velas e duas empregaram incenso.

Mas isto não foi o pior. Duas igrejas presbiterianas e uma igreja batista, para não citar cinco luteranas de diferentes sínodos, entoaram cantos corais na madrugada de Natal, e a única presenciada por um de meus agentes que conseguiu acordar a tempo – era uma igreja presbiteriana – exibiu as mesmas velas e tinha um palpável ressaibo romano. Pior ainda: uma rica e importante igreja metodista, apadrinhada pelos principais atacadistas e agiotas da cidade, atrevidamente ofereceu um “coral medieval”.

Medieval? O que significa isto? A Idade Média terminou no dia 16 de julho de 1453, às 12 horas em ponto, e a Reforma só foi lançada por Martin Lutero a 31 de outubro de 1517, às 10h15 da manhã. Se o termo medieval, no sentido em que foi usado, não significa a Igreja Católica Romana, então sem dúvida perdi meu tempo na escola. Meu agente, nascido metodista, relatou que ficou chocado com a cerimônia. Começou com sopros de pistões da torre da igreja e terminou com uma *Ave Maria* entoada por um coro com vestes a caráter. De novo as velas ardiam em fileiras por trás do santuário e, sobre elas, brilhava uma estrela elétrica. Realmente, Deus nos ajude! O que falta agora? Um pastor que, em futuro próximo, desafie os ensinamentos de Jeová, apresentando-se de alva e dalmática? Virará as costas aos fiéis? Mandará instalar uma cabine telefônica para confissões auriculares?

Certamente ninguém duvida de que o uso de velas para adoração pública teria a aprovação dos metodistas de Ur, ou que ele teriam consentido a apresentação de *Blasmusik* por um coro a caráter. Há apenas sessenta ou setenta anos, no entanto, os metodistas proibiram celebrações de Natal de qualquer espécie, por considerá-las romanas e idólatras. Hoje temos cerimônias quase operísticas. Como já disse, os episcopais – que, na maioria das cidades americanas, são quase todos ex-metodistas ou ex-presbiterianos, e, em Nova York, ex-judeus – vão ainda mais longe. Em três das igrejas visitadas por meus agentes, a Santa Comunhão era quase indistinguível da uma missa católica, e em todas a casa estava cheia, assim como a sacola de esmolas. Até os metodistas que continuam metodistas começam a vacilar. Cansados do alarido típico da demonologia metodista, aderiram ao novo estilo que lhes parece mais imponente e voluptuoso. O sermão deixa de ser uma carga de cavalaria e torna-se suave *pizzicato*. O coro abandona *Jogue o Salva-Vidas* e *Você Está Pronto para o Dia do Juízo*? E brinca de cantar Handel. É uma evolução que, vista de uma árvore, tem um certo mérito. O estoque de asneiras no mundo diminui sensivelmente, enquanto

aumenta o de beleza. Mas o que pensariam disto os antigos pregadores ambulantes, imaginando como tudo aquilo voltou miraculosamente do Inferno?

Bem, é o bastante para explicar a volatilização do que está acontecendo. O que estará em progresso a seguir? Só consigo antever uma bárbara temporada de caça ao diabo. Em todas as partes dos Estados Unidos onde Belzebu continua a existir – por exemplo, nas zonas rurais do Meio-Oeste e em todo o Sul, exceto por algumas cidades protegidas por muralhas –, as seitas evangélicas mergulham num abismo de imbecilidade maligna e declaram uma guerra santa contra toda a decência acalentada pelos homens civilizados. Devem ter jogado o Novo Testamento no mar e retornado ao Velho, particularmente aos seus trechos mais sangrentos. O que mais salta à vista sobre os clérigos é a sua descomunal falta de informação e bom senso. Eles constituem, talvez, a classe mais ignorante de professores já formada para guiar um povo presumivelmente civilizado; são mais ignorantes ainda do que os superintendentes das escolas.

O aprendizado, na verdade, não é tido em alta estima pelo sectarismo evangélico, e qualquer matuto que saiba ler, se inflamado pelo Espírito Santo, é declarado apto a sair pregando. Mas eles não são mandados antes para um treinamento numa universidade? Sim, mas que universidade! Aquela lá no fundo de um vale, com seu único edifício rodeado de pastagens, e um corpo docente formado por pedagogos semi-idiotas e pregadores gagás. Tais homens, numa faculdade destas, ensinam oratória, história antiga, aritmética e a exegese do Velho Testamento. O aspirante sai da estrebaria e volta à sua cidade em um ano ou dois. Sua bagagem de conhecimentos é a mesma de um chofer de ônibus ou a de um ator de circo. Mas ele aprendeu os clichês da profissão, comprou um terno preto para os domingos, escapou do batente enfrentado por seus ancestrais e agora jorra luz e aprendizado para os trouxas como se fosse um chafariz.

-- 1926

IMUNE

A convenção social mais curiosa desta grande época em que vivemos é a de que as opiniões religiões devem ser respeitadas. Os efeitos maléficos desta convenção devem ser evidentes para todos, mas os dois maiores são: a) jogar um véu de santidade sobre idéias que violam qualquer decência intelectual; b) tornar todo teólogo um libertino com imunidades. O resultado disto é a espantosa lerdeza com que as idéias realmente sólidas circulam pelo mundo. No minuto em que uma dessas idéias põe a cabeça para fora, é inevitável que algum teólogo analfabeto cairá sobre ela, tentando destruí-la. A maneira mais eficiente de defendê-la, naturalmente, seria cair sobre o teólogo com uma clava, porque a única defesa que funciona, na polêmica ou na guerra, é uma ofensiva vigorosa. Mas isto seria considerado falta de modos pelas convenções, e assim os teólogos continuam alegremente o seu assalto à inteligência sem muita resistência, retardando desagradavelmente o conhecimento.

Não há, na realidade, nada sobre opiniões religiosas que as autoriza a mais respeito que quaisquer outras opiniões. Ao contrário, elas tendem a ser

ostensivamente cretinas. Se duvida, peça a qualquer devoto de suas relações para pôr por escrito aquilo em que ele realmente acredita, e veja o que será: “Eu, José da Silva, sob juramento, acredito que, ao morrer, me tornarei um vertebrado sem substância, desprovido de peso, altura ou massa, mas conservado todos os poderes intelectuais e sensações corpóreas de um mamífero comum; e que, pelo crime e pecado de ter beijado minha cunhada às escondidas, com má intenção, serei cozido em ácido sulfúrico durante um bilhão de anos”. Outro exemplo “Eu, Maria da Silva, carregando o medo do Inferno, afirmo e declaro solenemente que foi uma atitude certa, justa, legal e decente por parte de Deus, ao ver algumas criancinhas do santuário rindo da careca do Eliseu, mandar vir uma ursa da floresta e instruí-la, incitá-la, induzi-la e comandá-la para estraçalhar 42 delas”. Ou: “Eu, D Fulano de Tal, bispo da paróquia de..., declaro pela minha honra como homem e como religioso acreditar que Jonas engoliu a baleia”, ou vice-versa, se for o caso.

Não, não há nada ostensivamente digno a respeito de idéias religiosas. Só conduzem a uma espécie curiosamente pueril e tediosa de asnices. Na melhor das hipóteses, são compiladas dos metafísicos, ou seja, de homens que devotam suas vidas a provas que duas vezes dois não são sempre ou necessariamente quatro. Na pior das hipóteses, cheira a espiritualismo ou a cartomancia. Nem há qualquer virtude visível nos homens que as comercializam profissionalmente. Poucos teólogos sabem alguma coisa que valha a pena, mesmo sobre teologia, e poucos deles são honestos. Pode-se perdoar um comunista ou um coletor de impostos na suposição de que há algum problema em suas glândulas endócrinas, e receitar-lhe um inverno no Sul da França para curá-lo. Mas o teólogo médio é um sujeito corado, robusto e bem alimentado, sem nenhuma desculpa discernível em patologia. Ele dissemina a sua cantilena, não inocentemente, como um filósofo, mas maliciosamente, como um político. Num mundo bem organizado, ele estaria na enxada. Mas, no mundo em que vivemos, temos de ouvir o que ele diz, não apenas educada e reverentemente, mas babando de boca aberta.

-- 1918

UM NOVO USO PARA AS IGREJAS

Dando-se como certa a existência de Deus, segue-se como natural uma casa dedicada a Ele. Ele é o todo-poderoso; é justo que os homens Lhe prestem alguma atenção. Mas porque louvá-Lo e Adulá-Lo por Suas inenarráveis crueldades? Por que esquecer tão supinamente os Seus fracassos em remediar o facilmente remediável? Por que, em suma, devotar as igrejas exclusivamente à adoração? Por que não emprestá-las, de vez em quando, a reuniões de justificável indignação?

Se Deus consegue ouvir uma petição, não há motivo para crer que Ele não ouvirá uma reclamação. Talvez até Lhe agradasse descobrir que Suas criaturas se tornaram tão reflexivas e autoconfiantes. Mais ainda, isto poderia até ajudá-Lo a dar conta do infinitamente difícil e complexo recado. A teologia, de fato, já está se movendo neste direção. Parece ter abandonado a primitiva doutrina da arbitrariedade e indiferença de Deus, substituindo-a pela doutrina de que Ele quer e

está até ansioso para ouvir as aspirações de Suas criaturas – *i. e.*, o que pensam no íntimo, baseadas na experiência, sobre o que seria melhor para elas. Por que presumir que isto não mereceria ser ouvido e atendido, mesmo que fosse apresentado em forma de crítica ou mesmo de denúncia? Por que acreditar que Deus capaz de entender e perdoar até a traição não entenderá e perdoará um simplex muxoxo?

-- 1918

LIVRE ARBÍTRIO

O livre arbítrio, segundo consta, continua um dogma essencial à maioria dos cristãos. Sem ele, as crueldades de Deus esticariam a fé até um ponto de ruptura. Mas, fora do aprisco das ovelhas, parece estar caindo gradualmente em desuso. Os cientistas aplicaram-lhe golpes feios, e mesmo entre os leigos de mente mais inquisitiva o livre arbítrio parece estar cedendo o lugar a uma apologética espécie de determinismo – um determinismo, pode-se dizer, temperado pela observação deficiente. Mark Twain, bem no fundo, era tal determinista – Em seu *O que É o Homem?*, pode-se flagrá-lo dando adeus ao livre arbítrio. A imensa maioria de nossos atos, diz ele, é determinada, mas ainda permanece um resíduo de livre escolha. Com isso, ficamos livres de compulsões e temos duas ou mais alternativas, ficando à vontade para seguir este ou aquele caminho.

Um travesseiro para o livre arbítrio descansar – só que recheado com tijolos. Onde os ocupantes desta última trincheira do livre arbítrio se equivocam é em sua suposição de que os safanões de seus impulsos antagonísticos são exatamente iguais – que o indivíduo é absolutamente livre para escolher aquele a quem vai se submeter. Tal liberdade, na prática, nunca é encontrada. Quando um indivíduo se confronta com alternativas, não é apenas a sua vontade que escolhe entre elas, mas também o seu ambiente, seus preconceitos hereditários, sua raça, sua cor, sua condição de servidão. Posso beijar uma garota e posso não beijá-la, mas seria absurdo de minha parte dizer que sou o único elemento ativo neste caso. O mundo até resumiu meu desamparo num provérbio que diz que tudo depende da hora e do lugar – e, até certo ponto, da garota.

Os exemplos podem ser multiplicados *ad infinitum*. Não consigo me lembrar de ter desempenhado um único ato inteiramente voluntário. Toda a minha vida parece ser uma longa série de acidentes inexplicáveis, e não apenas inevitáveis, mas até ininteligíveis. É a história das reações de minha personalidade ao meu ambiente, ou de meu comportamento diante de estímulos externos. Não sou responsável nem pela personalidade, nem pelo ambiente. Dizer que posso modificar esta personalidade por um ato voluntário é tão ridículo quanto dizer que posso modificar a curvatura do cristalino de meus olhos. Sei o que estou falando, porque tentei modifica-la várias vezes e sempre fracassei. Apesar disso, ela mudou. Não sou o mesmo homem que era no século passado. Mas as mudanças que aconteceram para melhor não devem ser creditadas a mim. Todas vieram de fora – ou de profundezas insondáveis e incontroláveis dentro de mim.

Quanto mais se examina o assunto, mais o resíduo do livre arbítrio parece encolher, até que, no fim, torna-se impossível seguir-lhe a pista. Muitos homens, naturalmente, ao se olharem no espelho, batem no peito, consideram-se donos de seu arbítrio e pedem a Deus que os recompense sua virtude. Mas esses sujeito são apenas egoístas privados de qualquer senso crítico. Confundem os atos de Deus com seus próprios atos. Não diferem muito da raposa que se gaba de ter posto os cães para correr.

A inutilidade do livre arbítrio é comumente denunciada como capaz de subverter a moral e fazer a religião de palhaça. Tais objeções tão pias não têm um pinga de lógica, mas vamos abrir uma exceção neste caso e dar uma olhada nelas. Elas se baseiam na capciosa hipótese de que o determinista foge ou tenta fugir às conseqüências de seus atos. Nada poderia ser mais falso. As conseqüências se seguem aos fatos, implacavelmente, sejam eles voluntários ou involuntários. Se assalto um banco por minha livre decisão ou em resposta a alguma necessidade interior insondável, não importa: vou para a mesma cadeia. Na guerra, morrem tanto os soldados convocados à força quanto os voluntários.

Mesmo do ponto de vista espiritual, o determinismo não provoca tanto estrado na teologia. Não é mais difícil acreditar que um homem será punido por seus atos involuntários do que acreditar que ele será punido por seus atos voluntários, pois mesmo a suposição de que ele é completamente livre não anula o fato de que Deus o fez como ele é – e que Deus poderia ter feito dele um santo, se quisesse. Negar isto é tratar com desprezo o Onipotente – um crime do qual me eximo. Mas agora começo a pensar que chapinhei longe demais na água benta das ciências sagradas, e que é melhor dar o fora antes que me esfolem. Esta prudente retirada é puramente determinística. Não a atribuo à minha própria sagacidade; atribuo-a inteiramente àquela singular gentileza que o destino sempre me reserva. Se eu fosse livre, provavelmente continuaria a escrever – e depois me arrependeria.

-- 1918

MEDITAÇÃO DE SÁBADO

Às vezes chego a suspeitar de que meu principal problema é o fato de ser desprovido do que se costuma chamar de dons espirituais. Ou seja, sou incapaz de experiência religiosa, em qualquer sentido. Algumas cerimônias religiosas me interessam esteticamente e, com alguma freqüência, até me divertem, mas não extraio delas nenhum estímulo, nenhuma sensação de exaltação, nenhuma *katharsis* mística. Neste departamento, sou tão palerma quanto o organista da igreja, o coroinha do altar ou o próprio arcebispo. Quando me sinto deprimido e cheio de miséria, não tenho o menor impulso de pedir ajuda, ou mesmo consolo, nos poderes sobrenaturais. Assim, a generalidade das pessoas religiosas continua misteriosa para mim, além de vagamente insultuosa, assim como sou inquestionavelmente insultuoso a elas. Para mim, um homem rezando e outro portando um pé de coelho para lhe dar sorte são igualmente incompreensíveis. Esta falta de compreensão tem-me causado inimizades,

acredito que duradouras. Tenho ojeriza a qualquer homem religioso, e todos os homens religiosos que conheço têm ojeriza a mim.

Sou apenas um ateu militante e não tenho a menor objeção que se vá a igrejas, desde que honestamente. Eu próprio já entrei em igrejas mais de uma vez, procurando sinceramente sentir o estalo de que tanto falam as pessoas religiosas. Mas nem mesmo na Catedral de São Pedro, em Roma, senti o mínimo sintoma do estalo. O máximo que já senti no mais solene momento da mais pretensiosa cerimônia religiosa foi um deleite sensual por sua beleza – um deleite exatamente igual ao que me invade quando ouço, por exemplo, *Tristão e Isolda* ou *Quarta Sinfonia* de Brahms. O efeito de tal música é, na realidade, mais agudo que o da liturgia, mas só porque Brahms me comove mais poderosamente que os santos.

Como se vê, esta deficiência é uma desvantagem num mundo populado, em esmagadora maioria, por homens inerentemente religiosos. Isto me afasta de meus semelhantes e torna difícil para mim compreender muitas de suas idéias e não poucos de seus atos. Vejo-os responder, de maneira firme e constante, a impulsos que a mim parecem inexplicáveis. Pior ainda, faz com que eles me compreendam, a ponto de me infligirem sérias injustiças. Não conseguem se livrar da idéia de que, por ser apático aos conceitos que os comovem profundamente, só posso ser um homem de tal aberração moral que devo ser mantido à distância. Nunca cruzei com um homem religioso que não revelasse essa suspeita. Não importa a sua sinceridade em tentar entender o meu ponto de vista, sempre termina por bater em alarmada retirada. Todas as religiões ensinam que o não-conformismo é pecado; muitas delas fazem disto o mais negro dos pecados, e o punem severamente, se tiverem poder suficiente. É impossível para este homem tão religioso duvidar da justiça desse julgamento. Ele simplesmente não consegue imaginar uma regra de conduta que não se baseie no temor a Deus.

Devo acrescentar que minha deficiência reside no impulso religioso fundamental, Não na mera credulidade teológica. Não me mantenho longe da igreja por não ser capaz de acreditar em seus dogmas atuais. Para dizer a verdade, alguns me parecem bastante razoáveis e, provavelmente, discordo deles com menos veemência do que muitos que lhes são assíduos devotados. Entre minhas experiências curiosas, há alguns anos, houve a de tentar um ardente católico que não acreditava na infalibilidade papal. Tratava-se de um fiel filho da igreja, e sua incapacidade para aceitar o dogma o angustiava. Provei-lhe, e ele pareceu satisfeito, que não havia nada de intrinsecamente absurdo na tal infalibilidade papal – já que, se os dogmas que ele já tinha adotado fossem verdadeiros, este provavelmente também o seria. Algum tempo depois, quando este homem estava nas últimas, fui visitá-lo e ele me agradeceu com aparente sinceridade por ter resolvido sua velha dúvida. Mas nem ele conseguia compreender minha falta de religião. Suas últimas palavras para mim foram as de esperança que eu abandonasse minha teimosia em relação a Deus e levasse uma vida mais pia. Morreu firmemente convencido de que eu estava condenado ao Inferno – e, o que é pior, tendo feito por merecê-lo.

-- 1923/1924

A IMORTALIDADE DA ALMA

Quando se trata da imortalidade da alma, vou logo dizendo que, seja isto o que for, parece-me inteiramente inacreditável e grotesco. Não há uma única prova plausível a seu favor; mas há uma vasta massa de provas irrefutáveis contra ela, e essas provas ó fazem crescer em peso e consistência toda vez que um teólogo abre a boca. Todos os argumentos favoráveis à imortalidade da alma podem ser reduzidos a quatro. O primeiro é lógico e se baseia na suposição de que seria impossível imaginar Deus criando uma besta tão nobre quando o homem, e deixá-lo morrer sem mis aquela, depois de alguns anos desagradáveis na terra. A resposta é simples: posso imaginá-lo muito bem, assim como outras pessoas também podem. Além disso, não há razão para acreditar que Deus veja o homem como nobre: ao contrário, todo os testemunhos teológicos disponíveis aponta na outra direção. O segundo argumento é o de que a crença na imortalidade é universal na humanidade, e esta universalidade é uma ampla prova de sua verdade. A resposta é : a) que inúmeros homens discordam disto, alguns de maneira violenta e até com chacotas; b) que, mesmo que todos os homens dissesse sim, isto nada provaria, porque todos os homens certa vez disseram sim à existência das bruxas. O terceiro argumento é o de que os mortos, falando pela boca de médiuns bem-dotados, comunicam-se freqüentemente com os vivos, logo também devem estar vivos. Infelizmente, esta prova é tão dúbia que, para lhe dar crédito, é preciso um tipo especial de cabeça, e este tipo de cabeça está longe de ser convincente. O quarto e último argumento é francamente baseado na revelação: a alma é imortal porque Deus disse que é, e ponto.

Confesso que este último argumento me parece bem mais respeitável que os outros: pelo menos, não faz nenhuma tentativa tola de asfixiar os métodos da ciência com uma proposição teológica. Mas, de qualquer forma, está cheio de ratoeiras óbvias. Seus proponentes vêm-se em sérias dificuldades quando instalados a responder quando e como a alma entra no corpo, e de onde vem. Se'ra especialmente criada em cada instância ou será o fruto de duas almas paternas? Em qualquer dos casos, em que momento ela surge? No momento da concepção ou pouco depois? No primeiro caso, o que acontece à alma de um zigoto expelido, digamos, uma hora depois da fertilização? Se a morte daquela alma se dá em seguida, então a alma não é imortal em todos os casos, o que significa que sua imortalidade não pode ser uma certeza em nenhum; e se, ao contrário, a alma vai para o Céu ou o Inferno, ou para qualquer outro escalão intermediário, somos levados a acreditar que os bispos e arcebispos que pululam além-túmulo são forçados a se associar, e em termos de igualdade, com formas que não aprenderam a pensar ou falar e parecem-se mais com girinos do que com cristãos. E se for respondido que todas as almas, depois da morte, evoluem até o mesmo ponto e perdem todas as características da carne, então qualquer esquema imaginável de jurisprudência *post-mortem* torna-se ridículo.

A suposição de que a alma entre no corpo algum tempo depois da concepção apresenta dificuldades tão ou mais sérias, mais vou poupá-los desta tortura. Será suficiente dizer que isto nos força a acreditar que, durante algum tempo, um embrião humano, apesar de vivo, não será um ser humano; ou que um ser humano pode existir sem alma. Ambas as hipóteses me revoltam – Ambas as hipóteses me revoltam – a

primeira, como um estudante de biologia; a segunda, como um abnegado súdito de um grande Estado cristão. Todas as respostas dos teólogos profissionais são inadequadas. Os católicos tentam driblar o problema despachando as almas dos não batizados a uma espécie de *Limbus Infantum*, o qual não é nem o Céu nem o Inferno, no que incorrem em petição de princípio. Quanto aos protestantes, eles simplesmente se recusam a discutir o assunto. Sua posição parece ser a de que todo mundo deve acreditar na imortalidade da lama por uma questão de decência e que, quando se chega a isto, os detalhes são irrelevantes. Mas meu apetite pelos detalhes continua a me azucrinar. *Tenho* de ser naturalmente curioso sobre uma doutrina que, se for provada verdadeira, será da maior importância para mim. À falta de luz sobre o assunto, continuarei acreditando com tristeza que, quando soarem os sinos e dispararem os canhões, e as pessoas se corroerem de dor enquanto meu barro humano estiver sendo embalsamado para ser exposto no National Museum em Washington, terá sido o verdadeiro fim de uma nobre e adorável criatura que, um dia, um dia, respondeu pelo nome de Henry.

-- 1932

QUOD EST VERITAS?

Todas as grandes religiões, afim de escapar do absurdo, têm de incorporar um pouco de agnosticismo em seus programas. Apenas o selvagem, seja o da selva africana ou o de uma tenda evangélica, finge saber exata e completamente a vontade e as intenções de Deus? “Quem sabe o que se passa na mente de Deus?”, perguntou Paulo aos romanos. “Quão inescrutáveis são os Seus desígnios e Seus caminhos depois de encontrados!” “É a glória de Deus esconder o que quiser”, disse Salomão. “Nuvens e trevas O cercam”, disse Davi. “Nenhum homem pode descobrir a obra de Deus”, disse o Pregador. Onde a diferença entre as religiões é a diferença entre seus conteúdos relativos de agnosticismo. A fé mais satisfatória e extasiante é quase puramente agnóstica. É a que confia absolutamente, sem professar saber absolutamente nada.

-- 1918

SAGRADA ESCRITURA

Seja quem for que traduziu a Bíblia para uma excelente prosa em francês terá sido o principal responsável pelo colapso do cristianismo na França. Ao contrário, os homens que vertera a Bíblia para um inglês arcaico, sonoro e quase ininteligível deram ao cristianismo um novo sopro de vida em qualquer lugar que se fale inglês. Eles fizeram o trabalho numa época de enorme blábláblá e barafunda teológica, quando homens de toda espécie, mesmos os pouco inteligentes, começavam a ter um interesse intenso e insalubre por coisas como exegese e apologese. Mas os tradutores eram muito espertos para saciar esta sede de idéias com uma Bíblia em inglês

corrente; a linguagem que usarem foi deliberadamente artificial, mesmo quando parecia nova. Com isto, dispersaram a multidão apelando para suas emoções, como a mãe que cantarola para acalmar seu bebê ao embalá-lo. A Bíblia que produziram era tão bela que a maioria dos homens não conseguia concentrar-se nas idéias contidas nela. Desde então, vem encantando tão efetivamente os povos de língua inglesa que, grosseiramente falando, eles continuam cristão, pelo menos sentimentalmente. Paine já os tomou de assalto, assim como Darwin, Huxley e outros mercadores de fatos, mas os cristãos ainda recordam o Salmo 23 quando o médico começa a balançar a cabeça; continuam a se comover (embora não ajam de acordo!) Com o Sermão da Montanha; e, uma vez por ano, deixam seus afazeres sórdidos e degradantes para mergulhar, sem a menor vergonha, na história da manjedoura. Não é muito, mas já é alguma coisa. De modo geral, não admiro os americanos papa-Bíblias – metodistas, batistas e outros vermes. Mas tente imaginar o que seria um metodista semi-analfabeto se ele não fosse metodista, e sim ateu!

A igreja latina, a qual me surpreendo constantemente admirando, apesar de suas freqüentes e espantosas imbecilidades, sempre deixou bem claro que a religião não é um silogismo, mas um poema. É acusada pelos dervixes protestantes de sonegar a Bíblia do povo. Até certo ponto, isto é verdade; mas, no mesmo grau, a igreja é sábia – e próspera. Seus joguetes com as idéias ficaram restritos aos seus clérigos, os quais reduziram a coisa a uma inofensiva brincadeira com técnicas – os terríveis conceitos de Céu e Inferno rebaixados ao nível de um concurso entre senhores de batina, cada qual tentando enredar os outros. Seus maiores teólogos continuam desconhecidos de 99% de seus fiéis. Roma, de fato, Não apenas preservou a poesia original do cristianismo, mas ofereceu contribuições fundamentais àquela poesia – por exemplo, os santos, a Virgem Maria e a própria liturgia. Uma missa solene deve ser mil vezes mais impressionante, par aum homem com algum autêntico senso religioso, do que o mais poderoso sermão já trovejado por algum presbiteriano leiloeiro de Deus. Na presença de uma beleza tão estatelante, não é necessário entupir de lógica o fiel; ele se convencerá melhor se o deixarem em paz.

A pregação não é uma parte essencial do cerimonial latino. Era muito pouco empregada na antiga igreja, e crio que seria melhor que a abandonassem de vez ou a reduzissem a algumas frases mais ou menos formais. Nos Estados Unidos, os religiosos latinos deixaram-se seduzir pelo exemplo dos protestantes, que geralmente transformam um ato de adoração num pueril exercício intelectual; em vez de se aproximarem de Deus através do medo e da admiração, esses protestantes sentam-se em seus banquinhos, cruzam as pernas e ouvem um bestalhão tentar provar que é melhor teólogo do que o Papa. É nesta loucura que os católicos estão se metendo. Seu clero tornou-se argumentativo, doutrinário e ridículo. É pena. Um bispo com seus paramentos, fazendo o seu papel de solene cerimonial da missa, é um espetáculo digno, mesmo que esteja suando aos borbotões; o mesmo bispo, balindo contra Darwin meia hora depois, lembra mais um velha careca, filho de um respeitável dono de botequim na Irlanda. Seria bom que os padres voltassem a Bach. Se continuarem enxugando a poesia e esguichando idéias, estará perto o dia em que um diácono mais atrevido fará a humanidade cair de costas e insultará o próprio Deus, ao propor que se traduza a liturgia para o americanês, para que todos os fiéis se convençam dela.

CERIMÔNIA MEMORIAL

Onde fica o cemitério dos deuses mortos? Algum enlutado ainda regará as flores de seus túmulos? Houve uma época em que Júpiter era o rei dos deuses, e qualquer homem que duvidasse de seu poder era *ipso facto* um bárbaro ou um quadrúpede. Haverá hoje um único homem no mundo que adore Júpiter? E que fim levo Huitzilopochtli? Em um só ano – e isto foi há apenas cerca de quinhentos anos – 50 mil rapazes e moças foram mortos em sacrifício a ele. Hoje, se alguém se lembra dele, só pode ser um selvagem errante perdido nos cafundós da floresta mexicana. Huitzilopochtli, como muito outros deuses, não tinha um pai humano; sua mãe era uma virtuosa viúva; nasceu de um inocente flerta dela com o sol. Quando ele resmungava, seu pai, o sol, ficava quieto. Quando trovejava de ira, terremotos engoliam cidades inteiras. Quando tinha sede, era saciado por 5 mil litros de sangue humano. Hoje, Huitzilopochtli está tão esquecido quanto Allen G. Thurman. Para quem já teve como seus pares Alá, Buda, e Wotan, seus colegas atualmente são Richmond P. Robinson, Alton B. Parker, Adelina Patti, Tom Sharkey e o general Wayler, sejam quem forem.

Falando em Huitzilopochtli, logo vem à memória seu irmão Tezcatilpoca. Tezcatilpoca era quase tão poderoso : devorava 25mil virgens por ano. Levem-me a seu túmulo: prometo chorar e depositar uma *couronne des perles*. Mas quem sabe onde fica? E onde fica túmulo de Quitzalcoatl? Ou o de Xiehtecutli? Ou o de Centeotl, aquela gracinha de deus Ou o de Tlazolteotl, a deusa do amor? Ou o de Mictlan? Ou o de Xipe? Ou os restos de Tzitzimitles? Onde estão seus ossos? Onde fica o salgueiro onde eles penduraram suas harpas? Em qual Inferno perdido e desconhecido esperam pela ressurreição? Quem desfruta suas heranças? E onde fica o túmulo de Dis, de quem César dizia que era principal deus dos celtas? Ou o de Tarves, o touro? Ou o de Moccus, o porco? Ou o de Épona, a égua? Ou o de Mullo, o asno celestial? Houve uma época em que os irlandeses reverenciavam todos esses deuses, mas hoje até o mais bêbado deles só consegue rir disso.

Mas eles têm companhia no oblívio: o Inferno dos deuses mortos é tão superlotado quanto o Inferno presbiteriano para bebês. Damona está num deles, assim como Ésus, Drunemeton, Silvana, Dervones, Adsalluta, Deva, Belisama, Uxellimus, borvo, Grannos e Mogons. Todos deuses poderosos em seu tempo, adorados por milhões, cheios de exigências e imposições, todos capazes de unir e desunir – enfim, deuses de primeira classe. Durante gerações, os homens trabalharam para construir-lhes vastos templos – cada qual com pedras do tamanho de um bonde. O trabalho de interpretar os seus caprichos ocupava milhares de sacerdotes, bispos e arcebispos. Desafiá-la significava a morte, geralmente na fogueira. Os exércitos os defendiam contra os infiéis: cidades eram queimadas, mulheres e crianças chacinadas, seu gado afugentado. No fim das contas, no entanto, todos declinaram e morreram, e, hoje, não se encontra uma única alma penada para reverenciá-los.

O que terá acontecido a Sutekh, antigo deus de todo o vale do Nilo? O que terá acontecido a:

**Resheph
Anath
Ashtoreth
Nebo
Melek
Ahijah
Ísis
Ptah**

**Baal
Astrarte
Hadad
Dagon
Yau
Amon-Ra
Osíris
Molech?**

Todos estes foram deuses da mais alta eminência. Muitos são mencionados com temor e respeito no Velho Testamento. Há 5 ou 6 mil anos, estavam taco a taco com o próprio Jeová, e o mais galinha-morta de todos era muito superior a Thor. Pois foram todos para o nada e, com eles, os seguintes:

**Arianrod
Morrighu
Govannon
Gunfled
Dagda
Ogurvan
Dea Dia
Iuno Lucina
Saturno
Furrina
Cronos
Engurra
Belus
Ubililu
U-dimmer-an-kia
U-sab-sib
U-Mersi
Tammuz
Vênus
Belis
Nusku
Aa
Sin
Apsu
Elali
Mami
Zaraqu
Zagaga**

**Nuada Argetlam
Tagd
Goibniu
Odim
Ogma
Marzin
Marte
Diana de Éfeso
Robigus
Plutão
Vesta
Zer-panitu
Merodach
Elum
Marduk
Nin
Perséfone
Istar
Lagas
Nirig
Nebo
En-Mersi
Assur
Beltu
Kusky-banda
Nin-azu
Qarradu
Ueras**

Peças ao seu vigário que lhe empreste um bom livro sobre religião comparada: você encontrará todos eles devidamente listados. Todos foram deuses da mais alta

dignidade – deuses de povos civilizados --, adorados e venerados por milhões. Todos eram onipotentes, oniscientes e imortais. E todos estão mortos.

-- 1922

MORAL

A ORIGEM DA MORALIDADE

As crianças vêm ao mundo sem nenhuma compreensão visível da diferença entre o bem e o mal ou do certo e do errado, mas um pouco destas noções lhes é passada assim que aprendem a diferença entre a luz e a escuridão, o quente e o frio, o doce e o azedo. É uma espécie de conhecimento aparentemente essencial a todas as criaturas que vivem em sociedade, e isto é verdade tanto para os animais inferiores quanto para os seres humanos. É certo que as crianças não parecem formular um conceito de mal *per se* e, obviamente, não sabem nada sobre aquela abstração altamente metafísica que a humanidade chama de pecado, mas muitas espécies estão bem familiarizadas com atos concretos de perversidade, a serem severamente punidos. O roubo e o adultério são exemplos familiares. O cachorro persegue e, se é capaz, castiga a outro cachorro que roubou o seu osso, assim como o macaco tenta matar qualquer intruso solteiro que tome algumas liberdades com suas fêmeas. Esta aguda e sangrenta discriminação entre o *meum* e o *tuum* pode ser observada não apenas nos mamíferos, mas também nos animais de ordens inferiores, incluindo pássaros, insetos e até mesmo peixes. Muitos dos arranques entre pardais e estorninhos são causados por conflitos sobre direitos de propriedade de uma minhoca; e todo mundo já viu dois peixinhos dourados num aquário, lutando por um pedaço de comida que um deles tenta engolir, enquanto o outro busca arranca-lo e fugir.

Um popular naturalista alemão, dr. Theodor Zell, deu-se ao trabalho de escrever um tratado intitulado *Moral in der Tierwelt* (Moral no Mundo Animal), no qual sustenta que muitas espécies, principalmente entre os insetos, nutrem não apenas a idéia um tanto negativa do vício, mas também a idéia positiva da virtude. As formigas, diz ele, são melhores cidadãs do que os membros de qualquer sociedade humana conhecida, porque nunca fazem greve. Se as operárias de uma determinada colônia parassem de trabalhar, sua rainha passaria fome, e cada uma delas poderia desfrutar o privilégio democrático de aspirar a todo aquele poder e circunstância. Mas, enquanto houver comida, nunca param de alimentá-la. Por isto, ele conclui, são verdadeiras patriotas e exibem um luxuriante desenvolvimento daquela lealdade à ordem estabelecida, considerada tão importante entre as virtudes dos seres humanos.

Pode-se argumentar que tais atos e atitudes das espécies inferiores são puramente instintivos, e que seria irracional tentar dignificá-las, confundindo-as com a moral. Mas a isto se pode responder que os motivos e impulsos por trás de muitos conceitos morais dos seres humanos parecem ser instintivos, exatamente no mesmo sentido e quase na mesma medida. Nenhuma criança precisa ser ensinada a reconhecer como seu este ou aquele chocalho; todo o poder da pedagogia se concentra em induzi-

la a desfazer-se de sua propriedade quanto isto lhe é exigido. Nem há qualquer razão para acreditar que as várias manifestações de rivalidade sexual entre os homens são mais nobres em origem do que as observadas entre os macacos e cachorros; a tendência de uma cultura avançar é a de obliterá-las, não de estimulá-las.

Nos tempos em que a antropologia era uma pseudociência cultivada principalmente por missionários, havia a crença de que os escalões inferiores da espécie humana não tinham qualquer moral – que se submetiam aos seus impulsos de maneira ingênua e irracional, sem o menor conceito sobre os direitos de propriedade, fosse em bens ou em mulheres, nem de obrigações, fosse para com seus deuses ou semelhantes. Hoje se sabe que os selvagens são muito mais morais do que o homem civilizado. Seus sistemas éticos apenas diferem dos nossos, assim como seus sistemas gramaticais, teológicos ou governamentais; mas mesmo o mais primitivo deles submete-se inquestionavelmente a deveres e tabus complicado e onerosos, deixa-se punir quando dá um passo em falso com a mulher do vizinho e, principalmente, parece estar se torturando pelo que, nos escalões superiores, se chama de consciência -- ao ponto de, às vezes, deixar-se abater tanto pelo remorso que definha e morre.

O homem primitivo, neste aspecto como em outros, parece ter sido bem parecido com os selvagens de hoje. A primeira vez em que tivemos uma vaga impressão dele, agachado no escuro de sua caverna mal-assombrada, este homem primitivo já era um chefe de família, com certos deveres, direitos e responsabilidades. Naturalmente, sabemos muito pouco a seu respeito, mas temos quase certeza de que ele não partilhava sua mulher com as visitas, nem matava e comia os filhos ou deixava de prestar o que considerava o seu tributo aos deuses. Até este ponto, pelo menos, era um agente moral tão respeitável quanto qualquer cristão. Mais tarde, na história humana, quando o homem descobriu a arte da escrita e começou a deixar seus atos e pensamentos para a posteridade, devotou quase tanto tempo e energia a rabiscar suas noções do que era certo ou errado quanto gabar-se de suas glórias ou prodígios. Logo no primeiro capítulo da Bíblia, já há presunçosos mandamentos morais, assim como estes também podem ser encontrados nos velhos livros de todos os outros povos. Os primeiros conquistadores e déspotas dos quais sabemos alguma coisa pareciam se considerar precisamente como os seus colegas de hoje – ou seja, como arautos das luzes – e todos pareciam tão ansiosos quanto o celebrado Hamurabi para receber o título de “o rei da justiça”.

No mundo em que hoje vivemos, o senso moral parece estar universalmente dispersado, pelo menos entre pessoas normais saídas da infância. Nenhum explorador descobriu até agora uma tribo que não parecesse possuí-lo. Há povos tão primitivos que é difícil distinguir entre sua religião e o mero medo do escuro, mas não há nenhum, por mais baixo, que não tenha o seu sistema moral elaborado e rígido. E nem este sistema costuma ser freqüentemente desafiado, ao menos nos patamares culturais inferiores, pelos que se submetem a ele. O indivíduo rebelde pode transgredi-lo de vez em quando, mas dificilmente contestará sua validade. Para se encontrar tal contestação em grande escala, teremos de retornar ao Cristianismo, em que um ousado e impaciente reexame do tradicional dogma ético seguiu-se a um colapso na velha crença sobre a revelação. Mas, mesmo no Cristianismo, os críticos mais ferozes do sistema ortodoxo são, em regra, homens profundamente morais, e as reformas que propõem não significam absolutamente um abandono dos imperativos morais, mas apenas uma substituição do que acreditam ser maus imperativos por outros melhores.

Isto se aplica a todos os iconoclastas importantes, de Hobbes a Lênin, e aplica-se mais ainda ao arquiiconoclasta Nietzsche. Seu furioso ataque ao ideal cristão de humildade e abnegação levou os críticos cristãos a denunciá-lo como o advogado do mais brutal egoísmo, quando, na verdade, ele propunha apenas a introdução de uma forma nova e mais heróica de renúncia, baseada na abundância da força e não na fraqueza incurável; em sua máxima, “Seja duro!”, havia tanto sacrifício do prazer imediato quanto em qualquer dos *principia* de Jesus.

A diferença entre os sistemas morais é, portanto, muito tênue, e, se não fosse pela constante pressão dos proponentes de virtudes sem raízes nas necessidades normais do homem – donde só atraem homens estreitos e anormais --, seria mais tênue ainda. Todas as variedades realmente básicas do bem moral já eram tidas como tais até onde alcança a memória da humanidade, e todas as perversidades básicas já haviam sido repreendidas. O Segundo Mandamento pregado por Jesus (Marcos, XII, 31) era pregado por Buda seis séculos antes d’Ele, e provavelmente já devia estar de barbas brancas quando Buda tornou-o o centro de seu sistema. Da mesma forma, os Dez Mandamentos do Êxodo e Deuterômio tinham milhares de anos quando os escribas judeus o puseram no papel. Finalmente, e da mesma forma, os gregos elegeram o seu conceito de sabedoria como o supremo bem da vida e, se pensamos neles hoje como seus inventores, é porque estamos mais familiarizados com suas especulações éticas do que com as de povos mais antigos.

Cinco proibições fundamentais do decálogo – as que se referem a matar, roubar, cobiçar, prestar falso testemunho e desejar a mulher do próximo – podem ser encontradas em qualquer sistema moral conhecido e parecem ser universalmente aceitas pela opinião humana. Este apoio, naturalmente não significa que venham a ser seguidas à risca; ao contrário, são transgredidas vez ou outra, tanto por selvagens quanto por homens civilizados, e algumas até com frequência. Nos Estados Unidos, por exemplo, as situações em que um sujeito mata um seu semelhante e é declarado inocente são mais comuns do que aquelas em que é declarado culpado; mesmo na Inglaterra, a mais moral das grandes nações, a coisa não muda muito. Idem quanto ao adultério, o roubo, a cobiça e o falso testemunho. O roubo e a cobiça matizam-se por gradações tão imperceptíveis em certas transações que não podem ser expostos sem pôr em perigo todo o tecido social; e o falso testemunho é tão facilmente condenável que até bispos, às vezes incluem-se entre os seus mais zelosos fiscais. Mas apesar da indefinição do contorno moral e desta tolerância pelo pecado, o fato é que todos os homens normais e de boa fé, sejam civilizados ou incivilizados, condenam suas transgressões como atos imorais e anti-sociais – exceto, talvez, em tempo de guerra, quando todas as costumeiras sanções morais são abandonadas. Quando essas transgressões são perpetradas de maneira crua e clara, sem qualquer concessão aos velhos e inextirpáveis sentimentos contra elas, são vistas com abominação e os culpados são severamente punidos.

-- 1934

O BOM CIDADÃO

Os fundamentos da moral são os mesmos em toda parte. Mas a moral, como a teologia, é sensível a acréscimo e crescimentos, e novas idéias morais surgem o tempo todo. Em nossa época, temos presenciado esforços desesperados para sancionar moralmente conceitos que eram inéditos há poucas centenas de anos – por exemplo, o conceito de que é pecado beber. E, simultaneamente, observamos a ascensão de virtudes que eram rejeitadas pelos fundadoras da atual moralidade cristã – por exemplo, aquelas que compõem o caráter do que se costuma chamar de um bom cidadão. Estas virtudes certamente não saíram da Bíblia, porque os judeus daquele tempo, ao contrário do que se vê em seus atuais descendentes, tinham horror ao trabalho, um horror maior ainda à parcimônia e eram quase totalmente desprovidos daquele sentimentalismo banal que passa pelo nome de patriotismo. Sua lealdade concentrava-se mais em Jeová do que no Estado ou na comunidade, e eles estavam sempre prontos a desafiar e derrubar seus governantes ou a entrar em guerra contra seus semelhantes. Em suma, seu sistema moral era o dos separatistas e individualistas, impacientes contra qualquer restrição secular e desdenhoso de qualquer esforço social sério e contínuo. Eles se originaram de uma tribo de nômades do deserto, e seu ponto de vista continuou o mesmo dos nômades até o fim do seu sangrento capítulo.

O trabalho, aos seus olhos, não era o glorioso privilégio que se tornou em nossa sociedade altamente socializada, mas uma maldição implacável lançada sobre Adão por seus pecados, assim como as dores do parto foram lançadas sobre Eva pelos dela: “Porque comeste daquela árvore, ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”. Este conceito do trabalho como expiação tornou-se aos poucos mais ou menos tolerável, mas nunca chegou a ser visto como algo que pudesse ser descrito como propriamente agradável. Os judeus sempre enfatizaram a função do sábado como o dia do descanso: “Nele, não trabalharás, nem o teu filho, nem a tua filha, teu empregado, tua empregada, nem o teu gado nem o teu estranho dentro de seus portões”. Estes descanso era um prêmio justo e altamente apreciado em troca de tanta devoção: por servir a Deus assiduamente, eles se livraram de pelo menos 1/7 do fardo do trabalho. Quase sempre, no Velho Testamento, este fardo é associado ao sofrimento, como nos Salmos 90: 10. SE “o sono de um trabalhador é doce”, é só porque ele fez o seu trabalho. Não há estímulo subjetivo nisto, nem qualquer bem durável. “Como saíste do ventre de tua mãe, nu retornarás para de onde vieste e nada levarás de teu trabalho.”

A idéia de que a riqueza pode ser um bem em si e de que há uma virtude mística em acumulá-la pelo trabalho duro e pela autoprivação era tão estranha ao pensamento dos judeus como o era dos gregos. Um homem rico, aos seus olhos, era quase sempre um vilão; na realidade, era o vilão favorito de seus homilias morais, segundo pelo idólatra. Você perguntará: Mas não há ocasionais elogios ao “homem diligente em seu negócio”, como nos Provérbios? Sim, mas o dr. James Henry Breasted nos informa de que esses elogios foram compilados de um velho livro egípcio, *A Sabedoria de Amenemopoe* (c. 100 a.C.) – e que, junto com eles, foram tiradas da mesma fonte tenebrosas advertências para que não levasse essa diligência longe demais. E não foi Salomão, a quem os Provérbios são tradicionalmente (mas falsamente) atribuídos, que aconselhou seu filho a imitar a formiga que trabalha? Sim. Então, Salomão deve ter sido um homem ambicioso, donde, pela teoria judaica, um personagem suspeito. Quando chegamos ao Novo Testamento, podemos encontrá-lo exposto em desdenhoso contraste aos lírios do campo, que “não fiam, nem tecem”.

Jesus teve dois ricos seguidores, Zaccheus de Jericó e José de Arimatéia, mas o primeiro foi induzido a dar metade de seus bens para os pobres e o outro só apareceu depois da Crucificação.

A idéia de Deus sobre a riqueza é bastante conhecida para precisar ser lembrada. Pregando, como Ele fazia, o iminente fim do mundo, não podia imaginar qualquer razão válida para se acumular propriedades, e em Seu sistema ético não haveria espaço para as virtudes de Babbitt. “Em verdade, em verdade vos digo que dificilmente um rico entrará no Reino do Céu. E novamente vos digo, será mais fácil para um camelo atravessar o fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.” Vários outros ecos familiares dos Dez Mandamentos vêm à mente: “Não construa para ti castelos sobre a terra. ... Os ardis dos ricos sufocam a Palavra, e ela se torna infrutífera. ... Não podes servir a Deus e ao dinheiro”. E, de maneira ainda mais clara e intransigente:

Não penses em tua vida, no que vais comer, ou no que vais beber; nem mesmo *no teu* corpo, ou no que vais vestir. ...Contempla as aves no céu: não lavram, nem colhem, nem se juntam em estábulos; no entanto, o teu Pai celestial as alimenta. Não estás muito melhor do que elas?

Quanto a Paulo, via na opulência apenas uma passagem para o Inferno “Os ricos”, ele escreveu a Timóteo, “caem em tentação e em ciladas e em muitos desejos todos e danosos, que levam os homens à destruição e à perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males.”. aqui o conselho de Jesus é apoiado, como sempre acontece com Paulo, pelos ditos dos filósofos gregos e de seus seguidores romanos. Tanto gregos quanto romanos – com a possível exceção de alguns estóicos – viam o trabalho mais ou menos como os judeus: no máximo, como um sacrifício desagradável aos deuses por suas relutantes piedades. Na Idade de Ouro, os homens não sabiam nada a respeito, segundo Hesíodo. O *Kulturkritiker* italiano Adriano Tilgher, em seu *Homo Faber*, chama a atenção para o fato de que a palavra grega para trabalho, *ponos*, veio da mesma raiz da palavra latina para tristeza, *poena*. Lembra também que o fracasso dos gregos em aplicar parte de suas descobertas científicas deveu-se principalmente à sua aversão ao trabalho, a empreitadas frívolas e à acumulação de propriedade. Tinham até um certo desprezo pelos artistas; esculpir estátuas e construir edifícios, pensavam, eram coisas para escravos, não para homens livres. Aristóteles, sempre procurando um meio-termo, concedia que a riqueza podia ser útil em certas ocasiões, nem que fosse como um estímulo à liberdade e à justiça, mas não via nenhuma virtude no simples fato de acumula-la, como desnecessária às empreitadas superiores do homem. O homem em busca da sabedoria (que, para ele, assim como para Confúcio, era o deus supremo) “não precisa de aparato externo; ao contrário, os bens frívolos ao um estorvo à contemplação.”

Os romanos, muito menos idealistas do que os gregos e sem muito amor pela sabedoria, viram com muito mais simpatia a riqueza, mas tinham idéias rígidas sobre como consegui-la. O trabalho, por exemplo, lhes era repulsivo, donde o repassavam aos escravos sempre que possível. As duas únicas maneiras realmente respeitáveis de se acumular dinheiro entre eles era pelo cultivo da terra e pelo que hoje chamamos de grandes negócios; mas, mesmo este último soe ra tolerado porque, segundo Tilgher, permitia “uma aposentadoria honrosa na paz rural, digna de um cavalheiro do

campo”. Pela parcimônia e diligência comuns, os romanos nutriam solene desprezo. Comerciantes e mascates não passavam de palhaços, enquanto trabalhadores mal podiam ser considerados humanos.

Os antigos pais do cristianismo, quando a esperança do segundo adventício de Cristo virou fumaça, tiveram de adaptar o seu sistema moral à realidade de um mundo exigente e conturbado, e assim os conselhos de Jesus foram cuidadosamente revisados. Passaram a pensar na ameaçadora aproximação do dia de amanhã e, em consequência, a acumulação de bens começou a ganhar uma certa responsabilidade. Mas a noção de que o trabalho podia ser um bem em si ainda estava longe. Para Santo Agostinho (354-430), como para os judeus, continuava a ser uma espécie de sacrifício – se não uma real expiação do pecado ou então, no mínimo, um pretexto para reduzir a tentação. Ele acreditava que todos os monges deviam ser obrigados a trabalhar, porque isto os deixava exaustos e tirava-lhes da cabeça a lubricidade e outros maus pensamentos. Mas, quando se tratava dos leigos, Santo Agostinho era vago: entre os deveres destes, estava o de dividir seus ganhos com os pobres, mas não eram obrigados a dividir o trabalho e nem a economizar.

Foi preciso chegar a Idade Média, quando a sociedade na Europa começou a se reorganizar – ainda que penosamente – em bases comerciais, para que se ouvisse falar do trabalho como uma obrigação geral. Santo Tomas de Aquino (1226-74) pregou-o como um corolário da sua doutrina das classes sociais fixas e imóveis. Era obrigação de certos escalões inferiores do homem a de trabalhar diligentemente, como era do dever dos nobres cultivar as Humanidades, disseminar a fé e castigar os infiéis. Mas não havia revelação nisto, nem muita teologia. Santo Tomás, como sempre, falou poderosamente *ex cathedra*, mas falou mais como um sociólogo do que mesmo um teólogo. Em outras palavras, sua teoria era simplesmente uma dedução lógica das necessidades sociais de seu tempo. O trabalho era inevitavelmente necessário num mundo em que o dinheiro se tornava cada vez mais importante e, portanto, tinha de ser feito. Mas a parcimônia ainda continuava dúbia. O primeiro dever de um homem que acumulasse uma grande riqueza seria gastá-la – uma boa parte com os pobres, mas, o que restava, naquele desperdício conspícuo que se tornou um dos maiores fenômenos sociais daquele tempo. Um príncipe que demonstrasse cautela neste departamento era tido em baixa estima, assim como um prelado. A maioria das grandes catedrais foi construída, a princípio, não para a glória de Deus, mas para uma gloriosa prova da liberdade dos arcebispos.

Quando a Idade Média desaguou na Renascença e o trabalho contínuo tornou-se ainda mais necessário para o bem-estar de uma sociedade em rápida transformação, ele naturalmente tornou-se mais virtuoso. Mas os teólogos católicos só lhe deram a sua aprovação, segundo se suspeita, sob uma áspera compulsão econômica: em seu íntimo, ainda partilhavam a visão dos antigos cristãos sobre ele, como um fardo penoso, e quando o exortavam em público era como se fosse uma penitência. Coube ao herético Martin Lutero descobrir que o trabalho era uma coisa louvável em si. Foi ele o inventor da moderna doutrina de que há algo inerentemente dignificado e louvável no trabalho – e de que o homem que carrega um fardo no calor do dia agradará mais a Deus do que aquele que descansa à sombra. Aqui, como em outros assuntos, Lutero passou uma ardente ratificação teológica à revolução econômica que estava em processo e que não podia ser contida. Ele foi o campeão dos novos senhores da Europa, os *bourgeois* do mundo dos negócios, contra os velhos

senhores, como os padres e os soldados. Estes homens de negócios precisavam de trabalhadores voluntários, e a maneira mais fácil de consegui-los era convencê-los de que, trabalhando duro, estariam servindo e agradando a Deus.

Mas até Lutero suspeitava do mero capitalista, em oposição aos *entrepreneurs*, e em seus primeiros sermões denunciou a cobrança de juros em termos violentos e injuriosos que lembravam as filípicas dos pais do cristianismo. Mais tarde, diante de uma crescente maré que não conseguia deter, modificou prudentemente sua posição, e sua doutrina final estabelecia que cobrar um aluguel pelo uso da terra também agradava a Deus, desde que não ultrapassasse 5% de seu valor. Sustentou também que era moral o proprietário receber uma indenização do arrendatário, caso perdesse uma chance de lucro ao arrendar a terra, ou se tivesse de arrendar ele próprio para compensar seu prejuízo. Mas Lutero nunca foi até o fim: continuou a alimentar graves dúvidas sobre certas espécies de investimentos. Sua grande contribuição à ética cristã de nossos dias não reside nesta dúvida e arriscada direção, e sim na de que foi ele o inventor da dignidade do trabalho. “Com Lutero”, diz Tilgher, “a palavra alemão *Beruf*, significando ‘profissão’, tomou um colorido religioso que nunca iria perder e o qual foi transmitido do alemão para as palavras análogas de todos os países protestantes. Profissão, vocação e ofício tornaram-se sinônimos”. Lutero pôs uma coroa na testa suada do trabalho.

-- 1934

DE NOVO, O LIVRE ARBÍTRIO

O estudo do volumoso e instrutivo fenômenos do pecado sempre faz com que os teólogos da moral abriguem dúvidas cada vez maiores sobre a liberdade de arbítrio, embora alguns dos mais talentosos, como Santo Agostinho, Lutero e Calvino, tenham chegado perto de jogá-la no lixo de uma vez. De fato, como livre arbítrio pode ser reconciliado com a onisciência e a onipotência de Deus, o primeiro postulado de toda religião revelada? Se ele sabe que vou trabalhar esta noite escrevendo este livro tão ímpio, para escândalo da fé e terrível ameaça às almas, por que não me induz a um trabalho mais descente? Impossível imaginar, à luz daquela fé, que Ele não saiba o que estou fazendo, assim como é impossível imaginar que não possa me deter. *Ergo*, deve assumir pelo menos parte da culpa por meu pecado e fará um papelão se tentar me punir por ele no Inferno.

Mas isto, naturalmente, já está indo mais longe do que qualquer teólogo moral se permite avançar. Antes que este teólogo chegue ao ponto de botar a culpa inteira em Deus, ele sempre transforma divina onipresciência em algo consideravelmente menos abrangente, geralmente com desconcertantes nomes metafísicos, e com isso deixa espaço de sobra para o livre arbítrio. Os católicos molinistas, por exemplo, dividiram-no em três partes, *simplex intelligentia*, *scientia visionis* e *scientia media*, nenhuma delas capaz de uma definição precisa: com isso, põe-se uma pedra sobre o assunto, tornando-o inacessível aos vulgares. E, assim, apesar de Sua infinita sabedoria e terríveis poderes, Deus fica autorizado a se surpreender, a ficar desapontado, sentir-se ferido ou enfurecer-se, enquanto o homem fica livre para pecar e passar por isto através da eternidade. Esta concessão, imagino, dá algum trabalho

aos teólogos no seu papel de lógicos, mas, como pastores práticos que são, fazem-no com grande elegância, tornando-a absolutamente essencial aos seus negócios. Tirem da religião revelada a idéia do livre arbítrio para pecar, e esta religião deixará de ser uma preocupação corrente.

Os filósofos seculares caminham em outra direção, mas chegam substancialmente à mesma posição. Seu problema não é o de encontrar um estribo precário para o livre arbítrio sob a sombra universal de Deus, mas o de conservá-lo dentro de limites plausíveis. O selvagem ideal, imerso em sua ingenuidade animística, vê o arbítrio em tudo que se move e até em objetos fixos, e não consegue imaginá-lo dominado e circunscrito no homem, o senhor da criação. Se *A* mata *B*, mesmo que por pura inadvertência, *A* deve pagar por isto: ou com sua própria vida ou com uma pesada indenização. O arbítrio, em outras palavras, está contido no ato; não há diferença legal entre a mais deliberada premeditação e o que poderíamos chamar de um acaso ou acidente. Mas este selvagem ideal e sua jurisprudência só existem como abstrações nos mais românticos livros de antropologia. Na vida real, até as tribos mais primitivas vêem o livre arbítrio com razoáveis reservas. O homicídio sob um conjunto de circunstâncias diferentes, e os conceitos de inintencional, perdoável e coercível movem-se furtivamente de gatinhas.

-- 1934

MORTE

SOBRE O SUICÍDIO

O número de suicídios está aumentando, disse-me outro dia um inteligente papa-defuntos. Sem dúvida, uma boa notícia para a sua profissão, combatida ultimamente pelos progressos da medicina e quase tanto pela feroz competição em suas próprias fileiras. É também uma boa notícia para aqueles românticos otimistas que gostam de acreditar que a espécie humana é capaz de atos racionais. O que poderia ser mais lógico do que o suicídio? O que poderia ser mais despropositado do que continuar vivo? No entanto, todos nos agarramos à vida com desesperada devoção, mesmo quando o que resta dela é palpavelmente frágil e cheio de agonia. Metade do tempo dos médicos é desperdiçado bombeando vida em cacos humanos, que não têm nenhuma razão inteligível para continuar vivendo, assim como uma vaca tem para continuar dando leite.

Em parte, este frenesi absurdo tem suas origens na imaginação humana ou, como poderia ser chamada mais poeticamente, na razão humana. O homem, tendo adquirido a alta capacidade de visualizar a morte, visualiza-a como algo doloroso e horrível. Claro que ela é raramente assim. Os estágios anteriores a ela podem até ser (embora nem sempre) dolorosos, mas a morte em si parece desprovida de sensação, seja física ou psíquica. O candidato, finalmente defrontando-a, simplesmente perde suas faculdades. Não lhe dói mais do que doeria num micróbio. O horrível, assim como o doloroso, não fazer parte dela. É até mais provável que ela revele elementos do grotesco. Falo, é claro, da morte natural. Já o suicídio é nitidamente mais

desagradável, até porque há alguma incerteza a seu respeito. O candidato hesita em se matar com um tiro porque teme, com alguma razão, errar o tiro e apenas se ferir. O tiro, além disso, juntamente com outras formas de produzir o êxodo artificial, envolve uma espécie de afronta à sua dignidade: certamente vai provocar uma lambança. Mas parece-me que aquela objeção tende a desaparecer com o progresso da ciência. Métodos mais fáceis, seguros e higiênicos para se partir desta vida serão inventados. Alguns, na verdade, já são conhecidos e isto talvez explique o aumento no número de suicídios, tão satisfatórios para meu amigo papa-defuntos.

Passo por cima das objeções teológicas à autodestruição por serem muito sofisticadas para merecerem resposta séria. Desde o começo, o cristianismo pintou a vida na terra como algo tão triste e vazio que seu valor tornou-se indistinguível do de uma merdinha. Então, para que aferrar-se a ela? Simplesmente porque sua inutilidade e dissabores são partes da vontade do Criador, cujo amor por Suas criaturas consiste curiosamente em torturá-las. Se elas se revolvem neste mundo, serão torturadas um milhão de vezes mais no próximo. Apresento este argumento como um típico espécime de raciocínio teológico e passo a outros temas mais importantes. Especificamente, à minha tese original: a de que é difícil, senão impossível, descobrir qualquer razão lógica ou probatória, que não se desmascare instantaneamente como cheia de falácias, para se continuar vivo. A sabedoria universal do mundo já concluiu há muito tempo que a vida é uma maldição. Consulte um filósofo proverbial de qualquer raça e você o verá falando da futilidade da batalha mundana. A antecipação é melhor do que a realização. O desapontamento é o quinhão da humanidade. Nascermos na dor e morremos no sofrimento. O homem feliz morreu quarta-feira. Fulano finalmente descansou. Etc., etc. Eu poderia estender esta lista por páginas e páginas. Se você despreza a sabedoria popular, dê uma espiada no se Shakespeare: suas peças escorrem um pessimismo de ponta a ponta. Se há uma idéia geral nelas, é a de que a existência humana é uma penosa futilidade, apagável como uma vela.

No entanto, nos atrelamos a ela de uma maneira atabalhoadamente fisiológica – ou, para ser mais preciso, patológica – e até tentamos recheá-la com pomposas cantilenas. Todos os homens verdadeiramente sensíveis lutam poderosamente pela distinção e pelo poder, *i. e.*, pelo respeito e inveja de seus semelhantes, *i. e.*, pela admiração de uma interminável série de carcaças portando aminoácidos em rápida decomposição. E para quê? Se eu soubesse, certamente não estaria escrevendo livros neste infernal verão americano; estaria exposto numa sala de cristal e ouro, e as pessoas pagariam 10 dólares para me contemplar através de buraquinhos. Mas, embora o mistério central permaneça, talvez seja possível investigar os sintomas mais superficiais de algum lucro. Ofereço-me, por exemplo, como um animal de laboratório. Para que trabalhei tanto, durante anos e anos, buscando desesperadamente chegar a alguma coisa que continua impenetrável para mim até hoje? Será por que desejo dinheiro? Asneira! Não me lembro de tê-lo desejado por um único instante: sempre achei fácil ganhar o quanto quisesse. Será então porque estou à cata de notoriedade? Mais uma vez, a resposta é não. Não gosto que estranhos me dêem atenção e evito-os o mais que posso. Então, será uma vontade irresistível de fazer o bem? Ah, ah! Se estou convencido de alguma coisa é a de que fazer o bem é de mau gosto.

Houve tempo em que imaginei que os homens trabalhavam em resposta a uma vaga necessidade interior de se exprimir. Mas aquela era provavelmente uma teoria

capenga, porque muitos dos homens que mais trabalhavam não têm nada a dizer. Uma hipótese mais plausível começa a brotar agora: os homens trabalham apenas para escapar à deprimente agonia de contemplar a vida – e seu trabalho, assim como o seu ócio, é uma comédia-pastelão, que só lhes serve para que eles escapem da realidade. Tanto o trabalho como o ócio, normalmente, são ilusões. Nenhum deles serve a qualquer propósito sólido e permanente. Mas a vida, despida dessas ilusões, torna-se logo insuportável. O homem não consegue ficar de mãos abanando, contemplando o seu destino neste mundo, sem ficar desvairado. Por isto inventa formas de tirar sua mente deste horror. Trabalha, diverte-se. Acumula aquele grotesco nada, chamado propriedade. Persegue aquela piscadela esquiva da fama. Constitui uma família e dissemina a sua maldição sobre ela. E, todo o tempo, a coisa que o movi é o desejo de se perder de si mesmo, de se esquecer de si mesmo e de escapar à tragicomédia que é ele próprio. Fundamentalmente, a vida não vale a pena ver vivida. Assim, ele cria artificialidades para fazê-la parecer que vale. E também por isto erige uma espalhafatosa estrutura para esconder o fato de *ela* não vale.

Talvez esta conversa de agonias e tragicomédias possa desviar a tenção do leitor. O fato básico sobre a existência humana não é o de que seja uma tragédia, mas o de que é uma chatice. Não é um tanto uma guerra, mas uma permanente posição de sentido. A objeção a ela não é a de que seja predominantemente penosa, mas da de que lhe falta sentido. O que a espécie terá pela frente? Os próprios teólogos não conseguem ver nada, exceto um vazio cinzento com alguma fogos de artifício irracionais no fim. Mas existe uma coisa chamada progresso humano. É verdade. É o progresso que permite a um homicida sair da casa de detenção para a cadeia, e da cadeia para a cela da morte. Toda geração experimenta o mesmo intolerável fastio.

Falo como um daqueles de quem se poderia dizer, estatisticamente, que levou uma vida feliz. Trabalho até dizer chega, mas o trabalho é mais agradável para mim do que qualquer coisa que eu possa imaginar. Não tenho consciência de quaisquer desejos arrebatadores e inatingíveis. Não quer ter nada que não possa ter. Mas fico firme em minha conclusão, às portas da senilidade, que tudo não passa de uma grandiosa futilidade e nem ao menos é divertida. O fim é sempre a vanglória, geralmente sórdida e sem o mínimo toque de nobreza do patético. Os medíocres continuam. Neles repousa o segredo do que se chama contentamento, i. e., a capacidade de deixar o suicídio para o dia seguinte. Eles próprios não têm significado, mas, pelo menos, oferecem uma saída para escapar da paralisante realidade. O objetivo central da vida é simular a extinção. Berramos demais contra a grandiloquência errada.

-- 1926

GOVERNO

SUA NATUREZA INTERIOR

Todo governo, em essência, é uma conspiração contra o homem superior: seu objetivo permanente é o de oprimi-lo e manietá-lo. Se sua organização é aristocrática,

tenta proteger aquele que só é superior porque a Liz diz que é, contra o homem que lhe é superior de fato; se for democrático, tenta proteger o homem que é inferior em todos os sentidos contra ambos. Uma das funções primárias de qualquer governo é o de organizar os homens pela força, torná-los mais parecidos entre si e dependentes uns dos outros tanto quanto possível, além de detectar e combater qualquer vestígio de originalidade entre eles. Para o governo, qualquer idéia original é um perigo potencial, uma invasão de suas prerrogativas, e o homem mais perigoso é aquele capaz de pensar por si próprio, sem ligar para os tabus e superstições em voga. Quase inevitavelmente, este homem chega à conclusão de que o governo sob o qual vive é desonesto, insano e intolerável – e, assim, se for um romântico, tentará mudá-lo. Mesmo que ele não seja pessoalmente romântico, estará apto a disseminar o descontentamento entre os que o são.

Raramente há alguma prova de que o novo governo a ser proposto seja melhor do que o antigo. Ao contrário, todos os testemunhos históricos apontam na direção contrária. Revoluções políticas quase nunca realizaram nada de verdadeiro mérito; seu único efeito indiscutível é o de enxotar uma chusma de ladrões e substituí-la por outra. Depois de uma revolução, é normal que os vitoriosos tentem convencer os céticos dos prodígios que fizeram, não sendo difícil acontecer que enforcem os que discordam. Mas nem isto parece muito convincente. Na Rússia, por muitos anos, as pessoas foram ensinadas a que, livrando-se do Czar, todas seriam ricas e felizes; agora que o despacharam, estão mais pobres e infelizes do que antes. Mesmo as colônias americanas pouco ganharam com sua revolta em 1776: nos 25 anos que se seguiram à Revolução, estavam em piores condições como Estados livres do que como colônias. Seu governo gastava mais, era mais ineficiente, mais desonesto e mais tirânico. Foi apenas o gradual progresso material do país que as salvou da fome e do colapso, e este progresso material não se deveu às virtudes do novo governo, mas à abundância da natureza. Sob os cascos dos britânicos, teriam chegado lá do mesmo jeito, e talvez melhor.

O governo ideal de qualquer dado à reflexão, de Aristóteles em diante, é aquele que deixa o indivíduo em paz – um governo que praticamente passe despercebido. Este ideal, acredito, se concretizará no mundo cerca de vinte ou trinta séculos depois de eu ter partido e assumido minhas funções públicas no Inferno.

-- 1919

MAIS SOBRE O ASSUNTO

O homem médio, sejam quais forem os seus erros em outros departamentos, pelo menos sabe que o governo é alguma coisa fora dele e da generalidade de seus semelhantes – que é um poder separado, independente e quase sempre hostil, só parcialmente sob o seu controle e capaz de causar-lhe grandes prejuízos. Em seus momentos românticos, este homem pode até ver no seu governo um pai benevolente ou uma espécie de *jinn* ou deus, mas nunca pensa nele como uma parte de si mesmo. Em tempos de agrura, ele espera que o governo faça milagres em seu benefício; em outros tempos, o governo passa a ser o inimigo contra o qual ele trava uma constante

batalha. Será de pouca importância o fato de que roubar o governo é tido universalmente como um crime de menor magnitude do que assaltar um indivíduo ou mesmo uma empresa? Nos Estados Unidos de hoje, a pena para isto é muito menos e desperta infinitamente menos repulsa do que certos atos intrinsecamente triviais – como, por exemplo, um sujeito casar-se com duas mulheres, por sua espontânea vontade.

O que há por trás disto, acredito, é uma sensação profunda do antagonismo entre o governo e o povo que ele governa. O governo é visto, não como um comitê de cidadãos escolhidos para tocar os negócios comuns a toda a população, mas como uma corporação separada e autônoma, devotada em primeiro lugar a explorar a população em proveito de seus próprios membros. Esse tipo de roubo é, portanto, quase desprovido de infâmia – ima exploração bastante parecida com as efetuadas por Robin Hood e pelos grandes piratas do passado. Quando um cidadão comum é assaltado, está sendo privado dos frutos do seu trabalho e de suas economias; quando o governo é roubado, o pior que pode acontecer é que certos patifes e tratantes fiquem com um pouco menos de dinheiro para brincar do que tinham antes. A idéia de que eles mereceram aquele dinheiro nunca lhes passa pela cabeça; para a maioria dos homens sensíveis, isto pareceria uma piada. Todo governo é composto de vagabundos que, por um acidente jurídico, adquiriram o duvidoso direito de embolsar um aparte dos ganhos de seus semelhantes.

O homem inteligente, quando paga os seus impostos, não acredita estar fazendo um investimento prudente e produtivo de seu dinheiro; ao contrário, sente que está sendo multado em nome de uma série de *serviços* que, em sua maior parte, lhe são inúteis e, às vezes, até prejudiciais. Pode até estar convencido de que, digamos, uma força policial seja necessária para proteger a sua vida e a sua propriedade, e que um exército e uma marinha o resguardam de ser reduzido à escravidão por algum vago cáiser estrangeiro, mas, mesmo assim, ele vê essas coisas como caras e extravagantes – pior ainda, vê no mais essencial desses serviços um meio mais fácil inventado pelos exploradores que constituem o governo para continuar a enfiar a mão no seu bolso. Nesses predadores em si, ele não tem a menor confiança; quando eles começam com suas vastas e caríssimas operações, o cidadão já sabe que não terá nenhum lucro com elas, como não tem quando empresta dinheiro ao cunhado. Esses predadores constituem um poder constante sobre sua cabeça, sempre alerta para novas chances de espremê-la. Se pudessem, reduziriam-no à roupa do corpo. E, se deixam alguns trocados com ele, é apenas por prudência, assim como o fazendeiro deixa à galinha alguns de seus ovos.

-- 1925

DEMOCRACIA

ÚLTIMAS PALAVRAS

Um dos méritos da democracia é bastante óbvio: é talvez a mais charmosa forma de governo já criada pelo homem. O motivo não é difícil de descobrir. Ela se

baseia em proposições palpavelmente falsas – e o que não é verdade, como todo mundo sabe, é imensamente mais fascinante e satisfatório para a maioria dos homens do que o que é verdadeiro. A verdade tem uma aspereza que os alarma, e um ar de finalidade que entre em choque com o seu incurável romantismo. Quando se vêem nas grandes emergências da vida, voltam-se para aquelas velhas promessas, todas falsas mas deliciosamente reconfortantes – e das quais a campeã é a que diz que os pobres herdarão a terra. Esta promessa está tanto na raiz do sistema religioso reinante no mundo moderno como no sistema político em voga. A democracia lhe dá uma certa aparência de verdade objetiva e demonstrável. O homem comum, funcionando como cidadão, tem a sensação de que é realmente importante para o mundo – de que é ele que administra as coisas. Suas lamúrias contra os patifes e os demagogos dão-lhe uma enorme e misteriosa sensação de poder – o que faz a felicidade de arcebispos, sargentos da polícia e outras sumidades. Da democracia, ele extrai também a convicção de que sabe das coisas, de que suas opiniões são levadas a sério pelos maiores – o que faz a felicidade dos senadores, dos quiromantes e dos jovens intelectuais. Finalmente, dela sai também a consciência de um alto dever triunfantemente cumprido – o que faz a felicidade dos carrascos e dos maridos.

Todas estas formas de felicidade são, naturalmente, ilusórias. Não chegam a durar. O democrata que pula no abismo para bater suas asas e entoar aleluias acaba com o nariz no chão. As sementes deste desastre estão em sua própria estupidez: ele não consegue se livrar daquela ilusão, tão cristã, de que a felicidade é algo que só se consegue tomando a de outro. Mas há sementes também na própria natureza das coisas: uma promessa, afinal, não passa de uma promessa mesmo quando baseada numa revelação divina, mas as probabilidades de que seja cumprida podem ser expressas por uma deprimente fórmula matemática. Aqui, a ironia que jaz sob toda a aspiração humana se revela: a busca da felicidade, como sempre, traz apenas a infelicidade no fim das contas. Mas dizer isto é o mesmo que dizer que o verdadeiro charme de democracia não é para o bico do democrata, e sim para o do espectador. Este espectador, me parece, tem à sua frente um espetáculo de primeira classe. Tenta imaginar alguma mais heroicamente absurda: um desfile de imbecilidades óbvias, ambições grotescas e fraudes sem fim! Mas quem se diverte com a fraude? A fraude da democracia é a mais divertida de todas – mais até, deixando no chinelo, que a fraude da religião. Consulte o seu travesseiro a respeito das invenções democráticas mais características. Ou dos típicos profetas democráticos. Se você não pegar no sono imediatamente por falta de respostas, também não achará graça no dia do Juízo Final, quando os presbiterianos pularão do túmulo como pontos de um ovo, asas brotarão em suas omoplatas e eles adejarão rumo ao espaço interestelar, piando de alegria.

Tenho falado até aqui da possibilidade da democracia ser, talvez, uma doença que conheça suas limitações, como o sarampo. Mas é mais do que isto: ela devora a si mesma. Não se consegue observá-la objetivamente sem se impressionar com sua curiosa desconfiança em si própria – sua tendência inextrincável a abandonar sua própria filosofia ao menos sinal de tensão. Não preciso lembrar o que acontece invariavelmente nos Estados democráticos quando se ameaça a segurança nacional. Todos os grandes tribunos da democracia, em tais ocasiões, respiram fundo e convertem-se instantaneamente em déspotas de uma ferocidade quase fabulosa. E nem este processo se limita aos tempos de alarme e terror: continua dia após dia. A democracia parece sempre a ponto de matar aquilo que teoricamente ama. Todos os

seus axiomas se resolvem em trovejantes paradoxos, muito reduzidos a contradições flagrantes em seus termos. Dizem eles: “O povo é competente para nos guiar” – desde que possamos policiá-lo rigorosamente. “Não são os homens que nos governam, mas as leis” – mas são homens sentados em banquinhos que, no fim das contas, decidem o que a lei é ou o que deve ser. “A função mais alta do cidadão é servir ao Estado”—mas a primeira constatação que lhe ocorre, quando tenta cumprir esta função, é a de sua desonra e falta de habilidade. Esta constatação costuma ter suas razões? Então a farsa fica apenas ainda mais gloriosa.

Confesso que, de minha parte, acho-a uma delícia. Adoro imensamente a democracia. Ela é incomparavelmente idiota e, por isto, tão divertida. Ela não exalta os parvos, os covardes, os oportunistas, os pilantras e os blefes? Sim, mas a tortura de vê-los subir na vida é compensada pela alegria de vê-los cair do galho. A democracia não é perdulária, extravagante e desonesta? É, como qualquer outra forma de governo: todas são inimigas dos homens decentes. Não são os velhacos que a dirigem? Sim, mas temos suportado esta velhacaria desde 1776 e continuamos sobrevivendo. A longo prazo, pode ser que a velhacaria seja uma necessidade inerradicável de qualquer governo e até da própria civilização – ou que, no fundo, a civilização não passa de um colossal calote. Não sei. Só sei que, quando os chupa-sangues estão se dando bem, o espetáculo fica hilariante. Mas talvez eu seja um homem malicioso: quando se trata de chupa-sangues, minha simpatia por eles tende a ser tímida. O que me intriga é como um homem que é a favor deles e se sente como eles pode acreditar em democracia, e até se compadece que os vê expostos como um bando de sacanas. Como um homem que é sinceramente democrata pode ser democrata?

-- 1926

HOMENS EM COMBATE

VALENTINO

Por um desses acasos que aliviam o ramerrão da vida e até a tornam instrutiva, tive a honra de jantar com um celebrado cavaleiro em Nove York, uma semana ou menos, antes de sua doença fatal. Nunca o tinha visto antes, nem mesmo no cinema; o encontro foi a seu pedido e, quando foi proposto, intrigou-me vagamente. Mas logo o seu propósito ficou claro. Rodolfo Valentino estava com um problema e queria conselhos. E mais, queria conselhos de um homem mais velho e desinteressado, totalmente alheio a filmes a tudo que os cerca. Algo que escrevi e que lhe caiu diante dos olhos deve ter-lhe dado a idéia de que eu era um sujeito sensato. Assim, pediu a um de seus colegas, uma garota do ramo, que me convidasse para jantar no hotel dela.

Como a noite estava infernalmente quente, chegamos logo a um acordo e tiramos os casacos. Lembro-me de que ele usava suspensórios de uma extraordinária largura e espessura. Num jovem tão magro, eles pareciam ainda mais absurdos, especialmente numa noite quente de verão. Transpiramos feito bicas por uma hora, enxugando nossos rostos com os lenços, guardanapos, os cantos da toalha da mesa e um par de toalhas trazidas por um garçom surpreendentemente humano. Então caiu

uma tempestade e começamos a respirar. Nossa anfitriã, uma mulher tão charmosa quanto educada, desapareceu misteriosamente e deixou-nos a sós.

O problema que angustiava Valentino era muito simples. Os jornais sensacionalistas de Nova York não falavam de outra coisa e era isto que o deixava agitado. Algum tempo atrás, em Chicago, um repórter sem mais o que fazer tinha descoberto, no lavabo masculino de um hotel de mau gosto, uma máquina automática que vendia latas de talco. Nada de anormal nisto, e sim na cor do talco: era rosa. A notícia fez a cidade rir o dia inteiro e inspirou um editorialista do *Chicago Tribune* a pôr lenha na fogueira. No editorial, o jornalista protestava, meio de galhofa, contra a efeminização do homem americano e atribuía-lhe despreocupadamente à influência dos filmes de Valentino em que ele interpreta um xequê. Bem, aconteceu que Valentino, passando por Chicago naquele dia, vindo da Califórnia, cuspiu fogo contra o editorial e contra os repórteres que queria a sua opinião sobre o assunto. Sua opinião era uma ira só. Jogando fora 100% de seu americanismo e revertendo aos *mores* de sua terra natal, desafiou o editorialista para um duelo e, como não houve resposta, para uma briga a socos. Sua honra masculina, parecia, tinha sido lavada. Outra insinuação de que ele não fosse macho teria como resposta um banho de sangue.

Infelizmente, tido isso se passou nos Estados Unidos, onde palavra honra, exceto quando aplicada à integridade estrutural da mulher, tem apenas um significado cômico. Quando se ouve falar da honra dos políticos, dos banqueiros, dos advogados e até dos Estados Unidos, todo mundo naturalmente ri. E, assim, Nova York riu de Valentino. Mais ainda, atribuiu sua irritação a uma mera busca de publicidade, como a de um canastrão vulgar querendo *aparecer*. O pobre rapaz, duplamente acuado, viu sua irritação crescer mais ainda. Sua cabeça italiana não estava reagindo bem à situação. Por isso, pedia o conselho de alguém neutro, maduro e distanciado.

Infelizmente, eu só podia dizer o nome da doença e confessar francamente que para ela não havia remédio – nenhum, pelo menos, dentro dos meus conhecimentos terapêuticos. Sugeri que ele deveria ter esvaziado a chacota do jornalista de Chicago com um riso de desdém – e talvez, melhor ainda, com uma contrachacota. Deveria ter-se mantido longe dos repórteres de Nova York. Infelizmente, agora o mal estava feito. Tinha sido insultado e ridicularizado, e não havia nada a fazer. Aconselhei-o a deixar que aquela farsa sensacionalista se esgotasse. Ele protestou que aquilo era uma infâmia. Infâmia? Nada que não seja verdade é infame, argumentei. Todo homem tem sua integridade interior. Se ele ainda consegue se olhar no espelho ao barbear-se, é porque está firme nas pernas e é capaz de enfrentar até o Diabo. Suamos um pouco mais, discutindo esses sublimes assuntos, mas não parecíamos chegar a lugar nenhum.

De repente, baixou em mim – eu estava sendo muito burro ou o calor me impedira de pensar – que não estávamos falando o que deveríamos estar. Comecei a observar Valentino mais atentamente. Um jovem curiosamente ingênuo e infantil, recém-passado dos trinta e com um desconcertante ar de inexperiência. Aos meus olhos, pelo menos, não era bonito, mas bastante atraente. Havia uma óbvia elegância nele; mesmo suas roupas contrastavam com as usadas pelos seus colegas de pavoroso ofício. Começou a falar de seu país, de seu povo, de sua juventude. Falava de modo simples, mas, ao mesmo tempo eloquente. Ainda via o ator à minha frente, mas, de vez em quando, por um instante havia nele um brilho de outra coisa. Aquela outra coisa, concluí, era o que costumamos chamar, por falta de melhor, um cavalheiro. Em suma,

a agonia de Valentino era a de um homem de sentimentos relativamente civilizados, jogado numa situação de vulgaridade intolerável — não, numa série inteira de tais situações.

Não era aquele mísero episódio de Chicago que o amargurava; era toda a futilidade grotesca de sua vida. Ele não tinha saído do nada para ser um vasto e estonteante sucesso? Então, aquele sucesso era tão oco quanto vasto — um colossal e absurdo nada. Não era aclamado por multidões ululantes? Então, todas as vezes em que isso voltasse a acontecer ele enrubesceria por dentro. De novo a velha história de Diego Valdez, só que com mais pungência. Valdez, afinal, era um alto almirante espanhol. Mas Valentino, com seu toque de elegância, -- que às vezes perdia e logo recuperava --, era apenas o herói da ralé. Vivia cercado de imbecis lamurientos. Era perseguido pelas mulheres — mas que mulheres! (Considere a comédia sórdida de seus dois casamentos e o corteje de apaixonadas histéricas que invadiu o seu próprio leito de morte.) A coisa, no começo, pode apenas tê-lo deslumbrado. Mas, nos últimos dias, e a não ser que eu seja pior psicólogo do que os próprios psicólogos, toda aquela adulação devia revoltá-lo. Pior ainda, estava-o deixando apavorado.

Inclino-me a pensar que os deuses inescrutáveis, ao leva-lo tão cedo e num momento de furiosa revolta, foram até gentis com ele. Se ainda vivo, tentaria inevitavelmente mudar sua fama — se se pode chamá-la assim — para algo mais perto do desejo de seu coração. Isto é, ele teria trilhado o caminho de muitos outros atores — de crescente pretensão, da solene *seriedade*, do vazio blábláblá, que só enganaria a si mesmo. Acredito que teria fracassado, por exibir poucos sinais de um autêntico artista. Era essencialmente um jovem muito respeitável, daquela espécie que metamorfoseia num artista. Mas, suponhamos que ele conseguisse? Então sua tragédia teria se tornado mais irritante e intolerável. Porque ele teria descoberto, depois de tanto esforço e ansiedade, que o que tinha conseguido era indistinguível do que tinha deixado para trás. Seria a fama de Beethoven mais esplêndida e deliciosa que a de Valentino? Para você a para mim, naturalmente, a pergunta se responde por si mesma. Ele foi perguntado sobre o assunto, *viva voce*, quando ainda em vida, e sua resposta sobrevive em todo o frescor da profana eloquência de sua música. Beethoven também sabia o que era ser aplaudido. Andando pelas ruas com Goethe, ele ouvia algo não muito diferente do murmúrio que chegou a Valentino através da janela de hospital. Beethoven virou as costas bruscamente. Valentino virou o rosto contra a parede.

Era um jovem que vivia diariamente nos sonhos de milhões de outros jovens. Era o que atraída as mulheres com seu ímã. Era o que tinha fama e riqueza. E era também o mais infeliz de todos.

-- 1926

SOBRE JORNALISMO

Em 1920, Mencken fez picadinho do livro de Upton Sinclair, *The Brass Check*, em que o autor denunciava o caráter *marrom* da imprensa americana e defendia o levantamento de 1,3 milhão de dólares para a criação de um semanário devotado “à verdade, a toda a verdade e nada mais que a verdade”. Um conselho de mentes infalíveis seria criado para determinar a verdade. Mencken se diverte imaginando como reagiriam os nomes apontados por Sinclair diante de situações que exigiriam um repórter da verdade — Sinclair chega a

sugerir a contratação de um professor da Universidade de Washington para cobrir distúrbios de rua na capital... Em seguida, fingindo apoiar as idéias do autor, Mencken dá a sua visão sardônica e feroz do jornalismo nos Estados Unidos. (N. T.)

I

Vamos a Sinclair, o incurável romântico, que acredita por atacado em tudo que não merece crédito. O homem me delicia constantemente. Sua fé na sabedoria dos imbecis, na virtude dos desonestos, no sublime idealismo dos sórdidos – tudo isto é comovente. Não conheço ninguém neste vasto paraíso de credulidade que dê um crédito mais firme e heróico a tudo que é intrinsecamente absurdo. Mas fico por aqui em meu desprezo por ele. Deixando barato a sua falta de humor, sua crônica indignação moral, sua credulidade estranhamente distorcida, sua hipertrofiada confiança em Deus, deve ficar claro para qualquer observador competente que, em *The Brass Check*, ele conseguiu escrever algo muito interessante, uma crônica picaresca da maior qualidade, e tudo que ele aponta como um fato é, na maioria das vezes, inegavelmente verdade. Os jornais irão denunciá-lo como um mentiroso pago em rublos, os leigos suspeitarão de que ele exagerou grosseiramente e, no final, Sinclair poderá amargar alguns desagradáveis processos.

Mas, se meu testemunho ainda valer alguma coisa sob as regras americanas (e.g., que a dedução de um detetive do governo vale mais do que o depoimento do jurado de uma testemunha ocular; que qualquer homem que leia um panfleto seja suspeito de estar planejando derrubar a Constituição pela força; e que é uma prova de culpa quando um acusado exige um advogado e pede para ser acareado com seus acusadores), então ofereço com prazer este testemunho em sua causa. Tenho trabalhado constantemente como jornalista desde 1899. Já passei por todos os cargos editoriais que os jornais têm a oferecer, de crítico de teatro até diretor de redação. Mais ainda, não tenho rancores a remoer. Sempre me pagaram o que eu valia. Nunca fui despedido, nem acusado de ser um idealista e estou, neste momento, nas melhores relações com todos os jornais que já tiveram alguma coisa a ver comigo. O que desejo dizer é simplesmente o seguinte: pelo que sei e acredito, o jornal americano médio, mesmo os supostamente de primeira linha, é não apenas ruim quanto diz o dr. Sinclair, mas dez vezes pior – dez vezes mais ignorante, dez vezes mais injusto e tirânico, dez vezes mais complacente e pusilânime, e dez vezes mais sinuoso, hipócrita, velhaco, enganador, farisaico, tartufista, fraudulento, safado, escorregadio, inescrupuloso pérfido, indigno e desonesto.

Que pena, que pena! Infelizmente, faltam-me palavras. O jornal americano médio, especialmente o chamado de primeira linha, tem a inteligência de um pastor batista, o coragem de um camundongo, a retidão de um papalvo pró-Proibição, a informação de um porteiro de ginásio, o bom gosto de um criador de flores artificiais e a honra de um advogado de porta de cadeia. Se me pedirem para apontar cinco jornais que estejam claramente acima desta média – se me desafiarem a relacionar cinco jornais que sejam dirigidos de forma tão inteligente e justa, corajosa, decente e honesta como uma fábrica média de pregos, uma empresa de crédito imobiliário ou um negócio de importação de arenques --, levarei dois ou três dias para fazer a lista. E, quando ela estiver pronta e for lida pelo meirinho no tribunal, haverá um rumor de

risadas abafadas à menção de quase todos eles. Estas risadinhas virão de jornalistas que devem saber um pouco mais do que eu sobre o assunto.

II

O que aflige primariamente os jornais do Estados Unidos – e aflige também o esquema regenerador do dr. Sinclair – é o fato de que o gigantesco desenvolvimento comercial deste jornais os obriga a atingir massas cada vez maiores de homens indiferenciados, e o de que a verdade é uma mercadoria não podem ser induzidas a comprar. As causas disto estão enraizadas na psicologia do *Homo Boobus*, ou homem inferior – ou seja, do cidadão normal, típico e predominante de uma sociedade democrática. Este homem, apesar de uma aparência superficial de inteligência, é, na realidade, incapaz de qualquer coisa que possa ser descrita como raciocínio. As idéias que lhe entopem a cabeça são formuladas por um processo de mera emoção. Como todos os outros mamíferos superiores, ele tem sentimentos muito intensos, mas, também, como eles, falta-lhe capacidade de julgamento. O que o agrada mais no departamento de idéias – é, daí, o que ele tende a aceitar mais como verdadeiro – é apenas o que satisfaz os seus anseios principais. Por exemplo, anseios por segurança física, tranqüilidade mental e subsistência farta regular. Em outras palavras, o que ele exige das idéias é o mesmo que exige das instituições – ou seja, que o deixem livre da dúvida, do perigo e daquilo que Nietzsche chamou de os acasos do labirinto. Acima de tudo, livre do *medo*, aquela emoção básica de todas as criaturas inferiores em todos os tempos e lugares. Por isto este homem é geralmente religioso, porque a espécie de religião que conhece é apenas um vasto esquema para aliviá-lo da luta vã e penosa contra os mistérios do universo. E por isto ele é também democrata, porque a democracia é um esquema para protegê-lo contra a exploração dos seus superiores em força e sagacidade. E é também por isto que, na miscelânea de suas reações às idéias, ele abraça invariavelmente aquelas que lhe parecem mais simples, mais familiares, mais confortáveis – que se ajustam mais prontamente às suas emoções fundamentais e lhe exige menos agilidade, resolução ou engenhosidade intelectuais. Em suma, ele é uma besta.

O problema com que se depara um jornal moderno, pressionado pela necessidade de se manter como um negócio lucrativo, é o de conquistar o interesse deste homem inferior – e, por interesse, não me refiro naturalmente à sua mera atenção passiva, mas à sua ativa cooperação emocional. Se um jornal não consegue inflamar *sues sentimientos* é melhor desistir de vez, porque estes sentimentos são a parte essencial do leitor e é deles que este draga as suas obscuras lealdades e aversões. Bem, e como atizar os seus sentimentos? No fundo, é bastante simples. Primeiro, amedronte-o – e depois tranqüilize-o. Façam assustar-se com um bicho-tutu e corra para salvá-lo, usando um cassete de jornal para matar o monstro. Ou seja, primeiro, engane-o – e depois engane-o de novo. Esta, em substância, é toda a teoria e prática da arte do jornalismo nos Estados Unidos. Se nossas gazetas levam a sério algum negócio, é o negócio de tirar da focinheira e exhibir novos e terríveis horrores, atrocidades, calamidades iminentes, tiranias, vilanias, barbaridades, perigos mortais, armadilhas, violências, catástrofes – e, então, magnificamente superá-los e resolvê-los. Esta primeira parte é muito fácil. Não se sabe de nenhum caso em que a massa tenha

deixado de acreditar num novo papão. Assim que o horrendo bicho tira os véus, ela começa a se agitar e gemer: seu reservatório de medos primários está sempre pronto a transbordar.

A segunda parte não é muito mais difícil. O que se exige do remédio é que eles seja simples, mais ou menos familiar, fácil de compreender – que não represente uma provação para o centro cerebral superior – e que evite conduzir a tímida e delicada inteligência a multidão para aqueles estranhos e dolorosos caminhos da especulação. Todo o jornalismo sadio nos Estados Unidos (sadio no sentido de que floresce espontaneamente, sem precisar de auxílio externo) baseia-se firmemente em inventar a destruir papões. Assim como a política. E assim como a religião. O que reside sobre esta impostura fundamental é uma artificialidade, um brinquedo de homens com mais esperanças do que bom senso. O jornalismo inteligente e honesto, assim como a política inteligente e honesta, e até mesmo a religião inteligente e honesta – são coisas que não têm lugar numa sociedade democrática. São, quando existem, curiosidades exóticas, orquídeas pálidas e viscosas, bestas em cativeiro. Tirem-lhes o vapor, a garrafa de leite, a seringa, e puf!, elas somem,

III

Assim, parece-me uma injustiça, além de presunçoso e moralista, jogar a culpa pelo baixo nível de nossa imprensa sobre a malandragem de seus proprietários e editores. O trabalho de fazer jornal é perverso, assim como são perversos quase todos os que se deixam atrair por ele, mas a perversidade primária não está neles, e sim nos seus fregueses. Neste departamento, tagarela-se à vontade contra sujeitos como William Randolph Hearst. Não conheço este Hearst, nunca o vi ao vivo e nunca trabalhei para nenhum de seus jornais ou revistas, mas, quando o vejo ser caridosamente denunciado por outros jornalistas, dá-me vontade de rir. Os homens que mais o atacam não são seus superiores como moralistas; são, simplesmente, seus inferiores como jornalistas – e sabem disto, mesmo que não gostem. No apogeu de uma recente cruzada contra Hearst, fizeram um esforço deliberado para esmagá-lo usando a arma que o próprio Hearst tornou clássica. Ou seja, deliberadamente mentiram sobre ele. A teoria por trás desta estratégia era bem clara. Esperavam embaraçá-lo duplamente: primeiro, tirando partido da axiomática vontade do público para acreditar no capeta; segundo, forçando-o arditamente para a difícil posição de ter de dizer a verdade para se defender. Só esta última jogada teria sido suficiente para enterrar um jornalista menos habilidoso. Mas Hearst era melhor do que seus inimigos – aliás, melhor do que todos eles juntos. Ao invés de perder tempo com uma defesa que o teria deixado arranhado (e mais ainda quanto fosse digna e honesta), ele simplesmente devotou todo o seu talento a inventar capetas mais horríveis do que qualquer um que a oposição estivesse pespegando à sua imagem. Em pouco tempo, a turba voltou-se para o melhor espetáculo que ele oferecia, enquanto a oposição enfiou o rabo entre as pernas e se desfez. Hearst saiu da batalha vitorioso sobre um dos melhores fantasmas que se pode inventar: o fantasma do poderio inglês. Se, dentro de um ano, ele não matar seus leitores de medo com isto, é porque devo ter superestimado seus talentos e dado um palpite errado.

Como disse, muita conversa é jogada fora sobre a suposta diferença entre a imprensa *marrom* e mais respeitável. A diferença é precisamente a mesma entre um contrabandista e o superintendente de uma escola dominical, ou seja, nenhuma. Honestamente acho até, baseado em vinte anos de íntima observação e incessante reflexão, que a vantagem, se existe, está do lado dos jornais *marrons*. Tirando um dia pelo outro, são provavelmente menos malignamente mentirosos. As coisas sobre as quais mentem não costumam ter a menor importância – pedidos de divórcio, pequenos subornos, fofocas sociais, intimidades das vedetes. Nesse campo, até prefiro ler mentiras do que verdades: pelo menos são mais divertidas. Mas no domínio da política, do governo e das altas finanças, os *marrons* *chegam* às vezes mais perto da verdade do que os jornais mais austeros, 90% dos quais são de propriedade de homens envolvidos em alguma espécie de exploração de trouxas. Não estou dizendo que os jornais *marrons* façam qualquer esforço real para ser exatos; ao contrário, até se esforçam para evitar a exatidão muito literal. Mas quando martelam diariamente que todo político é um patife, que todo serviço público é dirigido por escroques e que todas operações de Wall Street têm como objetivo garfar as pessoas comuns, estão bastante perto da verdade, para qualquer propósito prático. São obrigados a dramatizar e ficcionalizar esta verdade para torná-la digerível. Ela deve ser mostrada da maneira improvável para convencer aquelas pessoas. Mas isto, na pior das hipóteses, é apenas um exagero de camelô, defendido pela máxima legal do *caveat emptor*. A maneira de mentir dos jornais mais respeitáveis é menos inocente. Seu objetivo não se limita a vender edições extras para a gente simples; e sim o de perpetuar uma fraude deliberada, para melhor proveito dos cavalheiros que ficam por trás do pano.

IV

Os proprietários dos jornais *marrons* são, de fato, os únicos jornalistas verdadeiros que restam no país. Geralmente, são sujeitos cínicos, com uma aguda compreensão das limitações intelectuais do proletariado, mas muitos deles não têm nenhum motivo ulterior para alarmá-lo ou tapeá-lo – todo o seu lucro vem dos disparates que despejam sobre ele. O problema dos jornais do primeiro escalão é que quase todos estão hoje nas mãos de homens que vêem o jornalismo como uma espécie de linha auxiliar para empreitadas maiores e mais lucrativas – como um meio conveniente de enrolar e anestesiá-lo um público que, de outra forma, se voltaria contra eles. (O que, de certa forma, acontece quando os jornais *marrons* se voltam contra eles e os expõem.) A exata natureza desta empreitadas maiores e mais lucrativas nem sempre é muito óbvia. É fácil, naturalmente, somar dois e dois quando um rico empreiteiro, latifundiário ou banqueiro compra um jornal, ou quando outro é comprado por alguém notoriamente de olho numa carreira política. Mas, de vez em quando, o comprador é um sujeito cujo negócio é mais ou menos respeitável e que não demonstra uma esganação pelo Senado. Então, por quê? Por que arriscaria tanto dinheiro em tal jogo? A resposta costuma ser encontrada, acredito, em seu descarado *Wille zur Macht* – sua aspiração, perfeitamente humana, de tornar-se importante e poderoso em sua comunidade, ser cortejado pelos figurões locais, ditar as leis, fazer e desfazer funcionários públicos, atar e desatar cordões políticos. Outras vezes, sua

ambição (ou talvez, mais exatamente, de sua mulher) é meramente social. Quer jantar em certas casas, ser convidado para festas e, acima de tudo, receber certos convidados em sua reluzente mansão em Gold Hill. Bem, um homem que controla um jornal importante não tem a menor dificuldade para conseguir essas ninharias. As chaves do escândalo estão em seus bolsos. Ele é poderoso. Pode premiar ou punir, direta ou indiretamente. As esperanças de todos os outros homens em sua jurisdição estão em seu poder. Se for capaz de se lembrar de que a lavanda à sua frente não é para ser bebida, entrará para a sociedade a hora que quiser.

Sejam quais forem o motivo ou os motivos subjacentes, o fato é que os jornais americanos estão passando rapidamente das mãos dos jornalistas profissionais para as de outras pessoas que são primariamente qualquer outra coisa. Os semanários que se ocupam das fofocas jornalísticas vivem publicando notícias de importantes transações desta espécie. A transferência do *Evening Post*, de Oswald G. Villard, para um dos sócios de Morgan, e a dos jornais de Bennett para Munsey não são fenômenos isolados; são bem típicos de uma tendência geral, rápida e progressiva. E mesmo quando nenhum sócio de Morgan ou Munsey aparece abertamente, é comum que as coisas aconteçam atrás de porta. Primeira fica-se sabendo que este ou aquele veterano editor-proprietário morreu ou faliu; depois ouve-se que seu jornal foi comprado por 2 milhões de dólares à vista, por um bem-intencionado jornalista notoriamente incapaz de pagar uma dívida de pôquer de 29 dólares; finalmente, em murmúrios discretos, comenta-se que o verdadeiro comprador é o velho John Googan, eminente empreiteiro de obras; ou Irving Rosehill, presidente de Rosenberg, Cohan & Co., a patriótica firma de operações bancárias; ou o ilustre senador Lucius Snodgrass, especulador do petróleo, influente metodista e perpétuo candidato à embaixada em St. James. Há pouco tempo, quando morreu Iceberg Fairbanks e foi feita a autópsia de seus restos, descobriu-se que há anos ele controlava o principal jornal de Indiana. Muitos destes homens encobrem tais negócios com cuidado, tapeando até o magistrado. Mas os homens que trabalham num jornal que tem o rabo preso sabem muito bem o que evitar. Há, em quase todas as redações, um nome no qual ao se deve tocar. Precede imediatamente o de Deus.

Em tal jornal – ou seja, no típico jornal americano – deve ser óbvio que a busca da verdade, de toda a verdade e de nada mais que a verdade é comumente mitigada pela política do jornal. Por um lado, a redação deve produzir um jornal que venda e, para isto, é forçada a manter o público atizado pelo tradicional sensacionalismo; por outro, precisa tomar cuidado para não pisar nos enormes, numerosos e sensíveis pés do Googan, do Rosehill ou do Snodgrass nos bastidores. (Quando comecei, os pés eram os de um rico magnata do gelo, e toda reportagem em que ele estivesse interessado – digamos, umas nove ou dez por noite – descia para a composição marcada com a palavra “Gelo!!!”). Não é preciso argumentar muito para convencer os mais judiciosos de que o negócio de moldar a opinião pública sob tais condições tende a relaxar o conceito de verdade na cabeça do jornalista e, por fim, até o seu conceito de honra. Empenhado diariamente em maquiagem idéias que ele sabe serem falsas e idiotas, e forçado a fazer de si mesmo um instrumento de jogadas acaba por perder toda a noção de responsabilidade pública. Com isto, torna-se um mero cão de guarda, pronto a receber ordens para defender um culpado ou atazanar e perseguir um inocente. No fim, acaba possuído por uma fúria maligna. O poder está em suas mãos, e sua consciência se evaporou. Não passa de um homem de oitava classe com a

capacidade para o mal de um Napoleão cronicamente investindo às cegas. Esta destruição ordinária da decência normal do jornalista é responsável por muitas das coisas que o dr. Sinclair se queixa em seu livro – a amarga e incansável perseguição às vítimas, o grosseiro desprezo pela honestidade, o total abandono dos hábitos de cortesia e educação prevalecentes entre homens civilizados. Um jornal tão poluído torna-se uma ameaça pública. Sua palavra não vale um níquel. Suas campanhas são maliciosas, burras e covardes, negando o direito de respostas a suas presas. Um apelo à sua honra é tão inútil como um apelo à hora do Congresso.

Tais jornais, como disse, tendem a crescer desordenadamente em número. Houve uma época, digamos uns vinte anos, em que eles ainda eram as exceções; hoje são a regra e, em algumas partes do país, a regra invariável. Não me entendam mal! Não estou protestando contra o mero zelo exagerado – o louvável desejo de um jornalista em agradar o seu patrão. Não estou, na verdade, protestando contra nada. Estou apenas *descrevendo* algo, e nem mesmo como um lamento, mas simplesmente como um especialista em depravação humana. O que quero deixar claro é que tais jornais são completa e deliberadamente desonestos, e que eles divertem ou atormentam o seu público sem a menor consideração pela mais mezinha decência. E quero também deixar claro que eles estão tirando do mercado todas as outras espécies de jornais. Tal jornal, com tanto poder nas mãos, não se importa com o direito dos indivíduos. Quem cair, vítima de sua mendacidade, dificilmente poderá se recuperar. Sua própria versão do caso será distorcida ou ignorada. Seus defensores ficarão amedrontados. Esse, desistindo do *fair play*, apelar aos tribunais, irá descobrir rapidinho que, em quase todas as grandes cidades americanas, a lei tem um medo santo dos jornais – e que o homem que ganhou uma causa e *saiu com o dinheiro* é tão raro quanto o homem que mordeu o leão e viveu para contar a história.

Estou ciente de que serei acusado, digamos, de jogar lama sobre minha velha profissão e, em particular, sobre profissionais batalhadores. Mas fatos são fatos. Esta profissão sofreu uma desagradável metamorfose nas últimas décadas. Houve um tempo em que o verdadeiro chefe de quase todos os jornais importantes era um jornalista praticante, que tinha orgulho de seu trabalho e uma honrosa reputação no ramo, pelo menos no local. Para o repórter mais jovem, este sujeito era um ídolo. Suas teorias sobre jornalismo eram ouvidas e citadas, seu estilo era imitado e toda a equipe queria seguir suas pegadas. Hoje, o verdadeiro chefe de um jornal tende cada vez mais a se tornar uma figura sombria nos bastidores, ignorante das tradições do jornal e do seu modo de pensar, e grosseiramente empenhado em empreitadas que colidem frontalmente com o que resta dos ideais deste jornal. Este homem está além do círculo jornalístico; nenhum jovem repórter sonha em seguir-lhe os passos algum dia; qualquer ambição de ficar como ele significaria abandonar de vez a profissão. A primeira consequência é a de que a profissão em si deixa de ser charmosa; já não é mais uma cooperação romântica entre pessoas livres e iguais, mas uma forma de trabalho parecida com a de uma oficina de laminação, tendo o sindicalismo como a única forma de torná-la suportável. A segunda consequência é a de que os homens que, no passado, entraram para a profissão com um alto senso de dignidade resolveram seguir outros rumos, enquanto o típico recruta de hoje é um jovem andrajoso e de oitava categoria, sem mais capacidade para o auto-respeito profissional do que um coletor de lixo.

Suspeito que o falecido Joseph Pulitzer já previa esta tendência ao criar a sua Faculdade de Jornalismo. Hoje há muitas faculdades como esta, mas duvido que sirvam para alguma coisa. Por um lado, parecem estar todas caindo nas mãos de pedagogos profissionais – uma classe obrigada a chafurdar no lodo por uma tirania plutocrática pior ainda do que a que oprimem os jornalistas. Por outro lado, o máximo que uma faculdade de jornalismo pode conseguir – mesmo supondo que ela injete em seus alunos um civilizado código de ética – é gerar jovens repórteres que fugirão do jornalismo tapando o nariz, assim que se familiarizarem com o que se passa dentro de uma típica redação de jornal. Aqueles que perseverarem na profissão devem ser uns rapazes estúpidos que não notam o mau cheiro ou sujeitos sem espinha que se habituaram a respirá-lo, e alguns bem ordinários, que gostam do fedor.

Folheio ao acaso uma revista especializada em divertir e instruir jornalistas. O primeiro artigo que me cai aos olhos é uma elaborada descrição, por um homem empregado por vários jornais conhecidos, de seus truques particulares para fabricar notícias. Uma delas, à qual ele se refere com orgulho, envolvia citar o nome de uma mulher, presumivelmente respeitável, numa reportagem grotesca, idiota e totalmente mentirosa. Passo à frente. O segundo artigo é um convite aos repórteres para que escrevam relatórios bem realistas de seus encontros com mulheres que lhes passaram informações escandalosas sem saber – esposas de criminosos tapeados pelo repórter, mulheres que entraram com pedidos de divórcio, e por aí vai. Abro outra revista. Contém um longo artigo descrevendo como certos correspondentes de importantes jornais em Washington, com acesso às galerias do Congresso naquela condição, atuam como “assessores de imprensa para interesses ligados à legislação”, são “contratados para trabalho de propaganda disto ou daquilo”, e foram considerados culpados de “sérias violações da confiança de funcionários civis e militares”.

As alegações citadas acima levantara muitas discussões no meio jornalístico. E o que aconteceu? Pelo que eu pude apurar, absolutamente nada. Os homens acusados daquilo tudo continuaram trabalhando em jornais e se dedicando a suas atividades paralelas. Alguns, ousado dizer, têm até empregos políticos – uma das formas favoritas de se promover a dignidade do jornalismo. Bem, por que não? Certamente não é *infra dig.* para um repórter atuar como “assessor de imprensa para interesses ligados à legislação”. E porque ele não seria “contratado para trabalho de propaganda disto ou daquilo”? E onde jaz o descrédito em estar “aberta ou secretamente empregado por políticos e partidos políticos”, quando o seu próprio patrão está concorrendo ao Senado, e empregando o jornal para convencer a todos de que seus adversários são uns ladrões e usando chumbo grosso para sufocar qualquer inquérito sobre os fundos que recebeu para campanha?

DEMPSEY VERSUS CARPERNTIER

Durante os anos 20 e 30, fiz diversas reportagens especiais para jornais. Uma delas foi a cobertura da luta entre Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier pelo título mundial de boxe, no Boyle’s Thirty Acres, em Jersey City, N. J., dia 2 de julho de 1921. Carpentier era o favorito, não apenas da torcida, mas também dos repórteres, porque Dempsey tinha fugido ao serviço militar na Primeira Guerra

Mundial. Estes repórteres estavam inclinados a ver só o que queriam, ou seja, Carpentier dando uma surra em Dempsey. Lendo-se o que escreveram sobre a luta, fica-se sabendo que Dempsey quase foi a nocaute no segundo e no terceiro assaltos. Isto passou a ser a *verdade*, só abandonada depois que tanto Dempsey quanto o próprio Carpentier desmentiram.

No grande combate disputado ontem naquele colossal esterilizador humano sob o tenebroso sol de Jersey, havia pouco com o que alimentar o mais aficcionado das delicadezas entre gladiadores. Seria apenas uma luta rápida e previsível entre um homem de grande coragem romântica e outro arrebatadoramente superior em todos os sentidos. Esta superioridade não se limitava a questões de peso ou de envergadura.

Na realidade, a diferença de peso era bem menor do que a de outras batalhas pelo título, e os golpes de Carpentier raramente erraram o alvo. O problema é que não eram fortes o suficiente para nocautear Dempsey ou mesmo fazer-lhe grandes estragos. Quando recebia um, Dempsey simplesmente sacudia-o de sua cabeça. Nos intervalos entre um e outro, era a sua vez de acertar o adversário com dezenas de golpes muito mais duros. Foi uma luta limpa, embora não muito bonita. Foi rapina, transparente, brilhante e honesta.

Antes que o primeiro assalto chegasse à metade, deve ter ficado claro até para os policiais e as francesinhas do Follies Bergère à beira do ringue que o pobre Carpentier estava perdido. Dempsey o tinha levado às cordas e, no minuto seguinte, aplicado-lhe tal castigo que Carpentier mal conseguia chegar a seu córner. Murros após murros explodiam em seu rosto, pescoço, costelas, braços e estômago. Dois terços deles eram *upper cuts* a curta distância – murros que o abalaram, tiraram-lhe fôlego, confundiram-no, fizeram-no cambalear e o feriram. Havia uma impacto gigante por trás deles. Seu rosto tornou-se uma bolha, com marcas vermelhas por toda a testa.

Onde estava a famosa direita de Carpentier? Era óbvio que ele fazia tudo para soltá-la. Partia ousadamente para o ataque, suportando a sova com grande elegância. De repente a oportunidade surgiu e ele a deixou escapar. Sua direita acertou Dempsey em alguma fronteira de seu rosto curiosamente impassivo. O efeito sobre Dempsey não pareceu maior do que um tapa nervoso na testa de um boi. Seu corpanzil sequer tremeu. Dempsey piscou, fungou e continuou. Cinco segundos depois, Carpentier estava procurando abrigo atrás das barricadas de suas próprias luvas, enquanto Dempsey o espancava por baixo, por cima e através delas.

Lutava com as duas mãos o tempo todo. Carpentier, depois disto, só participava da luta intermitentemente. Sua direita acertava Dempsey com frequência, é verdade, mas, a cada golpe que encaixava, seu efeito parecia diminuir. Já no fim do primeiro assalto, Dempsey nem se preocupava em esquivar-se, com a certeza de que, no máximo, os golpes passariam raspando-lhe as orelhas.

No segundo assalto, naturalmente, houve um momento em que Carpentier parecia estar retornando à luta. A multidão, ansiosa por premiar sua batalha heróica, pôs-se de pé e ovacionou-o. Dançou ao redor de Jack, empurrou-o um pouco e, vez por outra, o fez sentir o gosto de sua graciosa direita. Mas faltava a canhota para completar o par de canhões, e não havia pólvora para fazê-los disparar. Dempsey recebia o golpe, esquecia-se dele e continuava.

Claut, claut, claut! No espaço de meio minuto, Carpentier agüentou 25 golpes – a maioria curtos, e todos eles cruelmente pesados. Seu nariz começou a derreter. Seu queixo parecia fora do lugar. Ele gemia pateticamente. Mas, como suportava aquilo

tudo com grande coragem, e até mesmo forçava-se à luta, a multidão a seu favor atribuiu-lhe aquele assalto. Claro que esta era uma visão de amadores. Observado cientificamente, o assalto foi de Jack. Quando soou o gongo, ele parecia novo em folha – e Carpentier já começara a empalidecer.

Não foi no segundo, mas no terceiro assalto que Carpentier se saiu melhor. Logo após o gongo, acertou Jack com dois *uppers* que pareciam recheados com chumbo, e Jack resolveu ser mais prudente. Mas só por um momento. Pouco depois, Carpentier dava a impressão de querer esmurrar o vento, com direitas potentíssimas que erravam o adversário por um palmo. Em troca, o campeão o fazia em pedaço com bombardeios aos pares, direita e esquerda, depois em quartetos e até octetos, numa sucessão que não poupava um centímetro quadrado que Carpentier deixasse exposto.

Carpentier decaía como uma folha de outono. Sua famosa direita tinha deixado de preocupar Jack. Seriam necessários dez golpes com ela até para nocautear Chico Bóia. Seu efeito sobre o campeão de ferro era o mesmo que acariciar uma bolsa de água quente. Carpentier foi para seu córner sangrando e curvado. Era o fim das esperanças daquele galante francês, também conhecido como o *Homem-Orquídea*. Havia lutado com bravura, mas as estrelas estavam acesas para a Irlanda e para os mórmons ancestrais de Jack Dempsey.

O quarto e último assalto limitou-se a uma limpeza do terreno. Em meio minuto Carpentier já estava no chão. Duvido que Dempsey o tivesse acertado feio neste assalto. Alguns *jabs* bastaram. Carpentier levantou-se quando a contagem chegou a nova e tentou uma investida. Jack o conteve e aplicou-lhe dois ou três golpes leves, que o fizeram beijar a lona de novo. Carpentier conseguiu mover uma das pernas, mas, da cintura para cima, estava morto. Quando o árbitro chegou a dez, Jack ajudou Georges a levantar-se e conduziu-o até o seu córner.

Com os braços esticados sobre as cordas, Carpentier conseguiu ficar de pé, mas, de qualquer jeito, era um lutador duramente batido. Todo o seu rosto estava inchado, o sangue escorrida de seu nariz e boca, e era como se ele tivesse sido pisoteado, não esmurrado. Suas ilusões estavam perdidas e, com elas, os francos e *centimes* jogados em seus punhos pela beleza e fidalguia da França. Muitos franceses estavam na platéia e eles aceitaram a derrota da mesma forma que Carpentier lutou: com bravura e estoicismo. Era uma batalha difícil, sem desonra para o perdedor.

Como espetáculo, naturalmente, ela pecou por durar pouco e por sua desigualdade. Para os verdadeiramente entendidos, nunca houve a menor dúvida de que seria um passeio para Dempsey. E, como eu disse, não foi uma questão de peso. Quando os dois se cumprimentaram, no início da luta, não havia grande disparidade em tamanho e massa. Dempsey era maior, mas não se salientava sobre Carpentier. Parecia um pouco mais robusto e sólido, mas Carpentier também era robusto e sólido. O que os separava era a técnica de lutar. Carpentier era mais lírico, pródigo no ágil jogo de pernas e nos golpes que descreviam graciosas curvas no ar. Lutou ansiosa, nervosa e lindamente. Já vi melhores do que ele, mas nenhum tão brilhante – que dizer, com uma mão.

Dempsey não exibiu nada daquele estilo e paixão. Raramente moveu os pés ou tirou-os do chão. Sua estratégia consistia no essencial: a) agüentar tudo, tão sólida e tranqüilamente quanto possível; b) bater no antagonista como se quisesse matá-lo ou acertá-lo da maneira mais conveniente.

Obviamente, este método não vale para os gladiadores sujeitos à fraquezas e sensações dos humanos comuns; além disso, favorece um antagonista que seja rápido e forte; resume-se na dureza e resistência, e não na verdadeira arte do boxe. É claro que esta resistência vem a calhar, quando o lutador se vê em apuros, e pode salvar o dia quando os abutres começam a revoar.

Para reforçar sua canhota, Dempsey tem uma pegada de direita que lembra o impacto de uma barça contra uma doca. As duas trabalham constantemente e em admirável sincronização. O lutador com pretensões a agüentar o tranco deve ser ainda mais resistente do que Jack. Não era tarefa para Carpentier, um homem que Homero poderia ter descrito como bravo, mas imprudente.

O espetáculo foi conduzido com perícia e todos os rumores antecedentes e que haveria marmelada beneficiando Carpentier foram estraçalhados. Nunca estive num lugar tão apinhado de gente tão ordeira e que tivesse menos a se queixar de possíveis desconfortos.

Sair da arena, sim, exigiu um certo jogo de cotovelos; depois da luta principal, a gerência do estádio escalou os seus seguranças para disciplinar o fluxo das saídas, que eram poucas e estreitas. Se houvesse algum sinal de pânico, milhares poderiam ter morrido pisoteados. Mas entrar foi bastante fácil, as cadeiras era esteiras mas confortáveis e havia uma visão clara do ringue de qualquer parte do estádio. A torcida das arquibancadas viu tão bem a luta quanto quem pagou os 50 dólares por uma cadeira à beira do ringue.

A platéia nas partes mais caras era bem vestida, bem-humorada e quase elegante. A alegação comum dos moralistas profissionais, de que lutas de boxe são assistidas apenas por vagabundos, teve uma resposta colossal e devastadores. Não me lembro de ter visto tanta gente limpa e decente em qualquer cerimônia religiosa ao ar livre a que tenha assistido. Todos os líderes do mundo da moda e da sociedade teatral estavam lá, muitos de terno xadrez e fumando excelentes charutos e, no caso das mulheres, a maioria usava chapéu novo e casaco.

Dentro do meu raio de visão, sempre alerta esteticamente, não havia uma única jovem do tipo espera-marido. Quatro fileiras à minha frente, sentavam-se pelo menos uma meia dúzia que não fariam feio no Follies. Atrás de mim, toda de rosa, havia outra que me fez perder quase todas as preliminares. Ela torceu por Carpentier em francês e aceitou o nocaute com heróica resignação.

-- 1921

ECONOMIA

ÀQUELE QUE TEM

Talvez a mais valiosa de todas as propriedades humanas, depois de um ar de empáfia e superioridade, seja a reputação de bem-sucedido. Nenhuma outra coisa torna a vida mais fácil. Em 90% dos homens – e em 99% dos marxistas, que dão muito mais valor ao dinheiro do que ele merece e não param de pensar nele por um segundo --, existe um impulso irresistível para se ajoelhar aos pés da riqueza,

submeter-se ao pode que ela detém e enxergar toda espécie de superioridade nos ricos ou nos que se dizem ricos. É verdade que há sempre uma ponta de inveja junto com isto, mas é uma inveja expurgada de ameaça: o homem inferior, no fundo, teve fazer mal ao homem com dinheiro; tem medo até de *pensar* mal dele – pelo menos de alguma forma patente e ofensiva. O que paralisa o ódio natural deste homem por seu superior é, digamos, a tímida esperança de que talvez lhe sobrem até alguns trocados se for bonzinho – e que lhe renderá mais soprar do que morder.

Seja qual for o processo psicológico, chega-se sempre a uma grande afabilidade. Espalhe a notícia de que Fulano arrasou no mercado de ações, casou-se com uma viúva rica ou passou a perna no governo em alguma transação patriótica – e logo todos se convencem de que o desmazelo de Fulano pelas roupas é só uma excentricidade, que sua opinião sobre vinhos merece ser ouvida ou que suas alucinações políticas são dignas de atenção. O homem considerado pobre nunca tem a menor chance. Ninguém quer ouvi-lo. Ninguém dá a mínima para o que ele pensa, sabe ou sente. Ninguém tem paciência para suas lamentações. Apreendi isto cedo na vida e o pus em prática desde então. Já lucrei muito mais com homens (e mulheres) pela reputação de estar bem de vida do que por ter sido honesto com eles, ou por espantá-los com minha sagacidade, por dar duro no trabalho ou talvez pó ruma espécie de beleza singular e inefável.

CAPITALISMO

Os impostores e charlatões que se servem atualmente dos cochões públicos de Washington parecem ter concordado numa coisa, e numa coisa só: na idéia de que o sistema capitalista está nas últimas e que, em pouco tempo, dará o lugar a algo mais nobre e *científico*. Não há, naturalmente, um pinga de verdade nisto. Ela colide, ponto por ponto, com os fatos conhecidos. Não há a menor razão para se acreditar que o capitalismo esteja em colapso ou que qualquer alternativa a ser proposta pelos mágicos em voga seja melhor. O máximo que se pode dizer é que o sistema capitalista está sofrendo transformações, algumas das quais penosas. Mas estas mudanças servirão para reforçá-lo, embora pareçam enfraquecê-lo.

Devemos a ele quase tudo que atende hoje pelo nome de civilização. O extraordinário progresso do mundo desde a Idade Média não se deveu ao mero dispêndio de energia humana, nem mesmo aos vãos do gênio humano, porque os homens vêm dano duro desde os tempos mais remotos e alguns deles tinham intelectos insuperáveis. Não, o progresso se deveu à acumulação de capital. Esta acumulação permitiu que o trabalho se organizasse economicamente e em larga escala, o que aumentou enormemente a sua produtividade. Forneceu o maquinário que gradualmente diminuiu o trabalho escravo e libertou o espírito do trabalhador, o qual, até então, mal se distinguia do de uma mula. Mais que tudo, tornou possível uma preparação melhor e mais longa pra o trabalho, de forma a que as artes e ofícios alargassem o seu raio de ação e alcance, criando com isto milhões de novas e complexas habilidades.

Devemos ao capital o fato de que a profissão médica, por exemplo, está agora realmente a serviço da humanidade, quando, até há pouco, só era útil para

curandeiros que a praticavam. Foi preciso capital acumulado para permitir o longo treinamento que a medicina começou a exigir, sair da sordidez em que chafurdava e transformar-se numa digna ciência e arte – dinheiro para manter o jovem apenas estudando e o professor para ensiná-lo, e mais dinheiro ainda para pagar pelas instalações e instrumentos de que necessitavam. Quase todo este dinheiro saiu dos bolsos capitalistas. Mas, mesmo que tenha vindo do tesouro público, não deixou de ser o capital – ou seja, sempre foi parte do lucro acumulado. Nunca poderia ter surgido dos ganhos de uma sociedade não capitalista com uma mão na frente e outra atrás.

Quando os bolcheviques, uma chusma de besta quase comparável aos homens que pensam por nós, tomaram o controle dos negócios na Rússia, tiveram que jogar no lixo imediatamente uma das regras cardeais do seu credo ostensivo. Segundo esta regra, todos os males do mundo se deviam ao fato de que, sob o capitalismo, os trabalhadores tinham perdido a propriedade dos seus meios de produção. Todas as autoridades clássicas do socialismo, de Marx e Engels para baixo, enfatizaram esta perda e, na Utopia que eles vislumbravam, o trabalhador receberia estes meios de volta, iria se tornar um produtor independente, trabalhar apenas para si e não dar nada de sua produção para um capitalista cretino. Mas, no momentos em que tomaram o poder, os bolcheviques devolveram tudo isto para a prateleira e, desde então, não se tocou mais no assunto, exceto por uns simplórios americanos. Ansiosa por administrar a Rússia com seu quintal particular, aquela equipe esperta de chicanistas viu instantaneamente que sua principal função seria a de acumular capital, para que metade de suas vítimas não morresse de fome. O velho capital tinha sido devorado pela guerra. Uma maneira fácil de consegui-lo seria tomar emprestado de outros países, mas, como ninguém abria a mão, os bolcheviques tiveram de acumular o seu próprio capital fresco.

O que conseguiram pondo os trabalhadores russos para suar de uma maneira jamais vista antes na terra ou, pelo menos, nos tempos modernos. Os trabalhadores resistiram, especialmente os camponeses, e, quando em conseqüência aconteceram as duas grandes fomes, o chapéu teve de ser passado entre os países capitalistas para alimentar os famintos. Depois, chacinando os camponeses rebeldes à coletivização e organizando os desempregados num gigantesco exército, os bolcheviques conseguiram dominar todos os trabalhadores russos. Desde então, esses pobres diabos têm trabalhado como prisioneiros forçados, com mais ou menos os mesmos salários. Todo o produto do seu trabalho, pouco acima do nível de subsistência necessário aos ratos, vai para os cofres dos bolcheviques. Com isso, estes acumularam uma bela soma de capital novo, que usam não apenas para construir fábricas cada vez maiores – infestadas de operários que nada possuem, exceto suas mãos --, como também para construir luxuosas mansões para si próprios, inclusive uma embaixada em Washington, tão extravagante que faz inveja a todos os banqueiros da cidade.

Assim, um dos princípios fundamentais do marxismo foi reduzido ao absurdo na casa dos seus supostos discípulos. Podem não passar de uns patifes, e sem dúvida o são, mas têm também uma considerável esperteza para perceber que nada que se possa chamar de uma civilização moderna pode prescindir do capital. E, por capital, quero dizer precisamente o mesmo que eles quando o atacam para consumo externo – ou seja, o lucro acumulado, não nos bolsos dos trabalhadores, mas nos das pessoas que lhes fornecem os meios de trabalho; não sob o controle daqueles que o produzem, mas sob o controle daqueles que o dominam. Os políticos desprezíveis, os pedagogos pueris

e os advogados desocupados que não param de cacarejar em Washington desde 1933 (começo do New Deal (N. T.)) fariam a mesma coisa se pudessem. Alguns deles talvez sejam realmente estúpidos para acreditar que o mundo poderia continuar sem o capitalismo, mas outros devem enxergar o suficiente para ver o que se passou na Rússia. Mas, sejam eles simples idiotas ou esperto trapaceiros, todos se julgam com autoridade para falar sobre a decadência do capitalismo, e mesmo aqueles que alegam estar tentando *salvá-lo* referem-se a ele como se estivesse nas últimas. Para silenciar o seu oco blábláblá, basta dar-lhes um emprego no governo.

Não há sentido na coisa. O mundo moderno pode dispensar o capital acumulado quanto pode dispensar a polícia ou as ruas pavimentadas. A maior transformação imaginável foi a que aconteceu na Rússia – a transferência do capital, que passou dos proprietários particulares para os políticos profissionais. Se você pensa que isto faria algum bem ao indivíduo, basta perguntar a qualquer carteiro americano. Ele trabalha para um supercapitalista chamado Tio Sam – e terá prazer em contar-lhe o que tem de suar e dar duro para cada mísero nível que ganha.

-- 1935

PSICOLOGIA

A MENTE DO ESCRAVO

Uma das divisões esquecidas entre os homens é a que separa aqueles que gostam do trabalho que têm de fazer e aqueles que se sujeitam a ele apenas como um mal necessário. Esta distinção, apesar de pouco lembrada pelos psicólogos, é provavelmente muito importante – certamente é mais importante do que as atuais divisões entre assalariados e exploradores, loiros dolicocefalos e mediterrâneos braquicefalos, darwinistas e cristãos, republicanos e democratas, católicos e protestantes. A política, a teologia e outros vícios de um homem só lhe tomam tempo, afinal, em seus momentos de lazer, e a forma de seu crânio não tem grande influência demonstrável sobre o que se passa dentro dele – mas a natureza do trabalho que ele faz condiciona todos os pensamentos e impulsos de sua vida, e sua atitude em geral diante dela é quase indistinguível da sua atitude em geral para com o mundo.

Num dos extremos, temos o escravo absoluto: o homem que tem de passar a vida desempenhando tarefas que lhe são incuravelmente desinteressantes e não oferecem nenhum consolo à sua vaidade. No outro extremo, temos aquele a quem Beethoven chamava de um artista livre: o homem que ganha a vida, sem nenhum patrão para amolá-lo diretamente, fazendo coisas que o agradam enormemente e que continuaria fazendo com prazer, mesmo que toda a pressão econômica sobre ele desaparecesse. A esta segunda categoria pertencem os homens mais felizes do mundo e, por isto, talvez, os mais úteis, porque tudo que é feito com prazer resulta mais bem feito, seja produzir um objeto material, resolver um problema ou beijar uma garota; e o homem que consegue fazer o resto da humanidade pagá-lo para ser feliz será obviamente um homem melhor do que os outros ou, no mínimo, de mais sorte. Aqui, sorte e superioridade se confundem. O fato de que Joseph Conrad sabia escrever melhor do que eu foi, em certo sentido, pura sorte: ele já nasce com seu talento, não

teve de conquistá-lo. Não obstante, este talento era tão real quanto se ele o tivesse adquirido através de algum superempenho cristão, o que torna sua superioridade perfeitamente legítima.

O escravo está sempre cômico da sua escravidão, e faz constantes e desesperadas tentativas de mitigá-la ou livrar-se dela de uma vez. Às vezes, busca este alívio em atividades externas que prometem dar-lhe a sensação de dignidade e importância que seu trabalho diário lhe nega; outra vezes, tenta emprestar uma falsa aparência de dignidade e importância que o seu trabalho diário lhe nega; n